



Manual de Estrutura e Dinâmica do Cão

Qualquer reprodução, total ou parcial, dos textos e ilustrações deste Manual de Estrutura e Dinâmica do Cão somente pode ser feita por autorização formal da CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CINOFILIA (CBKC).

Editado pela Confederação Brasileira de Cinofilia

4ª Edição
Conselho Cinotécnico da CBKC
Elaboração: Claudio Nazaretian Rossi
Revisão: Jayme Martinelli

2013



SUMÁRIO

1º PARTE: DESCRIÇÃO DO ARCABOUÇO ÓSSEO	12
I. ESQUELETO	13
1. Ossos	13
1.1. Ossos Longos	14
1.2. Ossos Chatos	14
1.3. Ossos Curtos	14
1.4. Ossos Irregulares	14
2. Cartilagens	14
3. Articulações	14
3.1. Articulações Móveis	15
3.2. Articulações Semimóveis	15
3.3. Articulações Imóveis	15
II. ESQUELETO AXIAL	15
1. Ossos da Cabeça	15
1.1. Ossos do Crânio	15
1.1.1. Frontais	15
1.1.2. Parietais	16
1.1.3. Temporais	16
1.1.4. Occipital, Occipucio ou Occiput	17
1.2. Ossos da Face	17
1.2.1. Zigomáticos	17
1.2.2. Nasais e Vômer	18
1.2.3. Maxilar Superior	18
1.2.4. Mandíbula ou Maxilar Inferior	18
1.3. Dentes	18
1.3.1. Tipos	18
1.3.1.1. Incisivos (I)	18
1.3.1.2. Caninos (C)	18
1.3.1.3. Pré-Molares (P)	18
1.3.1.4. Molares (M)	19
1.3.2. Fórmula Dentária	19
1.3.3. Articulação Dentária	19



1.3.3.1. Chaves de Articulação	19
1.3.3.2. Prognatismos Ósseos.....	20
1.3.3.3. Tipos Fisiológicos de Mordedura	20
1.3.3.4. Faltas Dentárias e Dentes Extranumerários	21
2. Coluna ou Espinha Vertebral	21
2.1. Divisão da Coluna Vertebral - Regiões.....	22
2.1.1. Região Cervical	22
2.1.2. Região Torácica ou Dorsal	22
2.1.3. Região Lombar	22
2.1.4. Região Sacral ou Sacro	23
2.1.5. Região Coccígea	23
3. Tórax	23
3.1. Costelas.....	23
3.2. Esterno	24
III. ESQUELETO APENDICULAR	24
1. Membros Torácicos	24
1.1. Ombro.....	24
1.2. Membro Torácico Propriamente Dito	25
1.2.1. Braço	25
1.2.2. Antebraço	25
1.2.3. Pata Torácica ou Pé Torácico.....	25
1.2.3.1. Punho ou Carpo.....	25
1.2.3.2. Metacarpos	25
1.2.3.3. Falanges	26
1.2.3.4. Pata Propriamente Dita.....	27
2. Membros Pélvicos	27
2.1. Garupa ou Pelve.....	27
2.1.1. Ílio	27
2.1.2. Ísquio	27
2.1.3. Púbis.....	27
2.2. Membro Pélvico Propriamente Dito	28
2.2.1. Coxa	29
2.2.2. Perna	29



2.2.3. Pata Pélvica ou Pé Pélvico	29
2.2.3.1. Punho ou Carpo.....	29
2.2.3.2. Metatarsos	29
2.2.3.3. Falanges	29
2.2.3.4. Pata Propriamente Dita.....	29
IV. CONEXÃO DO ARCABOUÇO ÓSSEO	31
1. LIGAMENTOS	31
2. MÚSCULOS ESQUELÉTICOS.....	31
2.1. Músculos da Cabeça	31
2.2. Músculos da Coluna Vertebral.....	31
2.3. Músculos do Pescoço.....	31
2.4. Músculos do Tórax	31
2.5. Músculos da Região Lombar e Abdominal	31
2.6. Músculos da Região Pélvica.....	31
2.7. Músculos dos Membros	31
2ª PARTE: FENÓTIPO DO CÃO	34
I. CABEÇA	35
1. Cabeça Vista como um Todo.....	35
1.1. Índice cefálico (IC).....	35
1.1.1. Dolicocefalos ou Dolicocefálicos.....	36
1.1.2. Mesaticéfalos ou Mesaticefálicos	36
1.1.1. Braquicéfalos ou Braquicefálicos.....	37
2. Classificação pelo Tipo	38
2.1. Graioides ou Cabeça Graióide.....	38
2.2. Bracóides ou Cabeça Bracóide	38
2.3. Lupóides ou cabeça lupóide	38
2.4. Molossóides ou Cabeça Molossóide	38
3. Regiões da Cabeça	38
3.1. Crânio	38
3.1.1. Testa ou Região Frontal	39
3.1.1.1. Testa Alta.....	40
3.1.1.2. Testa Baixa	40
3.1.1.3. Testa Reta	40



3.1.1.4. Testa Inclinada	41
3.1.2. "Stop"	41
3.1.2.1. "Stop" Indefinido	41
3.1.2.2. "Stop" Pouco Definido.....	42
3.1.2.3. "Stop" Pouco Bem Definido	42
3.1.2.4. "Stop" Marcado ou Muito Definido	42
3.1.3. Calota Craniana, Abóbada Craniana ou Topo do Crânio.....	43
3.1.3.1. Crânio Chato.....	43
3.1.3.2. Crânio Arredondado	43
3.1.3.3. Crânio Redondo ou Cabeça Redonda	44
3.1.3.4. Crânio ou Cabeça de Maçã	44
3.1.3.5. Crânio Largo	45
3.1.3.6. Crânio Estreito	45
3.1.3.7. Crânio Curto	45
3.1.3.8. Crânio Longo	46
3.1.3.9. Crânio Paralelo ao Focinho	46
3.1.3.10. Crânio Inclinado.....	46
3.1.3.11. Crânio Fugídio	47
3.1.3.12. Crânio de Bordas Angulosas ou Bordas Retas	47
3.1.3.12. Crânio de Bordas Arredondadas	47
3.1.4. Laterais Cranianas ou Paredes Cranianas	48
3.1.5. Região Zigomática.....	48
3.1.6. Região das Bochechas.....	48
3.1.7. Occipital, Occipucio ou Occiput	48
3.1.7.1. Occipital Proeminente.....	48
3.1.7.2. Occipital Não Proeminente	49
3.1.8. Olhos	49
3.1.8.1. Estrutura	49
3.1.8.2. Classificação.....	50
3.1.9. Orelhas	55
3.1.9.1. Constituição	55
3.1.8.2. Classificação.....	56
3.2. Focinho.....	62



3.2.1. Regiões do Focinho	63
3.2.1.1. Raiz do Focinho	63
3.2.1.2. Cana Nasal ou Linha Superior do Focinho	63
3.2.1.3. Anterior do Focinho	65
3.2.1.4. Mandíbula ou Maxilar	66
3.2.1.5. Laterais do Focinho	67
3.2.1.6. Focinho Como um Todo	68
3.3. Boca	70
3.3.1. Lábios	70
3.3.1.1. Lábios Aderentes	70
3.3.1.2. Lábios Pendentes	71
3.3.1.3. Lábios Finos	71
3.3.1.4. Lábios Secos ou Estirados	71
3.3.1.5. Lábios Bem Desenvolvidos.....	72
3.3.1.6. Lábios Grossos.....	72
3.3.2. Língua.....	72
4. PESCOÇO	73
4.1. Linha Superior do Pescoço ou Nuca	73
4.2. Linha Inferior do Pescoço ou Garganta	75
4.2.1. Barbela	75
4.2.2. Papada	75
4.3. Laterais do Pescoço	75
4.4. Base do Pescoço.....	75
5. TRONCO	75
5.1. Tórax	76
5.1.1. Dorso ou Linha Superior do Tórax.....	76
5.1.1.1. Cernelha	76
5.1.1.2. Espáduas.....	76
5.1.2. Laterais do Tórax.....	76
5.1.2.1. Costelas Pouco Arqueadas	77
5.1.2.2. Costelas de Bom Arqueamento	77
5.1.2.3. Costelas Bem ou Muito Arqueadas	77
5.1.2.4. Costelas Achatadas.....	77



5.1.2.5. Tórax ou Costelas em Arco ou Costelas em “Barril”	77
5.1.2.6. Tórax em Forma de “Coração de Baralho” ou em “Copas”	77
5.1.3. Antepeito e Peito	77
5.1.3.1. Peito Largo	77
5.1.3.2. Peito Mediano	78
5.1.3.3. Peito Estreito	78
5.1.3.4. Peito de “Pomba”	78
5.1.3.5. Peito de “Quilha”	78
5.1.3.6. Peito de “Proa”	78
5.1.3.7. Peito Pouco ou Não Muito Profundo	78
5.1.3.8. Peito Profundo	78
5.1.3.9. Peito Muito Profundo	78
5.1.4. Linha Inferior do Tórax ou Esterno	78
5.2. Abdômen	79
5.2.1. Lombo ou Região Lombar	79
5.2.3.1. Lombo Curto	79
5.2.3.2. Lombo de Bom Comprimento	80
5.2.3.3. Lombo Comprido	80
5.2.2. Linha Inferior do Abdômen	80
5.2.3. Laterais do Abdômen	81
5.3. Corpo Visto como um Todo	81
5.3.1. Linha Superior do Corpo ou Dorso	81
5.3.1.1. Linha Superior em Nível ou Dorso em Nível	81
5.3.1.2. Linha Superior Inclínada ou Dorso Inclínado	81
5.3.1.3. Linha Superior Ascendente	82
5.3.1.4. Dorso em Nível e Lombo Arqueado	82
5.3.1.5. Linha Superior Côncava ou Dorso de Camelo	82
5.3.1.6. Linha Superior Carpeada ou Dorso Carpeado	83
5.3.1.7. Linha Superior Selada ou Dorso Selado	83
6. MEMBROS	84
6.1. Torácicos	84
6.1.1. Ombro ou Região Escapular	84
6.1.1.1. Relativamente à Musculatura	85



6.1.1.2. Relativamente à Angulação da Escápula	85
6.1.1.3. Cernelha ou Ângulo Anterior da Escápula	87
6.1.1.4. Ponta do Ombro	88
6.1.2. Braço	88
6.1.3. Antebraço ou Perna da Frente.....	89
6.1.3.1. Aprumos	89
6.1.4. Munheca ou Pata Torácica	90
6.1.4.1. Munheca Torcida	90
6.1.4.2. Munheca Cedida.....	90
6.1.4.3. Munheca Flexionada (Fletida) Para Frente.....	90
6.1.5. Pés Torácicos	92
6.1.5.1. Tipos de Pés	92
6.1.5.2. Unhas	94
6.1.5.3. “Ergô” Torácico	95
6.2. Pélvicos	95
6.2.1. Garupa ou Pelve.....	95
6.2.1.1. Alterações no Comprimento da Garupa	96
6.2.1.2. Alterações nos Diâmetros da Garupa	97
6.2.1.3. Alterações nos Ângulos da Garupa	98
6.2.1.4. Alterações na Inclinação da Garupa.....	98
6.2.2. Coxa	99
6.2.2.1. Articulação Coxo-Femoral	99
6.2.2.2. Joelho, Articulação do Joelho ou Angulação do Joelho.....	99
6.2.3. Pernas Traseiras ou Região da Tíbia	99
6.2.4. Jarrete	100
6.2.4.1. Jarrete de "Vaca"	100
6.2.4.2. Pernas em "Arco"	101
6.2.4.3. Pernas em "X"	101
6.2.4.4. Jarrete em "Foice"	101
6.2.5. Pés Pélvicos	102
6.2.5.1. “Ergô” Pélvico	102
6.3. Comprimento dos Membros Torácicos e Pélvicos.....	102
7. CAUDA	102



7.1. Quanto à Inserção	103
7.1.1. Cauda de Inserção Baixa.....	103
7.1.2. Cauda de Inserção Mediana.....	103
7.1.3. Cauda de Inserção Alta	103
7.2. Quanto ao Porte	103
7.2.1. Porte Abaixo da Linha Superior	103
7.2.2. Porte ao Nível da Linha Superior.....	103
7.2.3. Porte Acima da Linha Superior	104
7.2.3.1. Cauda de Porte Inclinado (ou Oblíquo)	104
7.2.3.2. Cauda Ereta.....	104
7.2.3.3. Cauda Sobre a Linha Superior	104
7.3. Quanto ao Comprimento	104
7.3.1. Cauda Longa	105
7.3.2. Cauda de Comprimento Moderado.....	105
7.3.3. Cauda Curta	105
7.3.4. Cauda Ausente ou Anurismo	105
7.4. Quanto à Forma.....	105
7.4.1. Cauda “Enroscada”	105
7.4.2. Cauda “Enrolada” ou em Forma de Anel	105
7.4.3. Cauda de “Esquilo”	106
7.4.4. Cauda em Forma de Saca-Rolha	106
7.4.5. Cauda em Forma de Cenoura	106
7.4.6. Cauda em Forma de Chicote.....	106
7.4.7. Cauda em Forma de Cimitarra	106
7.4.8. Cauda em Forma de Sabre ou Foice.....	106
7.4.9. Cauda em Forma de Letra "Jota" (J) ou em Forma de Gancho.....	106
7.4.10. Cauda em Forma de Ponto de Interrogação (?)	106
7.4.11. Cauda Reta.....	106
7.4.12. Cauda de "Lontra"	107
7.5. Quanto à Integridade	107
7.5.1. Cauda Íntegra	107
7.5.2. Cauda Cortada ou Amputada	107
7.5.2.1. Cauda Cortada Muito Curta	107



7.5.2.2. Cauda Cortada Curta.....	108
7.5.2.3. Cauda Cortada Não Muito Curta	108
7.6. Quanto à Pelagem.....	108
7.6.1. Cauda “Emplumada”	108
7.6.2. Cauda “Franjada”	108
7.6.3. Cauda em “Pincel”	108
7.6.4. Cauda em “Escova”	108
7.6.5. Cauda “Pelada” ou “Cauda de Rato”	108
7.6.6. Cauda em “Pom Pom” ou “Tosada”.....	108
7.7. Outras Designações	109
7.7.1. Cauda “Alegre”	109
7.7.2. Cauda “Morta”	109
7.7.3. Cauda “Desviada”	109
7.7.4. Cauda “Quebrada”	110
8. PELE E SEUS ANEXOS.....	110
8.1. Pelagem	110
8.1.1. Quanto à Coloração.....	111
8.1.1.1. Intensidade de Coloração do Pigmento	111
8.1.1.2. Tom de Coloração do Pelame	111
8.1.2. Quanto ao Tipo	113
8.1.2.1. Pelagem Reta ou Lisa	113
8.1.2.2. Pelagem Ondulada	113
8.1.2.3. Pelagem Cacheada ou Encaracolada	113
8.1.2.4. Pelagem Crespa ou Frisada	113
8.1.2.5. Pelagem Encordoada	113
8.1.3. Quanto ao Comprimento.....	113
8.1.3.1. Pelagem Curta	114
8.1.3.2. Pelagem Longa.....	114
8.1.4. Quanto à Densidade.....	114
8.1.4.1. Pelagem Ausente ou Escassa	114
8.1.4.2. Pelagem Rala ou Aberta.....	114
8.1.4.3. Pelagem Densa ou Abundante	114
8.1.5. Quanto à Textura.....	115



8.1.5.1. Pelagem Dura	115
8.1.5.2. Pelagem Macia	115
8.1.5.3. Pelagem Sedosa	115
8.1.5.4. Pelagem Lanosa	115
8.1.5.5. Pelagem Áspera	115
8.1.6. Quanto à Posição	115
8.1.6.1. Pelagem "Acamada" ou "Deitada"	115
8.1.6.2. Pelagem "Arrepiada" ou "Eriçada"	115
8.1.7. Quanto ao Preparo	116
3º PARTE: ESTABILIDADE, MOVIMENTAÇÃO E BALANÇO DO CÃO	117
1. ESTABILIDADE	118
1.1. Anterior ou Frente do Cão	118
1.1.1. Teste Prático do Triângulo	118
1.2. Posterior ou Traseira do Cão	119
1.3. Tronco do Cão	120
2. MOVIMENTAÇÃO	121
2.1. Convenções de Pegadas e Rastros	123
2.2. Movimentação no Mesmo Plano	123
2.3. Formas de Movimentação Mais Comuns	126
2.3.1. Passo	126
2.3.2. Trote	126
2.3.3. "Cânter" ou Galope Travado	127
2.3.4. Galope de Suspensão Simples	127
2.3.5. Galope, Galope Pleno ou Galope de Dupla Suspensão	128
2.3.6. Outros Tipos de Movimentação	128
2.3.6.1. "Amble" ou Passo Ligeiro	128
2.3.6.2. Marcha ou Passo de "Camelo"	129
2.3.6.3. Trote Flutuante ou Trote Ligeiro	129
2.3.6.4. Trote Tipo "Hackney"	130
2.4. Como Avaliar uma Correta Movimentação	131
2.4.1. Com o Cão Parado	131
2.4.2. Com o Cão em Movimento	133
2.4.2.1. Movimentação de Ída (Vista por Tras) e Volta (Vista pela Frente)	133



2.4.2.2. Movimentação Lateral (Vista de Lado)	136
3. BALANÇO.....	135
3.1. Centro de Gravidade do Cão	135
3.2. Desbalanceamentos ou Desequilíbrios	136
4º PARTE: MISCELÂNEA	138
1. CLASSIFICAÇÃO DOS CÃES.....	139
1.1. Quanto à Função	139
1.1.1. Divisão em Grupos da FCI e Considerações	139
1.2. Quanto ao Tipo Esquelético.....	140
1.2.1. Tipo Esquelético Convencional.....	140
1.2.2. Tipo Esquelético dos Cães Árticos	140
1.2.3. Tipo Esquelético dos “Frentes Largas”	141
1.2.4. Tipo Esquelético dos Lebréis.....	142
1.2.5. Tipo Esquelético dos Terriers	142
1.2.6. Tipo Esquelético dos Cães de “Patatas Curtas”	143
2. TEMPERAMENTO DOS CÃES	144
3. AVALIAÇÃO DO ESTADO GERAL DO CÃO	144
4. DESQUALIFICAÇÕES E DESCLASSIFICAÇÕES.....	144
4.1. Desqualificações ou Faltas Desqualificantes.....	144
4.1.1. Desqualificações Gerais	145
4.1.1.1. Cegueira	145
4.1.1.2. Surdez	145
4.1.1.3. Anomalia Física	145
4.1.1.4. Criptorquidia (Mono ou Bilateral)	145
4.1.2. Desqualificações Específicas	145
4.2. Desclassificações ou Faltas desclassificantes.....	146
4.2.1. Desclassificações Gerais.....	146
4.2.1.1. Sinais de Doença Infecciosa e/ou Parasitária.....	146
4.2.1.2. Fêmeas em Adiantado Estado de Gestação ou em Aleitamento.....	146
4.2.2. Desclassificações Específicas	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	147



1º PARTE:

DESCRIÇÃO DO ARCABOUÇO ÓSSEO

I. ESQUELETO

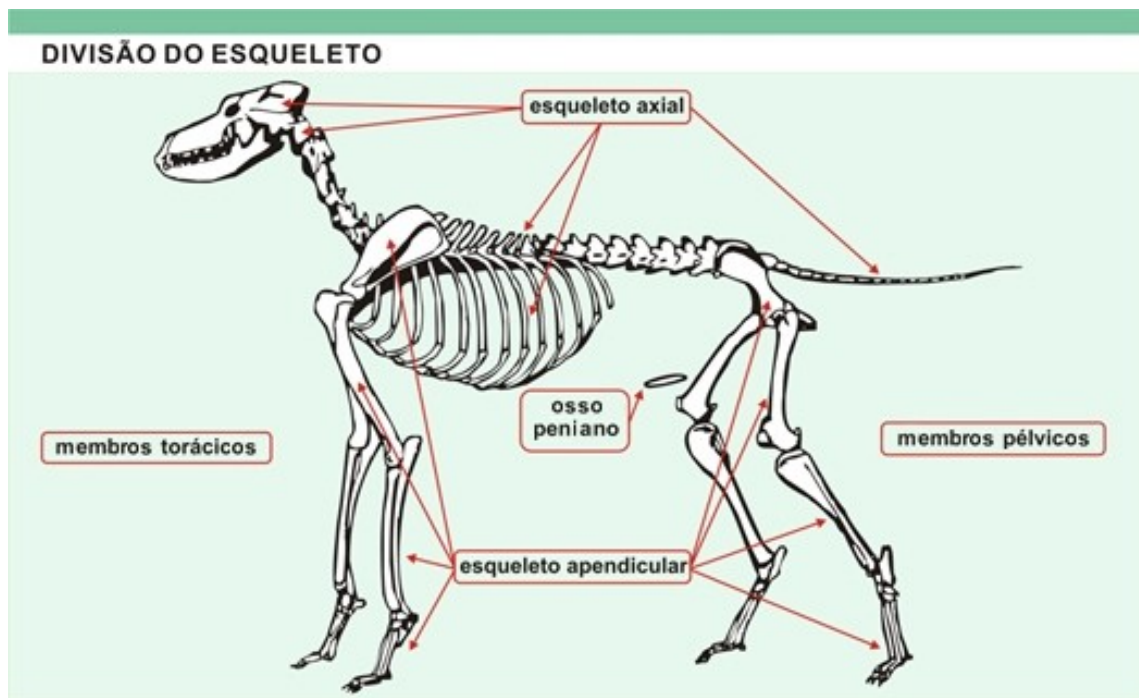
“Esqueleto é a armação de consistência dura que suporta e protege os tecidos moles dos animais” (SISSON; GROSSMAN; GETTY, 1986).

Nos animais vertebrados o esqueleto é interno e, embora existam peculiaridades em cada espécie, em linhas gerais, nos mamíferos superiores há uma semelhança muito acentuada.

O esqueleto é composto por ossos e cartilagens e divide-se em esqueleto axial e apendicular, além do osso peniano nos machos (figura 1):

- *Esqueleto axial*: que compreende os ossos da cabeça, da coluna e da caixa torácica;
- *Esqueleto apendicular*: que compreende os ossos que compõem os membros torácicos e pélvicos;
- *Ossos penianos*: que compreende o osso peniano.

Figura 1: Divisão do esqueleto do cão.



1. **OSSOS**

São peças de tecido bastante duro e, para fins didáticos, dividem-se em quatro tipos: ossos longos, chatos, curtos e irregulares.



1.1. OSSOS LONGOS

Caracterizam-se pela predominância do comprimento em relação à largura e espessura, bem como por serem cilíndricos e com as extremidades alargadas. Servem de coluna de sustentação para o esqueleto do cão.

Ex.: úmero, rádio-ulna, metacarpianos, fêmur, tibia-fíbula e metatarsianos.

1.2. OSSOS CHATOS

São aqueles nos quais predominam duas dimensões em detrimento da terceira. Têm como função a proteção dos órgãos subjacentes.

Ex.: ossos da calota craniana, gleno (escápula) e o coxal.

1.3. OSSOS CURTOS

Nos quais não há predominância de nenhum dos diâmetros. Sua função principal é amortecer choques.

Ex.: ossos do carpo, do tarso e os sesamóides, que se desenvolvem entre os carpianos, tarsianos e as primeiras falanges, diminuindo o impacto; patela.

1.4. OSSOS IRREGULARES

Não têm forma geométrica, são ímpares e se situam geralmente na linha mediana. Possuem funções variadas e não específicas como os precedentes.

Ex.: vértebras e ossos ímpares do crânio e o temporal.

Alguns ossos não se enquadram bem nessa classificação, como é o caso das costelas que, em se considerando a sua conformação, podem ser inseridas em vários desses tipos, mas que, de maneira geral, são classificadas como ossos alongados.

2. CARTILAGENS

São tecidos menos rígidos que os ossos e desempenham várias funções, tais como: servem de suporte aos tecidos moles; revestem as superfícies articulares, absorvendo choques e facilitando o deslizamento; são essenciais para a formação e crescimento dos ossos longos. Podem fazer parte do próprio osso (costelas e vômer), contribuir no seu crescimento (cartilagens de crescimento) ou fazer parte da formação de determinadas articulações, quer como coxins ou tiras de ligamento.

3. ARTICULAÇÕES

"Articulação constitui a união de dois ou mais ossos ou cartilagens, por meio de outros tecidos" (SISSON; GROSSMAN; GETTY, 1986). As peças ósseas conectam-se entre si por pontos chamados **articulações**, a fim de permitir a estruturação do esqueleto e a realização dos movimentos ósseos necessários ao desempenho das funções do organismo.



As articulações são classificadas de acordo com a sua mobilidade em:

3.1. ARTICULAÇÕES MÓVEIS

Também chamadas de articulações verdadeiras, permitem amplos movimentos. São as articulações dos membros como um todo.

Ex.: escápulo-umeral (gleno-umeral para os carnívoros), articulação do cotovelo, coxo-femoral e articulação do joelho.

3.2. ARTICULAÇÕES SEMIMÓVEIS

Possuem características comuns às duas anteriores, são constituídas por lâminas fibro-cartilaginosas e também por ligamentos.

Ex.: articulações intervertebrais.

3.3. ARTICULAÇÕES IMÓVEIS

São articulações unidas por tecido fibroso e/ou cartilaginoso, de forma que praticamente impedem o movimento.

Ex.: suturas cranianas, sínfise mentoniana e do púbis.

II. ESQUELETO AXIAL

1. OSSOS DA CABEÇA

A cabeça constitui a extremidade superior do esqueleto axial e divide-se em duas partes:

- *Crânio*: formado pelos ossos craniais;
- *Face (ou focinho)*: constituída pelos ossos faciais.

As suas funções principais são conter e proteger o encéfalo, os órgãos do sentido e as terminações superiores do aparelho digestivo e respiratório. Os ossos de importância na interpretação dos padrões raciais são:

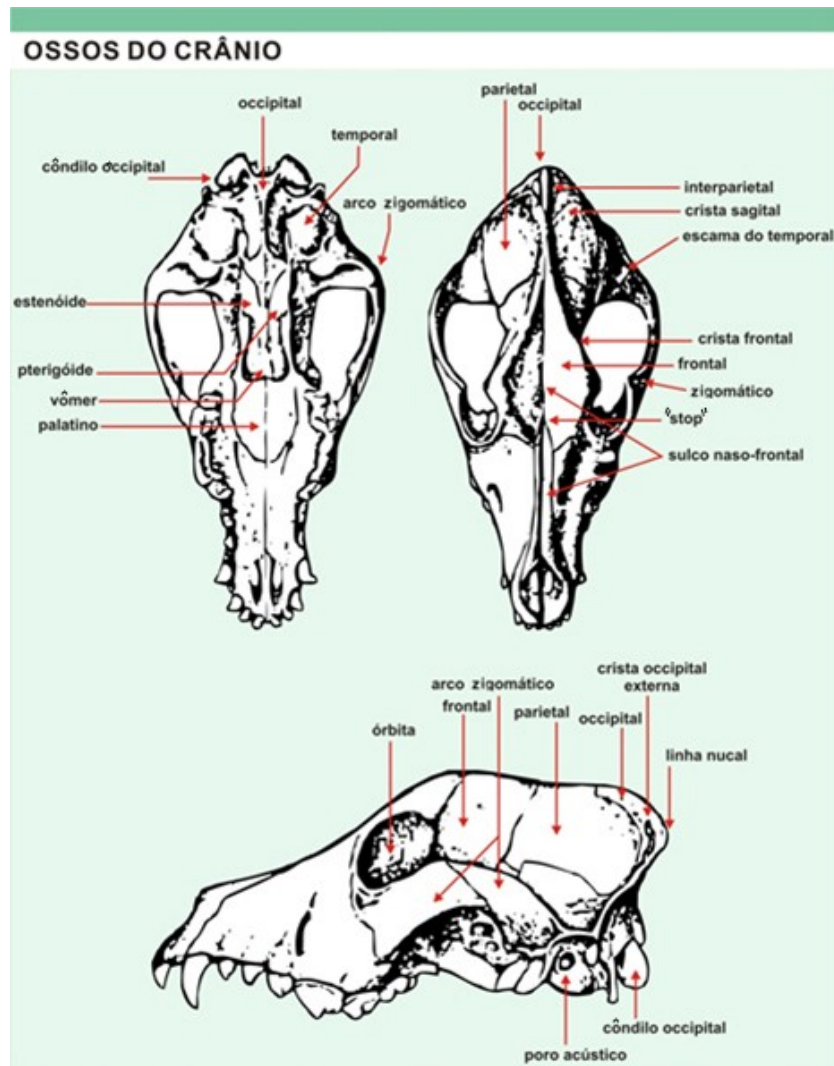
1.1. OSSOS DO CRÂNIO

Compõem a metade posterior da cabeça, sendo os principais (figura 2):

1.1.1. Frontais

São dois ossos que se situam na porção anterior do crânio; articulam-se entre si na linha mediana, formando uma depressão que continua na junção dos ossos nasais e se denomina **sulco naso-frontal**.

Figura 2: Divisão dos ossos do crânio do cão.



O ponto de encontro dos dois ossos frontais com os dois nasais denomina-se “stop”. A porção anterior do frontal forma o rebordo orbitário, cujo prolongamento interno constitui a parede óssea da cavidade orbital. A partir do rebordo orbitário existe uma crista, denominada crista frontal ou testa que, dirigindo-se para a linha mediana, encontra-se com a crista parietal.

1.1.2. Parietais

São dois ossos que formam a calota craniana propriamente dita e que se articulam entre si formando a **crista parietal**. Articulam-se na porção anterior com os frontais, na posterior, com o occipital e, na inferior, com o temporal do lado correspondente.

1.1.3. Temporais

São dois ossos que constituem a maior parte das laterais do crânio. Possuem uma projeção óssea, que juntamente com a do osso zigomático, formam o **arco zigomático**, que limita externamente a **cavidade orbitária** e a da **orelha (conduto auditivo)**.

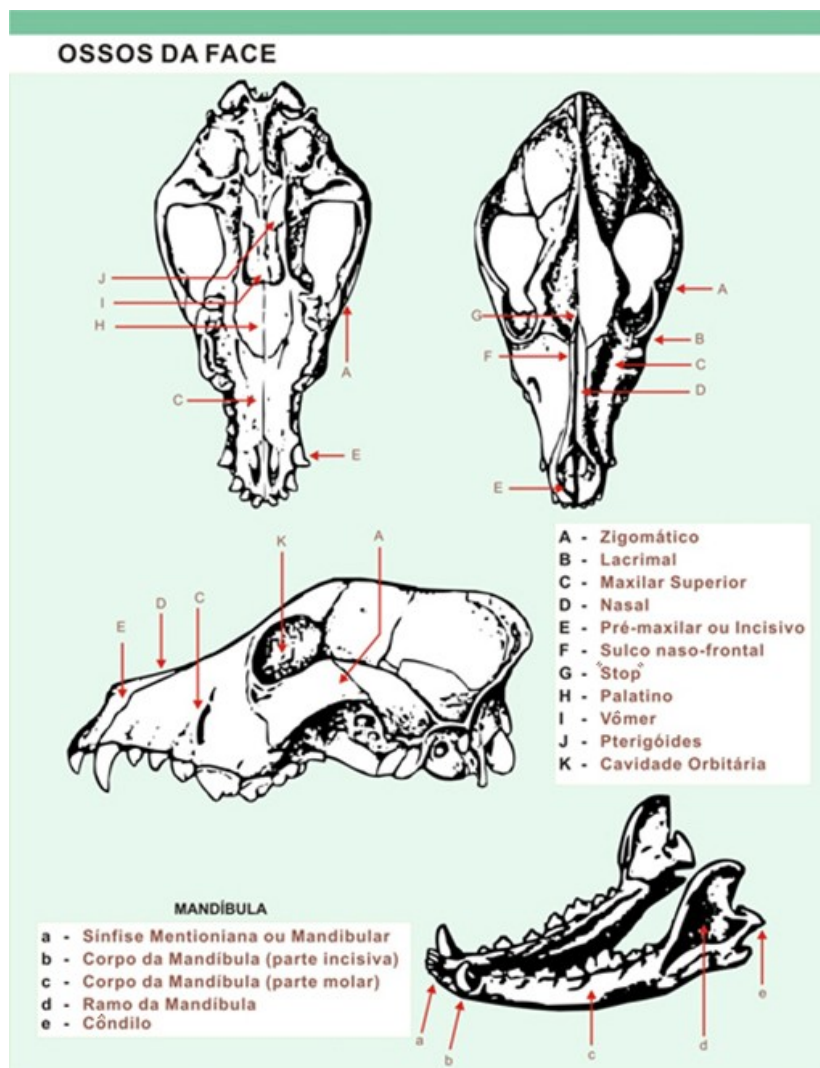
1.1.4. Occipital, Occipucio ou Occiput

É um osso que constitui a parte posterior do crânio. Possui uma saliência que se denomina **crista nugal**, cuja porção mais proeminente recebe o nome de **protuberância occipital**, muitas vezes meramente designada como **occipital** nos padrões.

1.2. OSSOS DA FACE

Compõem a metade anterior da cabeça (cara ou focinho), sendo que os de interesse são (figura 3):

Figura 3: Divisão dos ossos da face do cão.



1.2.1. Zigomáticos

São dois ossos que concorrem para a formação das cavidades orbitárias e do arco zigomático. A distância entre os dois pontos mais afastados dos arcos zigomáticos determina a largura da cabeça.



1.2.2. Nasais e Vômer

Os **nasais** são dois ossos de formato estreito e comprido, que formam a linha superior do focinho. Já o **vômer** é um osso único que forma o septo nasal e cuja porção cartilaginosa forma a parte anterior da linha superior do focinho.

1.2.3. Maxilar Superior

São dois ossos que constituem praticamente todo o focinho. Formam as fossas nasais e a arcada dentária superior.

1.2.4. Mandíbula ou Maxilar Inferior

Formada por dois ossos que se unem, na parte anterior, formando o **queixo**, e, na parte inferior, constituindo a arcada dentária inferior. A mandíbula articula-se com os ossos temporais, formando a única articulação móvel da cabeça.

1.3. DENTES

São órgãos extremamente duros e brancos que, nos canídeos, exercem funções predatórias e mastigatórias.

1.3.1. Tipos

Os cães possuem quatro tipos fundamentais de dentes:

1.3.1.1. Incisivos (I)

Têm forma de cunha e por função a de cortar. São doze, sendo seis na arcada superior e seis na inferior. Situam-se entre os caninos e denominam-se:

- *Pinças*: os centrais;
- *Cantos*: os próximos aos caninos;
- *Médios*: os entre os dois acima.

1.3.1.2. Caninos (C)

Têm forma cônica alongada (pontiaguda), são ligeiramente recurvados e têm função predatória. São os dentes mais importantes; em número de quatro, dois situados na arcada superior e dois na inferior. Situam-se entre os incisivos e os pré-molares.

1.3.1.3. Pré-molares (P)

Têm forma de pirâmide achatada; os primeiros ajudam na apreensão e os últimos na mastigação. São dezesseis no total, sendo oito inseridos na arcada superior e oito na inferior. Situam-se entre o canino e o 1º molar e recebem o nome de 1º, 2º, 3º e 4º pré-molares.



1.3.1.4. Molares (M)

Alguns têm forma similar aos pré-molares (1° molar inferior), outros possuem uma face trituradora. Têm função mastigatória. São dez, sendo quatro na arcada superior e seis na inferior. Situam-se após o 4° pré-molar e denominam-se 1°, 2° e 3° molares.

Os maiores dentes das arcadas são o 4° P superior e o 1° M inferior, cuja função é dilaceradora e, por isso, são denominados de **carniceiros**.

1.3.2. Fórmula Dentária

Os cães possuem 42 dentes permanentes, dos quais 20 estão inseridos na arcada superior, sendo, portanto, 10 em cada semiarcada superior; já na arcada inferior, são 11 em cada semiarcada, resultando, assim, a seguinte fórmula dentária:

$$2 \times \left[\begin{array}{cccc} 3 I & 1 C & 4 P & 2 M \\ \hline 3 I & 1 C & 4 P & 3 M \end{array} \right]$$

1.3.3. Articulação Dentária

É a forma de contato dos dentes da arcada superior com os da inferior, a fim de desempenhar suas funções. Os dentes articulam-se da seguinte maneira:

- *Incisivos*: com os seus correspondentes, sendo que o posicionamento entre si dos incisivos superiores e inferiores dependerá do tipo de mordedura.
- *Caninos*: os superiores atrás dos inferiores.
- *Pré-molares*: o **P1** superior entre o **P1** e **P2** inferiores;
o **P2** superior, entre o **P2** e **P3** inferiores;
o **P3** superior entre o **P3** e **P4** inferiores;
o **P4** superior entre o **P4** e **M1** inferiores.
- *Molares*: o **M1** superior entre o **M1** e **M2** inferiores;
o **M2** superior com o **M2** inferior.

1.3.3.1. Chaves de Articulação

São articulações dentárias individuais que servem de referência para determinar a qualidade da articulação geral. Elas são: a do P4 superior com o P4 e M1 inferiores; a dos caninos.

Sendo corretas as **chaves de articulação**, a articulação dentária como um todo também o será; não o sendo, servem para indicar o que em **cinotecnia se** designa por "prognatismos".

1.3.3.2. Prognatismos Ósseos

Palavra originária do grego, onde 'pro' significa 'movimento para frente'; e 'gnathós', 'queixo' ou 'mandíbula'; são, portanto, decorrentes da oscilação do tamanho da mandíbula em relação ao maxilar superior, acarretando alterações nas articulações dos caninos e dos incisivos, sendo que a chave para determiná-los é a articulação dos caninos. Pela origem da palavra, o termo prognatismo é sempre inferior, porém, pelo uso errôneo do mesmo (por "vício de linguagem"), a cinofilia mundial adotou o termo tanto para a maxila superior quanto para a mandíbula. Assim, o prognatismo ósseo pode ser:

a) *Prognatismo mandibular (Prognatismo inferior)*: é a situação na qual a mandíbula é mais longa que o maxilar superior. Nesse tipo de prognatismo o canino inferior situa-se adiante do superior, sem tocá-lo e havendo, entre ambos, um espaço que será tanto maior quanto maior o grau de prognatismo.

b) *Prognatismo maxilar (Retrognatismo inferior)*: a mandíbula é mais curta que o maxilar superior. O canino inferior invade a área superior e, nos casos mais graves, encontra-se até mesmo atrás dele. **É sempre uma falta grave ou, até mesmo, desqualificante.**

c) *Torções mandibulares*: a oscilação do tamanho da mandíbula pode ocorrer de um ou de ambos os lados: quando bilateral e igual, acarreta "prognatismo ósseo", quando unilateral, ou desigual, o que se designa como torção mandibular, que **constitui sempre uma falta grave ou, até mesmo, desqualificante.**

1.3.3.3. Tipos Fisiológicos de Mordedura

A mordedura é a forma de oclusão da articulação das arcadas dentárias, ou seja, dos dentes superiores e inferiores entre si (figura 4), sendo que cada tipo corresponde a uma exigência funcional. A mordedura pode ser em:

a) *Tesoura*: na oclusão, a face interna dos incisivos superiores toca a face externa dos incisivos inferiores (figura 4). Exige-se nas raças cujo trabalho não requer um poder de mordida destruidor. Ex.: Bracos, Pointers e Setters em geral, cães árticos, cães de guarda e pastoreio.

b) *Tesoura invertida*: na oclusão, a face interna dos incisivos inferiores toca a face externa dos incisivos superiores (figura 4). Ex.: Lhasa Apso.

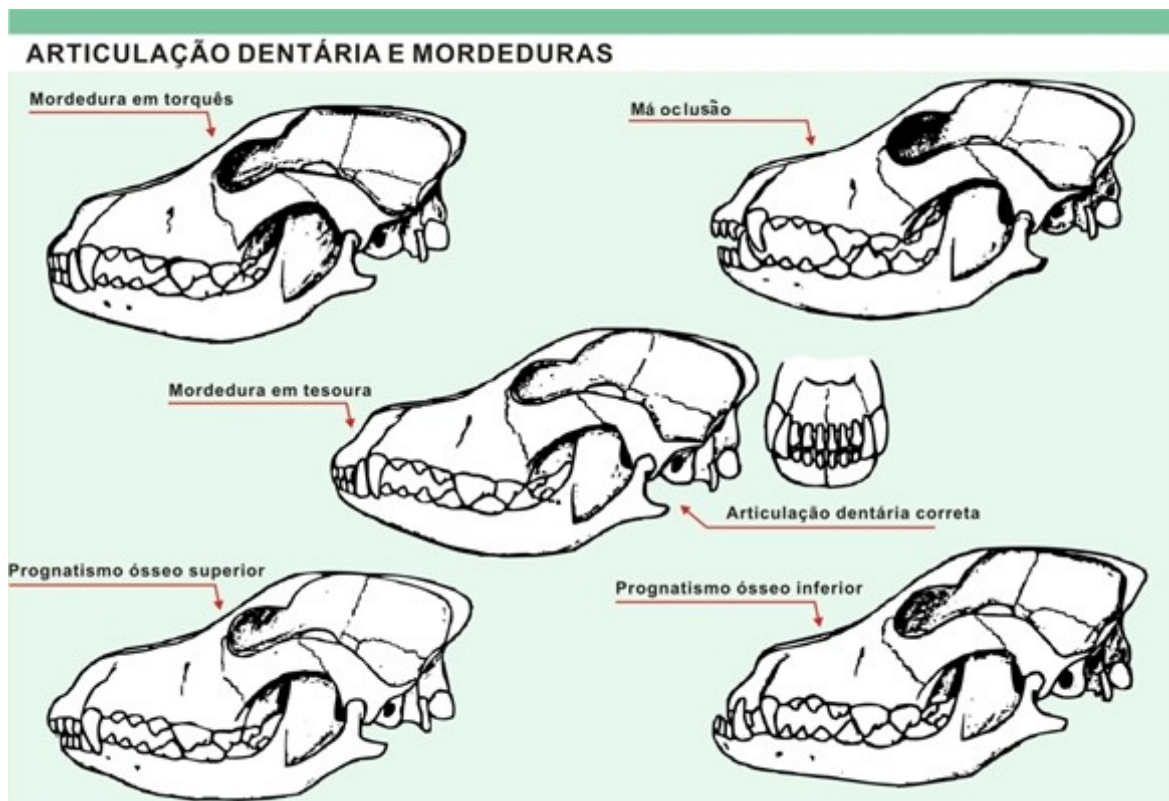
c) *Torquês*: na oclusão, a face cortante (ponta) dos incisivos superiores toca a face cortante dos inferiores (figura 4). Aceita-se esse tipo de mordedura nas raças que matam suas presas a dentadas. Ex.: Dogo, Argentino, Hounds e Terriers em geral.

d) *Prognatismo mandibular (Prognatismo inferior)*: como previamente descrito, ocorre o desalinhamento da mordedura resultante de uma hipertrofia da mandíbula para frente (onde os incisivos superiores encontram-se atrás dos inferiores), provocando, assim, o desencaixe da arcada superior com a inferior (figura 4). Exige-se nas raças cujo trabalho de apresamento é feito de baixo para cima. Ex.: Bóxer, Bulldogs em geral.

e) *Prognatismo maxilar (Retrognatismo inferior)*: conforme descrito anteriormente, é a situação na qual os incisivos superiores encontram-se à frente dos inferiores (figura 4). **É sempre uma falta grave ou desqualificante.**

f) *Má Oclusão*: Muitas vezes pode ocorrer que um, ou alguns, ou todos os incisivos da arcada superior se projetem adiante dos da arcada inferior sem tocá-los, ou vice-versa, permanecendo normal a articulação dos caninos. A este defeito, denomina-se má oclusão.

Figura 4: Articulação dentária correta e principais tipos de mordeduras dos cães.



1.3.3.4. Faltas Dentárias e Dentes Extranumerários

Às vezes pode faltar um ou mais dentes e, para algumas raças, constitui desqualificação, que é sempre especificada no padrão da mesma. A falta dos caninos, contudo, é uma **falta de extrema gravidade na maioria das raças, exceto naquelas em que tal possibilidade é mencionada no respectivo padrão**. Outras vezes pode ocorrer um dente extra, o que não é falta, desde que existam os **outros 42 dentes normais**. A **falta dentária é desqualificante** em algumas raças. Ex.: Dobermann, Pastor Alemão, Rottweiler.

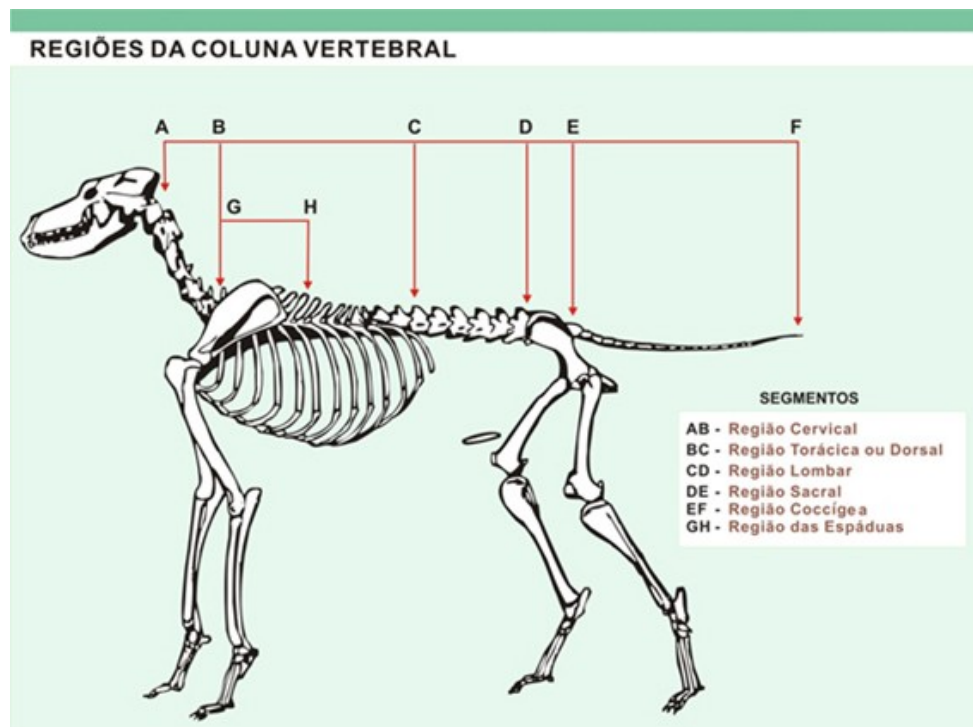
2. COLUNA VERTEBRAL

É a parte fundamental do esqueleto, bem como o eixo de estruturação do corpo. Consiste em uma cadeia de ossos irregulares, ímpares (vértebras) que se estendem desde o crânio até a extremidade da cauda e possuem mobilidade restrita.

2.1. DIVISÃO DA COLUNA VERTEBRAL - REGIÕES

A coluna divide-se em cinco regiões: cervical, torácica, lombar, sacral e coccígea (figura 5). As quatro primeiras regiões mantêm entre si uma proporção inalterada, de forma que, se houver um alongamento da região cervical, por exemplo, ocorrerá um aumento proporcional nas demais regiões.

Figura 5: Regiões da coluna vertebral do cão.



2.1.1. Região Cervical

Composta por sete vértebras, sendo que a primeira articula-se com a base do crânio, formando uma articulação móvel; já a sétima possui uma superfície articular para parte do 1º par de costelas. Geralmente apresenta uma curvatura na área correspondente às três primeiras vértebras.

2.1.2. Região Torácica ou Dorsal

É formada por treze vértebras que se articulam com as costelas e que constituem a parte superior do tórax. Apresenta uma curvatura na sua junção com a região cervical.

2.1.3. Região Lombar

Constituída por sete vértebras que servem de inserção para a musculatura dos membros posteriores. Normalmente apresenta uma leve curvatura dorsal na sua linha superior.

2.1.4. Região Sacral ou Sacro

Composta por três vértebras fundidas que se articulam com os ílios e que apresentam uma conformação curva.

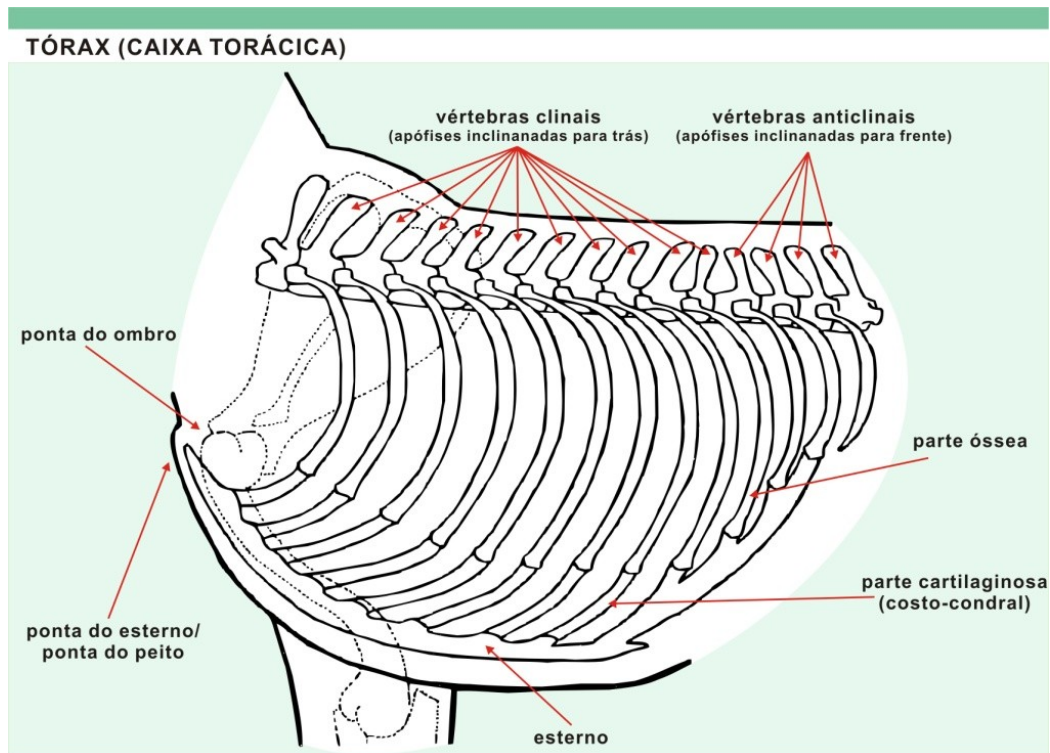
2.1.5. Região Coccígea

É formada por um número variável de vértebras de raça para raça, sendo de vinte a vinte e três vértebras nos cães de cauda longa.

3. TÓRAX

É uma “caixa” óssea no interior da qual estão dispostos o coração e os pulmões; sua parte superior é constituída pela região dorsal da coluna vertebral; a inferior, pelo esterno; e, lateralmente, pelas costelas (figura 6).

Figura 6: Regiões da coluna vertebral de cães.



3.1. COSTELAS

São ossos curvos, alongados, com a extremidade cartilaginosa e dispostos em pares, que correspondem ao número de vértebras da região torácica, portanto treze. Os dez primeiros pares articulam-se com duas vértebras de cada vez: o 1º par articula-se com a 7ª vértebra cervical e com a 1ª torácica; o 2º com a 1ª e 2ª vértebras torácicas, e assim por diante, até o 10º par que se articula com a 9ª e 10ª vértebras; já o 11º, 12º e 13º pares articulam-se, respectivamente, com a 11ª, 12ª e 13ª vértebras torácicas.



A porção inferior das costelas é cartilaginosa e articula-se com o esterno, com exceção dos quatro últimos pares, que ficam com as extremidades “livres” (ou seja, não estão coaptadas ao esterno): o 10º, 11º e 12º pares, que constituem as chamadas **costelas falsas**; e o 13º par, as denominadas **costelas flutuantes**. O arqueamento da caixa torácica é devido ao arqueamento das costelas; já o destas, à porção cartilaginosa dos ossos.

3.2. ESTERNO

É um osso composto por oito segmentos e relativamente paralelos ao solo. Possui uma extremidade anterior conhecida como **ponta do peito** ou **ponta do esterno**, e uma posterior com **apêndice xifóide**.

III. ESQUELETO APENDICULAR

É formado pelos ossos que compõem os membros e divide-se em:

- Ossos da extremidade torácica ou torácicos;
- Ossos da extremidade pélvica ou pélvicos.

1. MEMBROS TORÁCICOS

São dois: direito e esquerdo. Cada um deles é constituído por quatro segmentos: ombro, braço, antebraço e mão (também denominado pé ou pata dianteira). Constituem as duas colunas de sustentação anterior, mantendo o equilíbrio e o direcionamento durante a movimentação.

1.1. OMBRO

Constituído por um único osso, a **escápula**, que faz a conexão do membro propriamente dito com o corpo, com o qual não se articula, unindo-se a ele através de músculos e ligamentos. A escápula é um osso chato, em forma de raquete, que se situa nas paredes do tórax, inclinando-se a fim de acomodar-se ao arqueamento das costelas. Está situado a partir da 4ª vértebra torácica, descendo aproximadamente em direção à ponta do esterno. Se passarmos uma linha sobre a crista sagital da escápula e a prolongarmos até ao chão, esta linha formará um ângulo com o chão ou com a horizontal, denominado **ângulo do ombro** ou **angulação do ombro**.

O tamanho da escápula em relação ao membro propriamente dito pode variar de acordo com o tipo esquelético, com a raça ou individualmente, o mesmo se dando com o arqueamento das costelas. Dessas condições, vão ocorrer as variações das duas angulações do ombro.

A parte superior da escápula é arredondada e denomina-se **coroa da escápula**, que corresponde à **cernelha** propriamente dita **Externamente, a cernelha determina o ponto onde termina o pescoço e começa a linha superior do cão**.



A parte inferior é estreita, sendo chamada de punho e constitui a **ponta do ombro**; articulando-se com o braço em uma articulação conhecida por **articulação escápulo-umeral (gleno-umeral)**, cujo ângulo é de cerca de 90°, com variações a serem ainda estudadas. Este ângulo é chamado de **ângulo escápulo-umeral (gleno-umeral)** e, por vezes, simplesmente, de “ângulo do ombro”, o que pode levar a confusão. No sentido longitudinal a escápula possui a **crista sagital**, onde se inserem músculos, que a movem.

1.2. MEMBRO TORÁCICO PROPRIAMENTE DITO

Assim chamado por ser a parte ligada a escápula e que não está acoplada ao corpo. Compreende três outros segmentos: braço, antebraço e pata torácica (figura 7).

1.2.1. Braço

É constituído por um único osso longo, o **úmero**, que é de forma helicoidal. Articula-se em sua extremidade superior com a escápula e inferior com os ossos do antebraço, formando uma junta e uma angulação que se denomina **ângulo do cotovelo**. Realiza os movimentos do membro anterior e descreve arcos de 90°.

1.2.2. Antebraço

Constituído por dois ossos longos, retos e paralelos, que formam o conjunto **rádio-ulna**; articulam-se na parte superior com o úmero. O cotovelo propriamente dito é uma projeção da ulna e tem por função impedir a abertura da articulação para trás. Articula-se, na sua parte inferior, com os ossos do carpo.

1.2.3. Pata Torácica ou Pé Torácico

O cão é um animal que se apoia nas falanges (dedos). Assim, parte do seu pé anatômico vai constituir um segmento da coluna anterior de sustentação e somente os dedos, a base. As três regiões do pé anatômico são: carpo, metacarpo e falanges (dedos).

1.2.3.1. Punho ou Carpo

Constituído por sete ossos curtos, dispostos em duas camadas, dos quais o de maior interesse é o **carpo-ulnar**, que possui uma projeção que impede a verticalidade da munheca; e, exteriormente, é denominado **boleto**. A função do carpo é conferir maior mobilidade à extremidade do membro, bem como amortecer e absorver parte dos impactos nos membros torácicos.

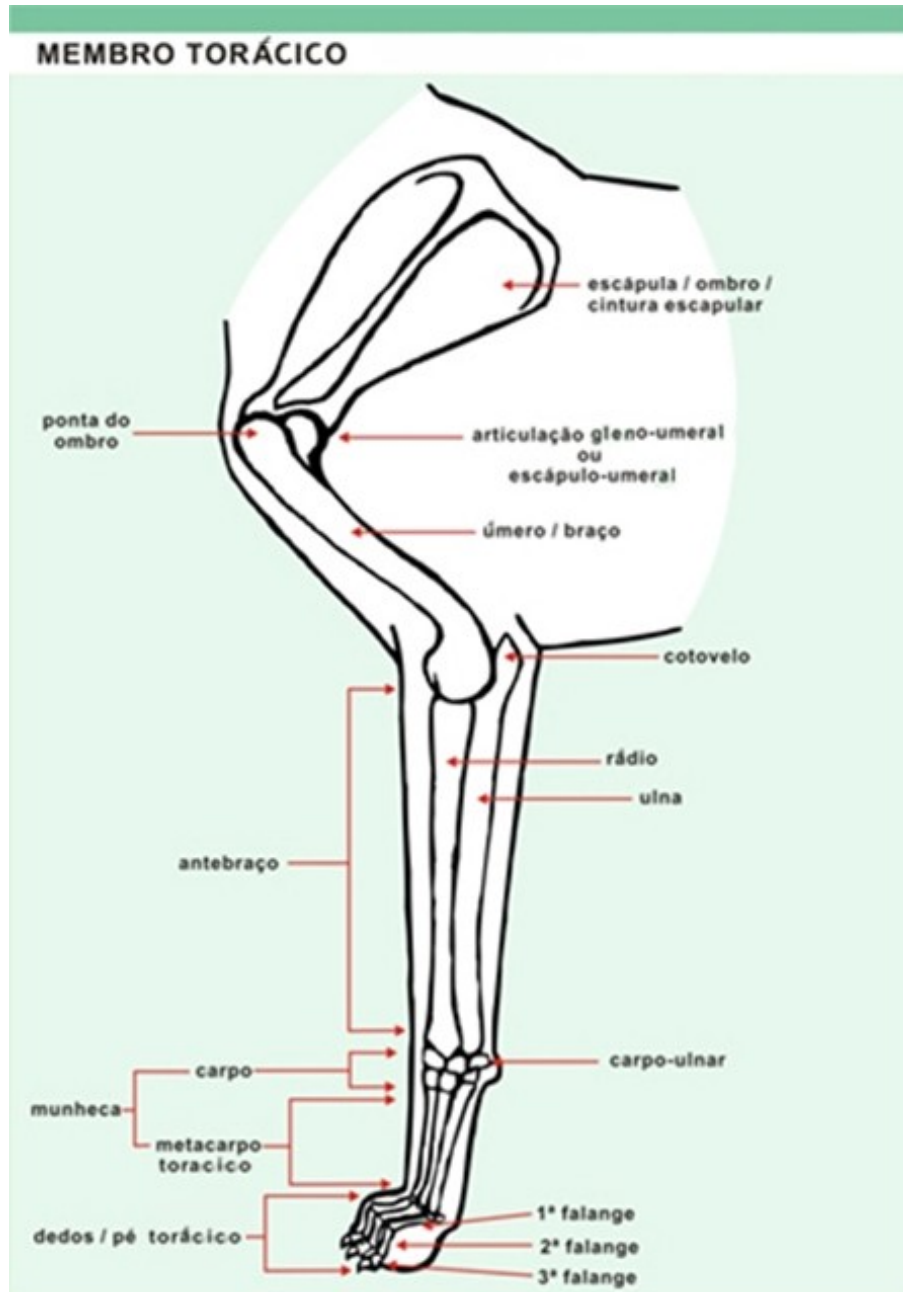
1.2.3.2. Metacarpos

Formados por cinco pequenos ossos longos denominados, de dentro para fora: 1°, 2°, 3°, 4° e 5° metacarpianos. Articulam-se na parte superior com os ossos do carpo, e na inferior, cada um com a falange (dedo) que lhe corresponde. O conjunto do carpo e do metacarpo denomina-se **munheca**.

1.2.3.3. Falanges

Cada um dos dedos (2º, 3º, 4º e 5º) é constituído por pequenos ossos chamados ***falanges*** e que se denominam 1ª, 2ª e 3ª falanges, respectivamente, falanges proximal, média e distal.

Figura 7: Estrutura óssea do membro torácico do cão.



A 3ª falange, na sua extremidade livre, possui uma formação queratinizada que vai constituir a ***unha*** ou ***garra***. Entre a 1ª falange e o metacarpiano correspondente, existem pequenos ossos curtos denominados ***sesamóides*** e cuja função é a de servir de inserção para ligamentos, ajudar na absorção de impactos e, também, direcionar as falanges.



1.2.3.4. Pata propriamente dita

A pata é o ponto de apoio do membro no chão. É constituída pelos dedos, em número de cinco, sendo que aquele eventualmente presente na face interna do membro (denominado “**ergô**”, “**5º dedo**”, “**dedo de lobo**”, “**unha perdida**” ou “**esporão**”) não é completo e, portanto, não se apoia no solo.

2. MEMBROS PÉLVICOS

São dois: direito e esquerdo. Cada um deles é constituído por quatro segmentos: garupa, coxa, perna e pata (ou pé). Sua função é constituir as duas colunas posteriores de sustentação, impulsionando a locomoção.

2.1. GARUPA OU PELVE

É formado pela fusão de três ossos pares, chatos, cujo conjunto é denominado **coxal** ou **pelve**: dois ílios, dois ísquios e dois púbis (figura 8).

2.1.1. Ílio

É o maior e mais cranial dos ossos que constituem o osso coxal (pelve). Possui na porção crâniodorsal uma projeção conhecida como **ponta do ílio**, **ponta do ilíaco** ou **ponta da garupa (crista ilíaca)**. Articula-se internamente com as três vértebras sacrais, ou sacro, formando uma articulação imóvel e que constitui o local onde os membros pélvicos se unem ao corpo, funcionando como pontos de transmissão da propulsão à coluna.

2.1.2. Ísquio

Forma a porção posterior da pelve. Possui uma projeção posterior que é a extremidade da pelve e que se denomina **ponta do ísquio** que, juntamente com a **ponta do esterno**, vai determinar o comprimento do corpo.

2.1.3. Púbis

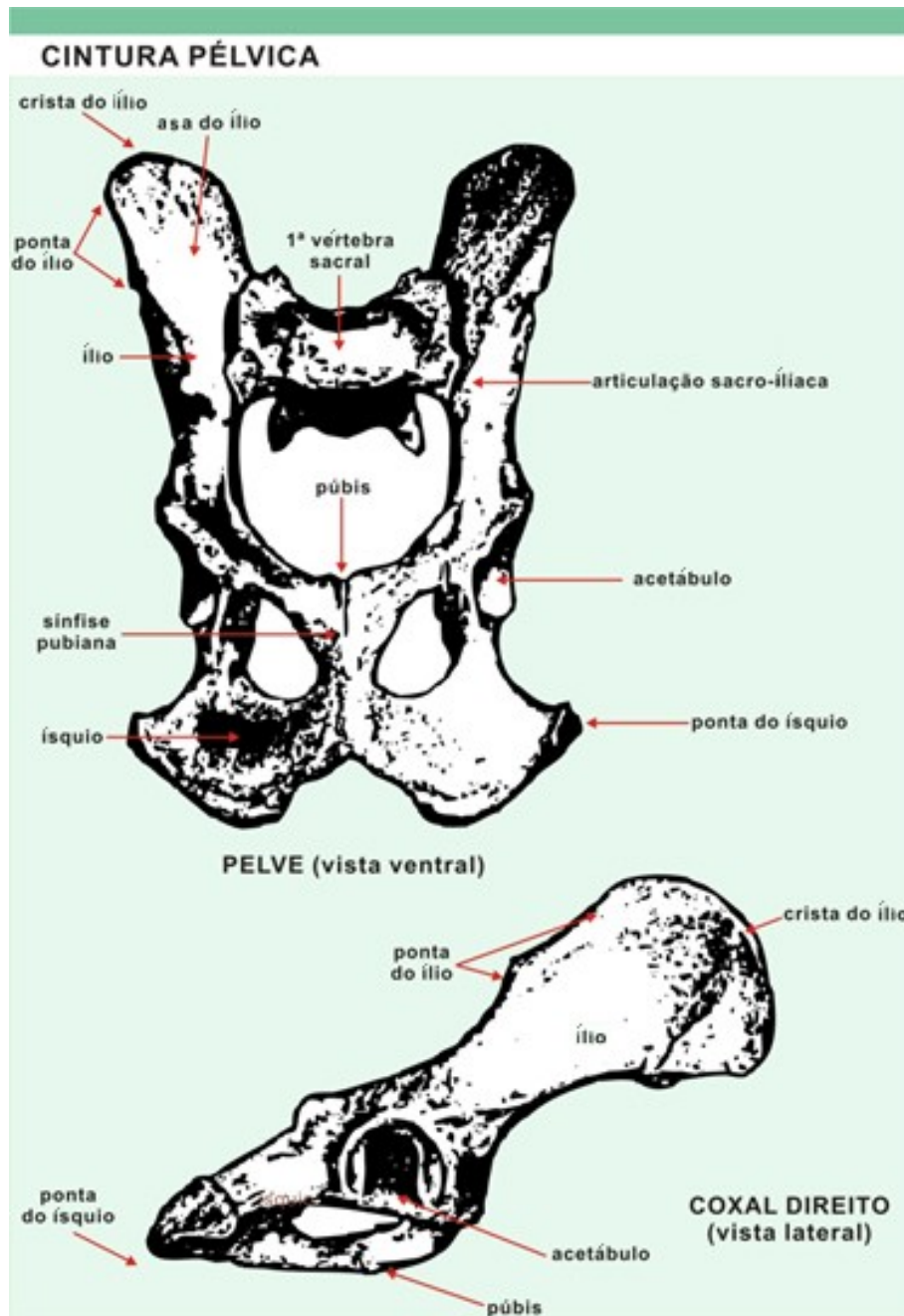
Situa-se na linha mediana da garupa e é responsável, junto com uma parte do ísquio, pela largura da mesma. Na junção desses três ossos (ílio, ísquio e púbis) existe uma formação que serve para receber a cabeça do fêmur e que é denominada **fossa do acetábulo** ou **fossa acetabular**.

O coxal possui uma inclinação de cerca de 25° a 30° em relação à horizontal e forma com o fêmur um ângulo de 90°, constituindo a chamada **articulação coxo-femoral**, que é de suma importância e constitui o ponto de aplicação das forças de propulsão e as do equilíbrio posterior.

O tamanho dos ossos que compõem a pelve pode variar isolada ou conjuntamente, mantendo, contudo, sempre o mesmo volume relativo para a espécie, sendo, porém, a razão da grande variedade de conformações de garupa nas diferentes raças ou individualmente.

A variação de tamanho e de inclinação da pelve é a maior responsável pelas variações das angulações dos membros pélvicos, sendo que pelves curtas ou menos anguladas conferem angulações mais discretas; já pelves longas ou muito inclinadas geralmente apresentam angulações muito acentuadas.

Figura 8: Estrutura óssea da cintura pélvica ou pelve do cão.



2.2. MEMBRO PÉLVICO PROPRIAMENTE DITO

É assim chamado por ser a parte que não está diretamente ligada ao corpo e compreende os outros três segmentos: coxa, perna e pata pélvica (figura 9).



2.2.1. Coxa

É constituída por um osso longo (fêmur), que é o mais volumoso do esqueleto. Possui comprimento mais ou menos igual ao da tíbia-fíbula (nos demais quadrúpedes é menor). Sua parte superior, denominada **cabeça do fêmur**, articula-se com o coxal no acetábulo. Sua parte inferior articula-se com a tíbia-fíbula, formando a **articulação do joelho** ou simplesmente **joelho**. Nesta extremidade possui três sesamóides que servem para a inserção de músculos e ligamentos: um anterior, denominado **patela**, e dois posteriores (**fabelas**), que servem para inserção do tendão que aciona o jarrete, denominado de **tendão do gastrocnêmio** ou **de Aquiles**.

2.2.2. Perna

Constituída pela tíbia e fíbula que são dois ossos longos, paralelos e parcialmente fundidos, próximo ao jarrete. Articula-se com o fêmur, formando o joelho, e com o tarso, formando a **articulação** ou **junta do jarrete**.

2.2.3. Pata Pélvica ou Pé Pélvico

Assim como as torácicas, são compostas por três segmentos: tarso, metatarso e falanges (dedos).

2.2.3.1. Tarso

É formado por sete ossos curtos, com função idêntica aos do carpo. O de maior interesse é o **tarso-fibular**, que constitui a chamada **ponta do jarrete** e local de inserção do músculo gastrocnêmio.

2.2.3.2. Metatarsos

São compostos por quatro pequenos ossos longos: 1º, 2º, 3º e 4º metatarsianos. O conjunto do tarso e do metatarso constitui o que se denomina de **jarrete**.

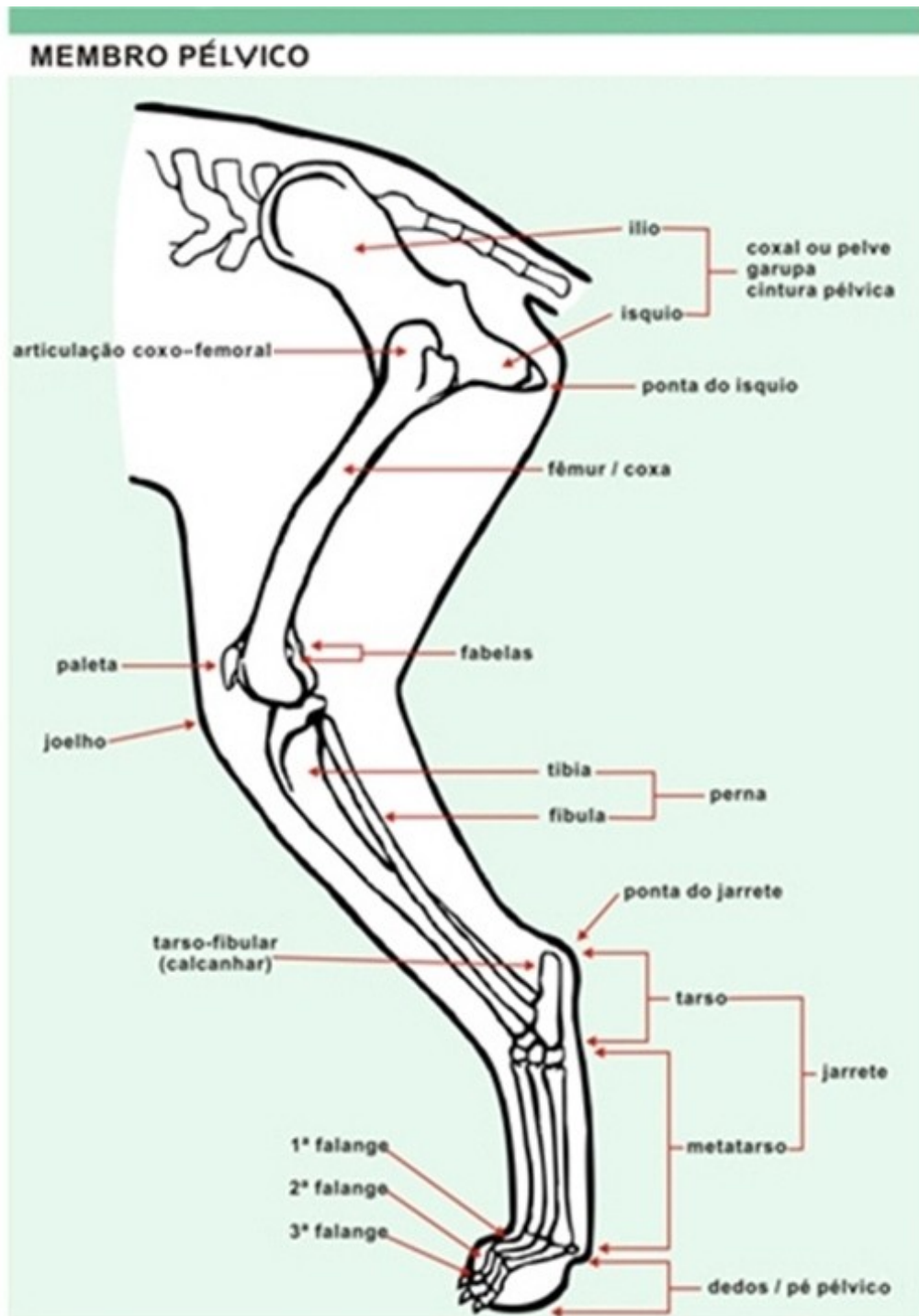
2.2.3.3. Falanges

Como nos torácicos, cada um dos dedos (2º, 3º, 4º e 5º) é constituído por pequenos ossos chamados **falanges** e que se denominam 1ª, 2ª e 3ª falanges, respectivamente, falanges proximal, média e distal. A 3ª falange, na sua extremidade livre, possui uma formação queratinizada que vai constituir a **unha** ou **garra**. Entre a 1ª falange e o metatarsiano correspondente, existem pequenos ossos curtos denominados **sesamóides** e cuja função é a de servir de inserção para ligamentos, ajudar na absorção de impactos e, também, direcionar as falanges.

2.2.3.4. Pata propriamente dita

Apresenta as mesmas características das torácicas, porém, em algumas raças e, às vezes, individualmente, pode existir, no pélvico, um ou até mesmo dois dedos extranumerários (nominado **“ergô duplo”**). Em geral podem e, em algumas raças, devem ser removidos. Exceções: Cão da Montanha dos Pirineus, Pastor de Brie (Briard), Pastor de Beauce (Beauceron).

Figura 9: Estrutura óssea do membro pélvico de um cão.



Somente com intuito elucidativo, em função das constantes alterações da nomenclatura anatômica veterinária, segue um glossário com as nomenclaturas utilizadas antigamente e aquelas atualmente empregadas (quadro 1) para denominar as principais estruturas anatômicas do membro pélvico do cão.



Quadro 1: Glossário com a nomenclatura anatômica veterinária atual e aquela anteriormente empregada para as estruturas ósseas do membro pélvico do cão.

GLOSSÁRIO DAS ESTRUTURAS ÓSSEAS DO MEMBRO PÉLVICO DO CÃO	
NOME ATUAL	NOME ANTIGO
ZIGOMÁTICOS	MALARES
GLENO (ESCÁPULA)	OMOPLATA
ULNA	CÚBITO
CARPO ULNAR	PISIFORME ou CARPO CUBITAL
1ª FALANGE	FALANGE
2ª FALANGE	FALANGINHA
3ª FALANGE	FALANGETA
ARTICULAÇÃO COXO-FEMORAL	ARTICULAÇÃO FÊMURO-COXAL
FÍBULA	PERÔNEO
TARSO FIBULAR	CALCIS ou CALCANEIO
PATELA	RÓTULA
OBS: Por extensão da nomenclatura dos ossos do cavalo, por algum tempo, erroneamente, os sesamóides dorsais foram chamados de NAVICULAR. O cavalo apóia-se em um único dedo e possui um sesamóide em forma de <i>navete</i> , denominado <i>navicular</i> , sendo que os cães não o possuem.	

IV. CONEXÃO DO ARCABOUÇO ÓSSEO

O esqueleto é articulado e suas partes mantidas juntas através de ligamentos e músculos que também têm por função movimentá-lo.

1. LIGAMENTOS

São de origem fibromuscular e, de maneira geral, tem por funções: agir como tensores e orientadores das articulações, mantendo duas ou mais peças ósseas unidas e em determinada posição; e auxiliar no movimento dos ossos.

2. MÚSCULOS ESQUELÉTICOS

São os agentes do movimento, através de contrações e distensões voluntárias. Para cada movimento existe pelo menos um músculo (músculo sinérgico) para iniciá-lo e outro para a reposição do osso na posição primitiva (músculo antagonista). Os músculos, quando em repouso, apresentam uma consistência (tônus), que é decorrência da sua maior ou menor atividade. Um músculo pouco exercitado torna-se, geralmente, mais flácido, ao passo que aqueles que executam atividade mais intensa apresentam, de maneira geral, maior tônus muscular.

Os músculos possuem diferentes camadas que variam de número dependendo da região esquelética que revestem e, por isso, existem regiões com camadas muito profundas e outras bastante superficiais; em certas regiões, como nas extremidades, a predominância é de tendões.



Cada músculo está relacionado com os que lhe são vizinhos, de modo que, alterações dimensionais ou de tônus se aplicam a todo o conjunto. Por exemplo, se um músculo cervical estiver alterado, todos os demais da mesma região também estarão.

Em cinofilia, é irrelevante o estudo individual de cada músculo e sua atuação, sendo que o importante é reconhecer e qualificar o resultado deficiente de uma ação muscular inadequada. Os músculos se inserem pelo menos em dois ossos diferentes, com o intuito de movimentá-los. Além dos músculos esqueléticos, existem músculos que se situam logo abaixo da pele, os chamados músculos cutâneos, que realizam movimentos das partes moles, tais como lábios, pálpebras e orelhas.

2.1. MÚSCULOS DA CABEÇA

Constituem-se em uma camada fina e recobrem o crânio e o focinho. Os mais desenvolvidos são os que realizam os movimentos da mandíbula e, portanto, denominados músculos mastigatórios. Nos crânios **dolicocéfalos** (cães de cabeça longa e estreita) inserem-se em grande parte na crista interparietal ou sagital; já nos **braquicéfalos** (cães de cabeça sensivelmente diminuída em benefício da sua largura), devido à maior área de inserção na parte inferior da cabeça, implantam-se aí, o que explica a não existência de tal crista nesse biótipo. Os músculos que realizam os movimentos da cabeça inserem-se na base do crânio, no pescoço e, excepcionalmente, no tórax.

2.2. MÚSCULOS DA COLUNA OU ESPINHA VERTEBRAL

São de duas ordens: alguns músculos e ligamentos têm como função manter a espinha coesa e realizar seus movimentos; outros se inserem nas vértebras e em segmentos dos membros, a fim de movimentá-los. A escápula une-se ao corpo meramente através de ligamentos e músculos, uma parte dos quais se insere nas vértebras e outra no tórax e pescoço.

2.3. MÚSCULOS DO PESCOÇO

A massa muscular do pescoço tem várias funções: primeiro relativamente ao próprio pescoço e cabeça, mantendo-os e os movimentando; participa ainda da fixação e movimentação do ombro e da movimentação do braço.

2.4. MÚSCULOS DO TÓRAX

O tórax serve de inserção para músculos de diferentes origens. Os mais profundos movimentam as costelas e permitem os movimentos respiratórios; já os mais superficiais atuam no pescoço, ombro e braço.

2.5. MÚSCULOS DA REGIÃO LOMBAR E ABDOMINAL

Na região lombar inserem-se músculos que têm por finalidade acionar os membros pélvicos. Quanto aos músculos que revestem o abdômen, estão inseridos na porção inferior do tórax, na pelve e na coluna lombar e têm por funções conter as vísceras dentro da cavidade abdominal e tencionar a região lombar.



2.6. MÚSCULOS DA REGIÃO PÉLVICA

Na sua grande maioria têm ação na movimentação do trem posterior.

2.7. MÚSCULOS DOS MEMBROS

A musculatura dos membros diminui de espessura, gradativamente, à medida que se aproxima das extremidades, nas quais há predominância de tendões. A musculatura escapular é a dos membros torácicos; já a pélvica, é a da garupa. Esta última é mais volumosa e tem por função o movimento do membro pélvico como um todo.



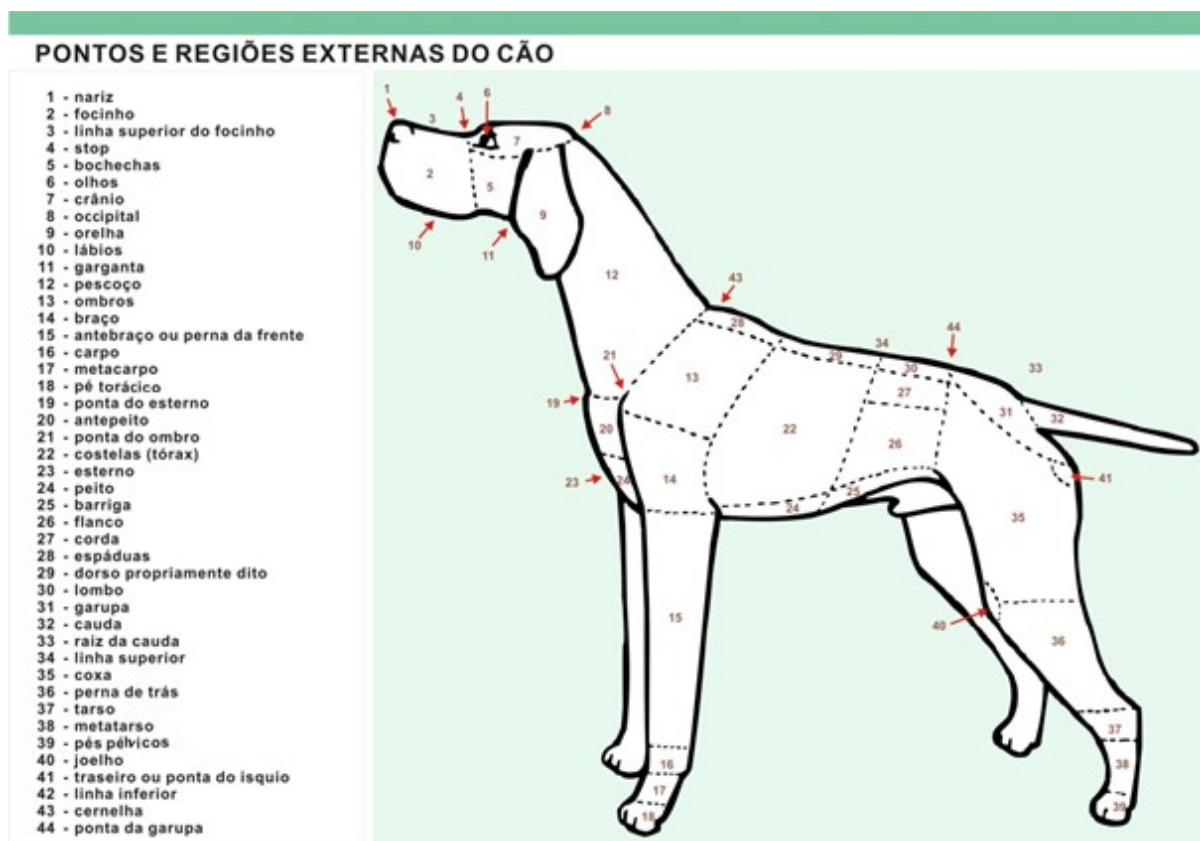
2ª PARTE:

FENÓTIPO DO CÃO

Na avaliação e seleção de cães, o fenótipo (características exteriores) assume, de maneira geral, um papel preponderante sobre a estrutura, apesar de um ser decorrência do outro. Os geralmente padrões se limitam a descrever o fenótipo peculiar de cada raça.

Todo o exterior do cão é dividido em áreas particularmente delimitadas, conhecidas como **regiões** (figura 10) e que recebem uma denominação que, em cinofilia, nem sempre coincide com a estabelecida pela **nômina anatômica**. Algumas delas são de grande importância, tais como os olhos, orelhas, língua, trufa (nariz) e pelos, os quais serão abordados de maneira particular. Para uma correta interpretação dos padrões é necessário um conhecimento dessas regiões e órgãos, bem como suas peculiaridades nas diferentes raças e/ou individualmente.

Figura 10: Pontos e regiões externas do cão.



I. CABEÇA

1. CABEÇA VISTA COMO UM TODO

1.1. ÍNDICE CEFÁLICO (IC)

O tipo de cabeça das diferentes raças varia muito. Com o objetivo de simplificar o estudo, a biotipologia baseia-se em medidas (diâmetros) e suas combinações (índices) a fim de poder agrupar o maior número possível delas em um número mínimo de similares, possibilitando, assim, um estudo global das características comuns.



Relativamente à cabeça, são de interesse dois diâmetros:

- *Diâmetro longitudinal*: equivale ao comprimento total da cabeça e é a medida que vai do occipital à ponta do focinho.

- *Diâmetro transversal*: equivale à largura máxima da cabeça e é medida entre a projeção máxima de cada arco zigomático; é chamado de diâmetro bizigomático.

O **índice cefálico** é a combinação dessas duas medidas e é calculado pela fórmula:

$$IC = \frac{\text{largura (diâmetro transversal)} \times 100}{\text{comprimento (diâmetro longitudinal)}}$$

Assim, o índice cefálico será menor quanto mais comprida e estreita for a cabeça e, por outro lado, tanto maior quanto mais larga e curta ela o for. As raças que necessitam desenvolver grandes velocidades possuem, em geral, cabeças estreitas, compridas e bem afastadas do corpo e, portanto, com menores índices cefálicos; já aquelas que necessitam de grande estabilidade, apresentam, geralmente, cabeças curtas, largas e mais próximas ao corpo e, conseqüentemente, maiores índices cefálicos. As alterações na cabeça não têm significado meramente estético, muito pelo contrário, têm implicações fundamentais no exercício do trabalho específico da raça e nas mudanças de direção do movimento. Com base no IC, é possível agrupar todas as raças em três grupos fundamentais:

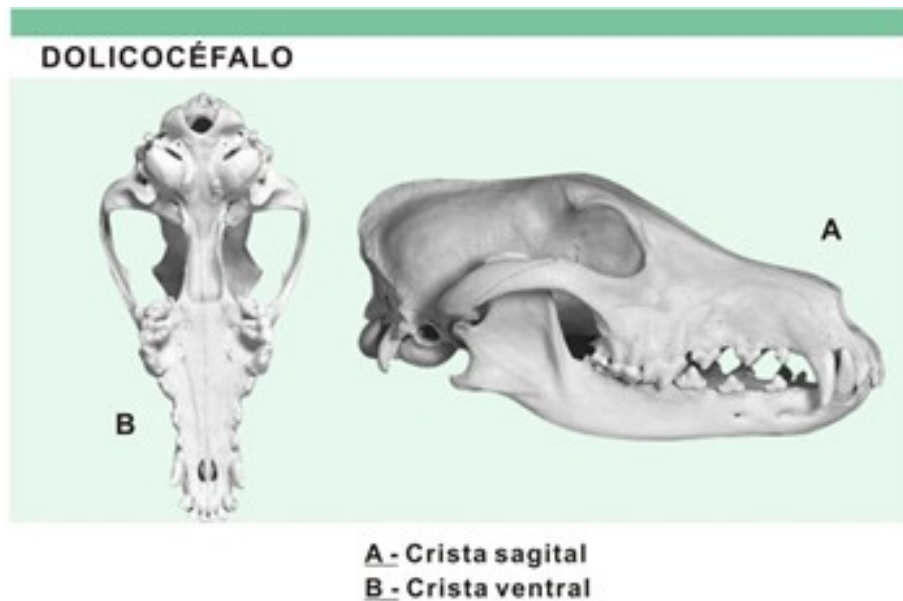
1.1.1. Dolicocéfalos ou Dolicocefálicos

A cabeça é longa e estreita e, portanto, possui um índice cefálico baixo. Constituem características desse tipo de cabeça: crânio estreito e comprido (o comprimento é superior ao dobro da largura); testa muito inclinada e destacada, com crista interparietal muito evidente e occipital muito proeminente; focinho muito longo, o sendo do comprimento do crânio ou maior que este; arcos zigomáticos rasos e sem destaque na cabeça; “stop” imperceptível; mordedura típica em tesoura (figura 11).

1.1.2. Mesaticéfalos ou Mesaticefálicos

A cabeça é de comprimento moderado e a largura, sem ser exagerada, é sensivelmente superior a dos dolicocéfalos, sendo o índice cefálico intermediário. Constituem características destas cabeças: comprimento do crânio geralmente equivalente ao dobro da largura, ou ligeiramente menor; occipital marcado, mas nem sempre projetado; crista interparietal de desenvolvimento moderado; testa evidente, mas não muito inclinada; focinho de comprimento igual ao do crânio ou ligeiramente inferior; arcos zigomáticos projetados sem exagero; “stop” moderado, mas nem sempre perceptível; mordedura geralmente em torquês ou tesoura.

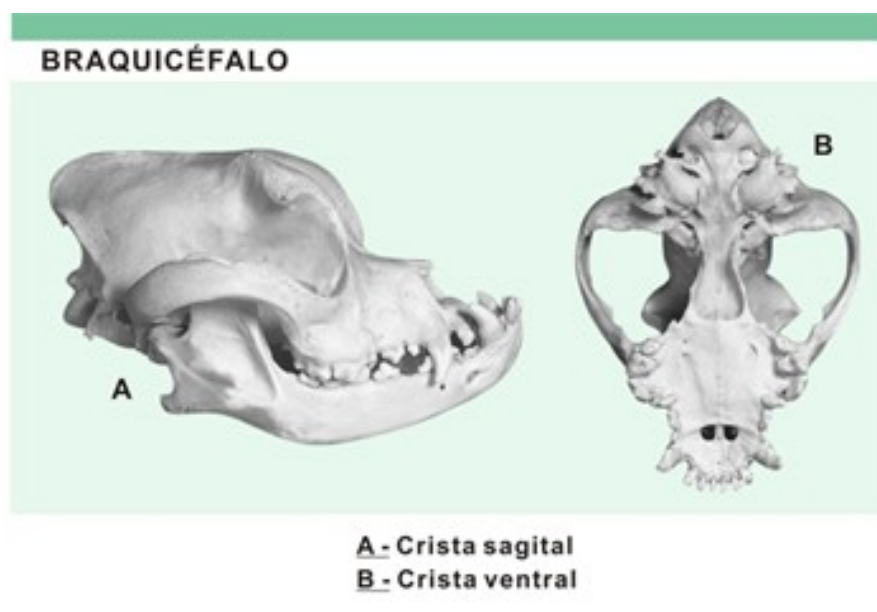
Figura 11: Estrutura óssea de uma cabeça dolicocefala.



1.1.3. Braquicéfalos ou Braquicefálicos

A cabeça é de comprimento sensivelmente diminuído em benefício da largura, conferindo-lhes um índice cefálico mais alto. Constituem características dessas cabeças: comprimento do crânio ligeiramente maior do que a largura; occipital pronunciado; crista interparietal e crista frontal praticamente imperceptíveis; testa alta e reta; focinho sensivelmente mais curto do que o crânio; “stop” abrupto e sempre muito bem marcado; mordedura geralmente prognata inferior ou em tesoura invertida (figura 12).

Figura 12: Estrutura óssea de uma cabeça braquicéfala.





2. CLASSIFICAÇÃO PELO TIPO

Existe outra classificação também muito difundida na cinofilia e que divide as cabeças em quatro tipos fundamentais: graióides, lupóides, bracóides e molossóides. Tal classificação não é considerada tão precisa quanto a anteriormente apresentada, uma vez que peca por somente enquadrar as cabeças absolutamente típicas em cada agrupamento, não havendo, entretanto, uma forma de denominar aquelas com aspectos morfológicos com aspectos característicos da combinação de dois tipos distintos.

2.1. GRAIÓIDES OU CABEÇA GRAIÓIDE

É uma cabeça de **forma cônica** e essencialmente dolicocefala. *Ex.:* Lebréis em geral.

2.2. BRACÓIDES OU CABEÇA BRACÓIDE

Em forma de prisma ou de dois paralelepípedos justapostos. É representativa de alguns mesaticéfalos cujo índice cefálico é mais baixo, estando próximo ao encontrado nos dolicocefalos. *Ex.:* Bracos em geral, Dogue Alemão, Setters em geral.

2.3. LUPÓIDES OU CABEÇA LUPÓIDE

Possui forma de pirâmide e é representada por mesaticéfalos de índice cefálico mais alto, de focinho mais curto e com crânios mais largos. *Ex.:* Cães árticos em geral, Pastores Belga e Alemão.

2.4. MOLOSSÓIDES OU CABEÇA MOLOSSÓIDE

Pode ter forma cúbica, ou esférica, é representada por braquicéfalos. *Ex.:* Bulldog, Buldogue Francês, Pequinês, Pug, Spaniel Japonês.

Principalmente em cães de tipo esquelético convencional existem, além desses tipos de cabeças denominadas “puras”, combinações entre elas, como, por exemplo: graio-bracóides, graio-lupóides, braco-lupóides, braco-molossóides e lupo-molossóides.

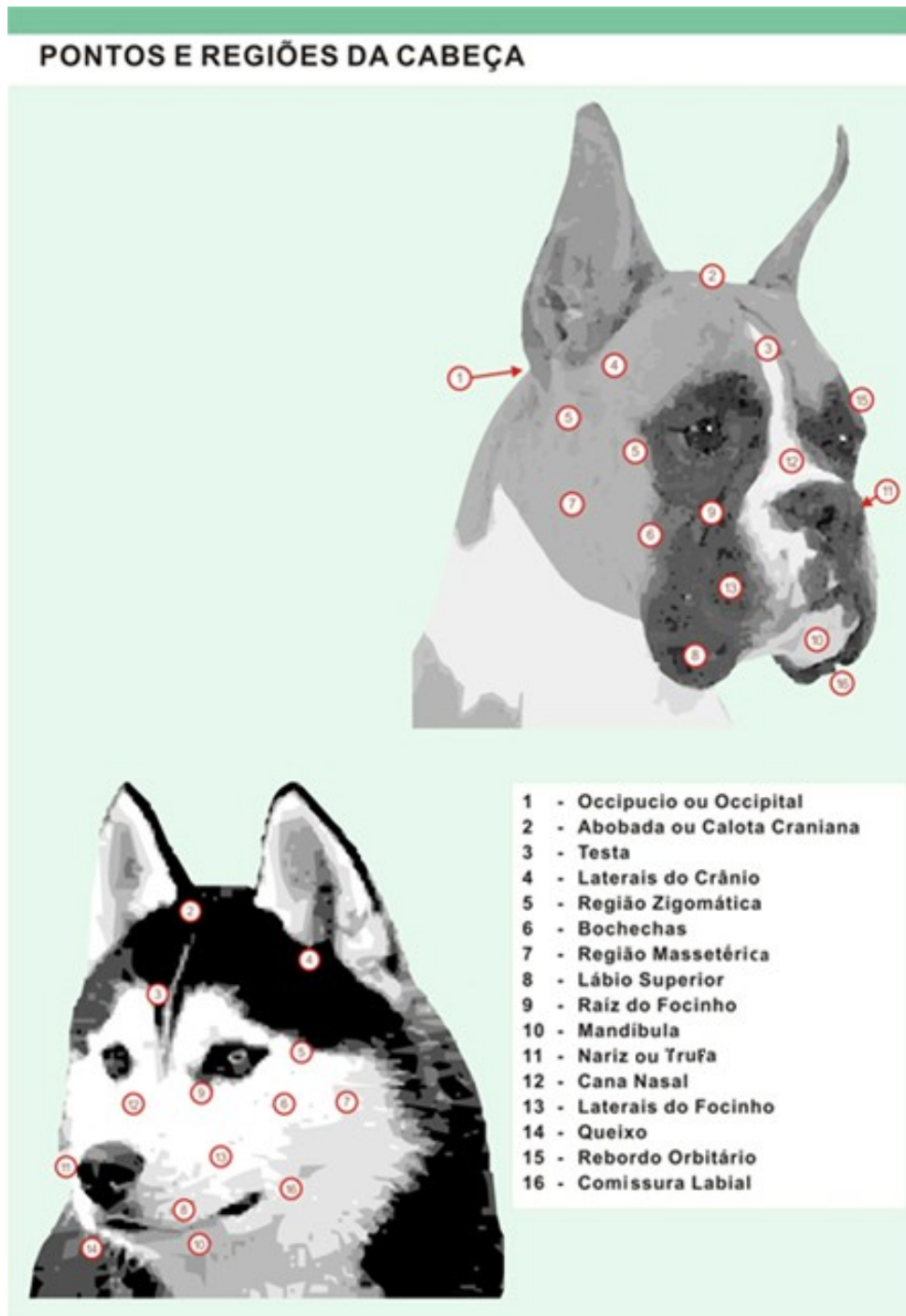
3. REGIÕES DA CABEÇA

Cinotecnicaamente, a cabeça divide-se em duas grandes regiões: crânio e focinho.

3.1. CRÂNIO

O crânio, sob o ponto de vista cinotécnico, possui as seguintes regiões: testa ou região frontal; abóbada ou calota craniana; laterais ou paredes cranianas; occiput, occipucio ou occipital; e região infra-orbitária ou bochechas (figura 13). Nele estão inseridos, ainda, os olhos e orelhas.

Figura 13: Pontos e regiões da cabeça de um cão.



3.1.1. Testa ou Região Frontal

É a região que vai do “stop” até os rebordos posteriores da crista frontal, delimitando-se lateralmente pelos rebordos orbitários. É a parte anterior do crânio, sendo quase na sua totalidade, constituída pela própria crista frontal, razão pela qual é muito desenvolvida nos cães dolicocefalos e confunde-se com a calota craniana nos braquicefalos.

Existe, entre os rebordos orbitários, um sulco de profundidade variável e, geralmente, em conformidade com a morfologia geral da cabeça, o denominado **sulco naso-frontal** e que em braquicéfalos pode, muitas vezes, estender-se até a **calota craniana**.

Dependendo do maior ou menor desenvolvimento da arcada superciliar, há interferência na conformação da testa que, em consequente, pode ser assim classificada:

3.1.1.1. Testa Alta

Nesse tipo de testa os rebordos orbitários são muito desenvolvidos e a testa confunde-se com a calota craniana (figura 14). *Ex.*: Boston Terrier, Bóxer, Pequinês.

Figura 14: Cão com testa alta.



3.1.1.2. Testa Baixa

Os rebordos orbitários são discretos, a crista frontal é bem desenvolvida e a testa propriamente dita estende-se bem para trás (figura 15). *Ex.*: Collies Pelo Curto e Pelo Longo, Greyhound.

Figura 15: Cão com testa baixa.



3.1.1.3. Testa Reta

Quando independentemente de ser alta, forma um ângulo reto com a cana nasal (figura 16). *Ex.*: Bóxer, Cocker Spaniel Americano, Dogue Alemão, Setter Inglês.

Figura 16: Cão com testa reta.



3.1.1.4. Testa Inclínada

Quando independentemente de ser alta ou baixa, forma com a cana nasal um ângulo aberto (figura 17). *Ex.: Dachshunds.*

Figura 17: Cão com testa inclinada.



3.1.2. “Stop”

O encontro da testa com a linha superior do focinho forma um ângulo, cujo ápice é denominado “**stop**”. Sua natureza vai depender da constituição da testa e, dessa forma, temos:

3.1.2.1. “Stop” Indefinido

Típico de testas baixas e inclinadas. A união crânio-focinho se faz de forma gradual, imperceptível (figura 18). *Ex.: Bull Terrier.*

Figura 18: Cão com “stop” indefinido.



3.1.2.2. “Stop” Pouco Definido

Característico de testas não baixas e inclinadas. As arcadas orbitárias são razoáveis, mas não muito desenvolvidas, sendo que, de maneira geral, o ângulo somente é perceptível quando visto de perfil (figura 19). *Ex.*: Collies Pelo Curto e Pelo Longo, Dachshunds, Dobermann, Greyhound, Terriers em geral.

Figura 19: Cão com “stop” pouco definido.



3.1.2.3. “Stop” Bem Definido

Característico de testas retas, embora não altas. É perceptível tanto quando visto de perfil quanto de frente (figura 20). *Ex.*: Cães árticos em geral, Dogue Alemão, Setter Inglês.

Figura 20: Cão com “stop” bem definido.



3.1.2.4. “Stop” Marcado ou Muito Definido

A testa é alta e reta (figura 21). *Ex.*: Boston Terrier, Bóxer, Bulldogs em geral, Pug.

Figura 21: Cão com “stop” muito definido.



3.1.3. Calota Craniana, Abóbada Craniana ou Topo do Crânio

Constitui toda a região superior do crânio. Situa-se imediatamente após a testa e adiante do occipital. Limita-se, lateralmente, pelas paredes ou laterais do crânio, sendo muitas vezes, meramente denominada de **crânio**. Em dolicocefálos apresenta uma saliência, a **crista sagital** ou **interparietal**, que é um prolongamento medial da crista frontal.

Pode, em certas raças, apresentar rugosidade na pele que a reveste, principalmente naquelas de orelhas eretas, quando portadas em atenção. Estas rugas devem sempre partir da linha mediana e, de maneira geral, sem excessos. De conformidade com o biótipo de cada raça, a abóbada craniana recebe denominações descritivas das suas peculiaridades, tais como:

3.1.3.1. Crânio Chato

Quando visto de frente, a abóbada craniana é relativamente chata, notadamente entre as orelhas (figura 22). De perfil, a linha superior do crânio descreve uma reta do occipital até a testa (figura 23). É peculiar de dolicocefálos. *Ex.*: Collies Pelo Curto e Pelo Longo, Dobermann, Fox Terriers Pelo Liso e Pelo Duro, Greyhound, Pinscher Miniatura, Terrier Escocês.

Figura 22: Cão com crânio chato (vista frontal).



Figura 23: Cão com crânio chato (vista lateral).



3.1.3.2. Crânio Arredondado

A calota craniana descreve um arco suave entre ou adiante das orelhas quando visto de frente (figura 24); já de perfil, a linha superior do crânio descreve um arco suave do occipital até a testa (figura 25). *Ex.*: Bedlington Terrier, Bracos em geral, Cocker Spaniel Americano, Pug.

Figura 24: Cão com crânio arredondado (vista frontal).



Crânio arredondado
(Basset Hound)

Figura 25: Cão com crânio arredondado (vista lateral).

Crânio arredondado
(Sealyham Terrier)



3.1.3.3. Crânio Redondo ou Cabeça Redonda

O arco descrito pela calota craniana é muito pronunciado, evidenciado por orelhas de inserção lateral (figura 26). É também chamado **crânio convexo** ou **crânio abobadado**. Ocorre com frequência nas raças anãs, mas também em outras de maior porte. Ex.: Shih Tzu.

Figura 26: Cão com crânio ou cabeça redonda (vista frontal).



Crânio redondo
(Cocker Spaniel Americano)

3.1.3.4. Crânio ou Cabeça de Maçã

A curvatura craniana é muito pronunciada e o sulco naso-frontal prolonga-se além da testa, produzindo o efeito de uma cabeça redonda fendida ao meio (figura 27). É defeito na maioria das raças, mas é típica do Chihuahua.

Figura 27: Cão com crânio ou cabeça de maçã (vista lateral).

Cabeça de maçã
(Chihuahua)



3.1.3.5. Crânio Largo

A abóbada craniana, em relação ao comprimento, é larga (figura 28). É uma característica dos braquicéfalos. *Ex.:* Bulldogs em geral, Bullmastiff.

Figura 28: Cão com crânio largo (vista frontal).



Crânio largo
(Bulldog)

3.1.3.6. Crânio Estreito

Em relação ao comprimento, a abóbada craniana é estreita (figura 29). É uma característica dos dolicocefalos. *Ex.:* Lebréis e Terriers em geral.

Figura 29: Cão com crânio estreito (vista lateral).

Crânio estreito
(Fox Terrier Pelo Liso)



3.1.3.7. Crânio Curto

É normalmente decorrência de crânios excessivamente largos (figura 30). *Ex.:* Bulldogs em geral.

Figura 30: Cão com crânio curto (vista frontal).



3.1.3.8. Crânio Longo

Geralmente é decorrente de crânios extremamente estreitos (figura 31). *Ex.:* Lebréis em geral.

Figura 31: Cão com crânio longo (vista lateral).



3.1.3.9. Crânio Paralelo ao Focinho

Vista de perfil, a linha superior do crânio é paralela à linha do focinho (figura 32). Os padrões podem simplesmente mencionar “paralelismo crânio-focinho”. *Ex.:* Dobermann, Dogue Alemão, Pinscher Miniatura, Setter Inglês.

Figura 32: Cão com crânio paralelo ao focinho (vista lateral).



3.1.3.10. Crânio Inclinado

A abóbada craniana, quando vista de perfil, forma uma linha descendente no sentido do occipital ao “stop” (figura 33). *Ex.:* Bóxer.

Figura 33: Cão com crânio inclinado (vista lateral).

Crânio inclinado
(Bóxer)



3.1.3.11. Crânio Fugídio

Quando vista de perfil, a abóbada craniana é arredondada e as arcadas superciliares são desarmoniosamente muito desenvolvidas em relação ao occipital, dando a impressão de que a linha superior ascende dele ao “stop” (figura 34). **É sempre falta** em qualquer raça.

Figura 34: Cão com crânio fugídio (vista lateral).



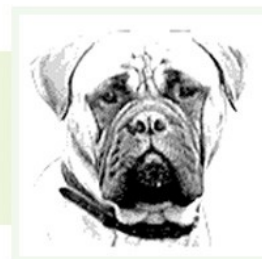
Crânio fugídio
(sempre é falta)

3.1.3.12. Crânio de Bordas Angulosas ou Bordas Retas

A abóbada craniana, na sua junção com as laterais, forma ângulos bem definidos (figura 35). *Ex.:* Bóxer, Bullmastiff, Dogue Alemão.

Figura 35: Cão com crânio de bordas angulosas (vista frontal).

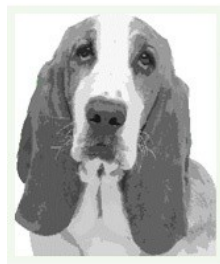
Crânio de bordas angulosas
(Bullmastiff)



3.1.3.13. Crânio de Bordas Arredondadas

A junção da abóbada com as laterais do crânio se faz suavemente, de forma gradativa (figura 36). *Ex.:* Basset Hound, Cocker Spaniel Inglês.

Figura 36: Cão com crânio de bordas arredondadas (vista frontal).



Crânio de bordas arredondadas
(Basset Hound)

3.1.4. Laterais Cranianas ou Paredes Cranianas

Constituem as duas regiões, uma de cada lado, que se situam abaixo da calota craniana e atrás da testa. É constituída pelo arco zigomático e pelos músculos que intervém na mastigação.

Os **arcos zigomáticos** têm um papel fundamental na formação das órbitas, uma vez que no seu interior situam-se as fossas orbitárias e auditivas. Em se considerando que o volume relativo do globo ocular é o mesmo para qualquer cão, o maior ou menor tamanho dos olhos (protuberância), bem como sua inserção (oblíqua ou frontal) será sempre determinada pela conformação do arco zigomático.

A **região masseterina** ou **dos masseteres**, que são os mais importantes músculos mastigatórios, determina, juntamente com os arcos zigomáticos, as proeminências das laterais cranianas, que serão tanto mais volumosas quanto mais curtos e projetados lateralmente forem os arcos zigomáticos e quanto mais desenvolvidos forem os músculos mastigatórios.

3.1.5. Região Zigomática

Estende-se desde o canto interno do olho e imediatamente sob este, até o canto externo da orelha do lado correspondente.

3.1.6. Região das Bochechas

Situa-se imediatamente abaixo dos arcos zigomáticos e adiante da região dos masseteres, sendo quase que inteiramente formada por um músculo que, dependendo da proeminência dos arcos, pode ser muito desenvolvido. Os padrões referem-se a essa região, em geral, como **infra-orbitária** ou simplesmente **abaixo dos olhos**.

3.1.7. Occipital, Occipucio ou Occiput

É a região mais posterior da cabeça e quase exclusivamente representada pela proeminência occipital, que pode ser marcada (saliente) ou não, conforme segue:

3.1.7.1. Occipital Proeminente

A proeminência occipital é desenvolvida e destaca-se do crânio, sendo característica de cabeças dolicocefalas. *Ex.:* Basset Hound, Bloodhound, Setter Irlandês.

3.1.7.2. Occipital Não Proeminente

A região occipital confunde-se com o resto da calota craniana. É característica de cães braquicéfalos. *Ex.*: Boston Terrier, Bulldog.

3.1.8. Olhos

3.1.8.1. Estrutura

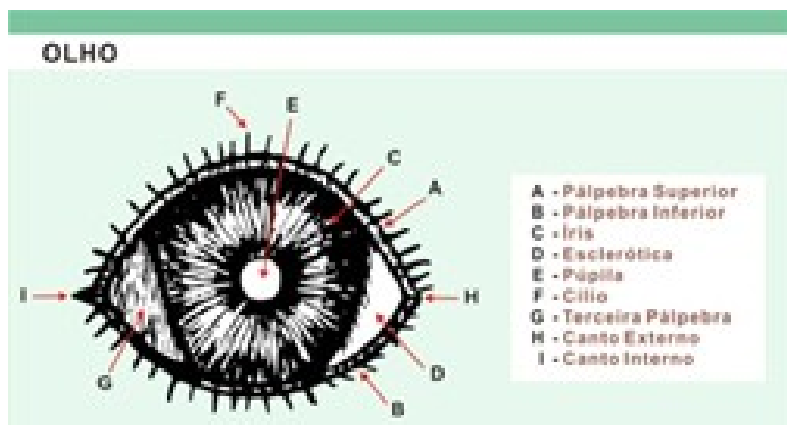
São os dois órgãos da visão e que se situam na parte antero-supero-lateral do crânio. São contidos pela fossa orbitária, que é constituída por parte do osso frontal, pelo arco zigomático e por parte do osso temporal.

O globo ocular é esférico e seu tamanho relativo é constante para toda a espécie, independentemente da raça. Externamente possui uma parte branca, denominada **esclerótica** e um círculo colorido chamado **íris** (figura 37).

A incapacidade de enxergar denomina-se **cegueira** e é sempre **falta desqualificante**. A incapacidade de enxergar unilateralmente não constitui cegueira, mas é também **desqualificante** pela incapacidade de enxergar com o olho lesado.

Os olhos são protegidos pelas pálpebras, em número de três: uma interna, constituída no seu interior por cartilagem, revestida por mucosa e inserida no canto interno do olho e denominada **terceira pálpebra**; e duas externas, uma superior e outra inferior, sendo designadas meramente de **pálpebras** e revestidas internamente por mucosa e, externamente, por pele (figura 37).

Figura 37: Estrutura dos olhos de um cão.

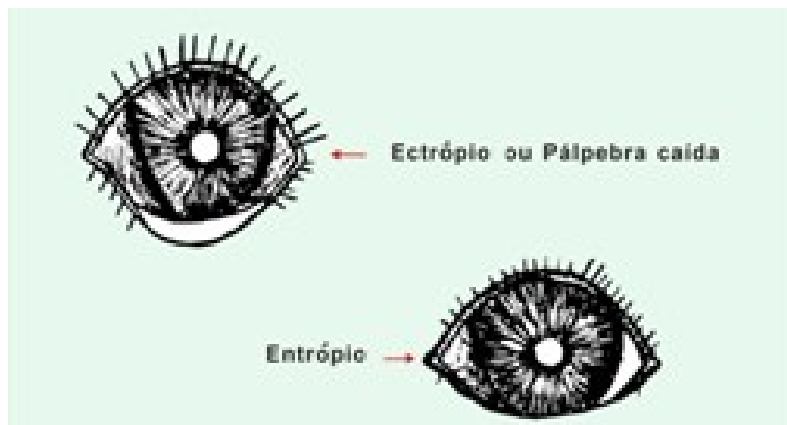


Tanto as pálpebras externas quanto a terceira pálpebra devem apresentar os bordos **sempre** pigmentados. Nos cães “particolores”, quando a mancha branca incide no sulco naso-frontal, pode ocorrer falta de pigmentação na área da sua incidência, o que não deve ser considerada **falta**. Nos cães inteiramente brancos, a despigmentação **sempre** será **falta**. Os olhos possuem pelos especiais, os **cílios**, que têm por função protegê-los. Quando eles estão voltados para dentro (triquíase), **sempre constituirá falta**.

As **pálpebras** são movidas por músculos, sendo que a superior é mais musculada e praticamente exerce sozinha a função de fechar e abrir os olhos; já a inferior pode apresentar duas anomalias:

- a) **Entrópio** (figura 38): a borda da pálpebra está voltada para dentro e pode entrar em atrito com o olho que, normalmente, apresenta uma excessiva produção de lágrimas. **Sempre** será **falta**, chegando a ser até mesmo **desqualificante** em algumas raças como, por exemplo, no Rottweiler e no Shar Pei.
- b) **Ectrópio** (figura 38): o bordo palpebral projeta-se para fora, deixando parte da conjuntiva à mostra. É admitido em algumas raças de pele muito solta, como no Basset Hound, Bloodhound, Fila Brasileiro e São Bernardo, mas constitui **falta** na maioria das raças, sendo, inclusive, **desqualificante**, por exemplo, no Rottweiler e no Shar Pei.

Figura 38: Ilustração de entrópio e ectrópio.



As pálpebras unem-se em duas **comissuras**: o **canto interno do olho**, que é a comissura mais próxima da linha mediana; e o **canto externo do olho**, que é a comissura mais afastada da linha mediana.

Quanto à forma e o tamanho aparente dos olhos, são decorrência da conformação dos arcos zigomáticos, da testa e das pálpebras. Cabeças longas e estreitas, com testas baixas, inclinadas e arcos zigomáticos pouco projetados possuem, de maneira geral, fossas orbitárias baixas, estreitas e compridas e, conseqüentemente, os olhos apresentam uma inserção geralmente mais oblíqua e são aparentemente de tamanhos menores; já as cabeças muito largas, com testas altas e arcos zigomáticos projetados, a fossa orbitária é em geral mais alta, larga e rasa, com olhos inseridos mais frontalmente e relativamente maiores.

Dessa maneira, o tamanho e forma aparente dos olhos são determinados pela variação do diâmetro da fossa orbitária, mas, também, pela espessura das pálpebras: pálpebras muito carnudas e volumosas conferirão aos olhos a aparência de serem menores e mais profundos, ao passo que pálpebras adelgaçadas darão aspecto de olhos maiores e mais proeminentes.

Assim, quando os padrões raciais descrevem as características almejadas para determinada raça, principalmente aquelas relacionadas à forma e ao tamanho dos olhos, o fazem estabelecendo um comparativo do que se preconiza na mesma tomando como referência o que seria mais comum para o **tipo esquelético** à qual ela pertence.

Como exemplo, os "olhos os mais redondos possíveis", conforme descrito nos padrões dos Fox Terriers Pelo Liso e Duro, não o são no sentido genérico, mas sim olhos arredondados relativamente à cabeça graióide, que é característica de ambas; ou ainda, os "olhos grandes" apregoados para o Saluki não significa que os cães da raça devam ter olhos grandes relativamente ao observado, por exemplo, nas raças bracóides de maneira geral, mas sim olhos grandes comparativamente ao que se convencionou como sendo o ideal para uma cabeça graióide, que é típica na raça, e assim por diante.

3.1.8.2. Classificação

Os padrões costumam referir-se aos olhos sob os pontos de vista da inserção (colocação), inclusão, forma, tamanho, cor e expressão.

i. Quanto à inserção (colocação)

a) *Olhos de inserção frontal*: resultam de testas altas, retas e arcos zigomáticos muito projetados (figura 39). Ex.: Boston Terrier, Pequinês, Buldogue Francês.

Figura 39: Olhos de inserção frontal (vista frontal).



b) *Olhos de inserção oblíqua*: oriundos de testas baixas, inclinadas e arcos zigomáticos pouco projetados (figura 40). Ex.: Bull Terrier, Collies Pelo Curto e Pelo Longo, Greyhound.

Figura 40: Olhos de inserção oblíqua (vista lateral).



c) *Olhos de inserção mediana*: resultam de constituições intermediárias entre as duas anteriores (figura 41). Ex.: Cães árticos, Bracos, Pointers e Setters em geral.

Figura 41: Olhos de inserção mediana (vista frontal).



ii. Quanto à inclusão

a) *Olhos profundos*: podem ser decorrentes de inserção muito oblíqua (figura 42). Ex.: Bull Terrier; Collies Pelo Curto e Pelo Longo; ou de pálpebras muito volumosas. Ex.: Chow Chow, São Bernardo, Terra Nova.

Figura 42: Olhos profundos (vista lateral).



b) *Olhos proeminentes*: resultam de inserção frontal e pálpebras adelgaçadas (figura 43). Ex.: Buldogue Francês.

Figura 43: Olhos proeminentes (vista frontal).



iii. Quanto à forma

a) *Olhos redondos*: decorrem de inserção frontal e pálpebras adelgaçadas (figura 44). Ex.: American Staffordshire Terrier, Buldogue Francês, Chihuahua, Pug, Shih Tzu, Staffordshire Bull Terrier.

Figura 44: Olhos redondos e proeminentes (vista lateral).



b) *Olhos arredondados*: oriundos de inserção frontal e pálpebras mais frouxas (figura 45). *Ex.*: Bichon Frisé, Pequeno Lebre Italiano.

Figura 45: Olhos arredondados (vista frontal).



c) *Olhos ovais*: decorrem de inserção de mediana para frontal; é característica de dolicocefalos de focinho não muito comprido (figura 46). *Ex.*: Bracos Húngaros Pelo Curto e Pelo Duro, Pastor de Brie, Saluki.

Figura 46: Olhos ovais (vista frontal).



d) *Olhos amendoados*: decorrem de inserção de mediana para oblíqua e são característicos de cabeça bracoíde e graioíde combinadas (figura 47). *Ex.*: Afghan Hound, Australian Shepherd, Borzoi, Dobermann, Pastor Alemão, Terriers de cabeça longa em geral.

e) *Olhos triangulares*: decorrem da inserção oblíqua e são característicos da cabeça graioíde pura (figura 48). *Ex.*: Akita, Bull Terrier, Bull Terrier Miniatura, Shiba.

Figura 47: Olhos amendoados (vista lateral).



Figura 48: Olhos triangulares (vista frontal).



iv. Quanto à cor

A cor da íris é uma das características da boa pigmentação. A regra geral é de que a cor dos olhos deve harmonizar-se com a da pelagem e não destoar, isto é, não deve ser mais clara do que a tonalidade mais clara da pelagem do cão. Assim, com relação à sua cor, os olhos podem ser: escuros, claros, mistos, de “louça” (ou “porcelana”) e de “rapina”, conforme segue.

a) *Olhos escuros:* são os ideais para a maioria das raças, não se destacando ou destoando da cor da pelagem. Devem ser:

- *Preto ou castanho escuro:* para pelagens preta, cinza, azul, preto e castanho, azul e castanho, tigrados, vermelhos, dourados, amarelos (e seus matizes), “particolores” dessas cores e brancos sólidos.

- *Marrom escuro ou avelã:* para pelagens fígado, marrom, marrom e castanho e “particolores” dessas cores.

- *Avelã ou âmbar:* para pelagens isabela ou Isabela e castanho e “particolores” dessas cores. *Ex.:* Weimaraner.

b) *Olhos claros:* Destoam e destacam-se da cor da pelagem constituindo, para as cores de pelagem relacionadas anteriormente, tonalidades mais claras. *Ex.:* olhos azuis onde se determina a cor preta; olhos amarelos onde se apregoa a cor marrom ou avelã. Geralmente são considerados como **falta**, mas alguns padrões aceitam ou toleram a cor mais clara dos olhos.

c) *Olhos mistos*: são olhos “particolores”. Ex.: castanhos manchados de avelã ou azul, ou azuis com manchas. Só são permitidos em algumas raças que aceitam ou permitem olhos escuros e azuis e, portanto, **permitem também um olho de cada cor**.

d) *Olhos de “louça” ou de “porcelana”*: são olhos azuis extremamente claros.

e) *Olhos de rapina*: são olhos cujo tamanho da íris permite que parte da esclerótica apareça e, além disso, a íris possui um halo de coloração mais clara, similar a das aves de rapina (figura 49). **É sempre falta**.

Figura 49: Olho de rapina.



v. Quanto à expressão

A expressão dos olhos é decorrente de inúmeros fatores (e, também, da combinação deles), tais como sua inserção, tamanho, inclusão, forma e cor, sendo, portanto, de difícil conceituação. Os diversos padrões usam uma vasta terminologia para determinar a expressão, como por exemplo: ternos, meigos, brilhantes, suplicantes, inteligentes, altivos, “cheios de fogo”, arrogantes, distantes, entre outros, ou seja, conceitos um tanto quanto subjetivos, mas que, de certa forma, são facilmente constatáveis numa cabeça típica e de conformação correta.

3.1.9. Orelhas

3.1.9.1. Constituição

São órgãos externos do aparelho auditivo e que se situam nas laterais do crânio. Constituem o pavilhão auditivo e dividem-se em:

- *Concha*: que é a base da orelha e está próxima do crânio.
- *Couro*: que é a parte solta e mais afastada do crânio.

Possuem duas faces: a **interna** e a **externa**, ambas revestidas por pele e pelos, sendo que os pelos são mais abundantes na face externa, entretanto, nas raças que realizam trabalho dentro da água, os pelos da face interna são igualmente abundantes e se estendem até a base a fim de proteger a orelha interna. Entre uma face e outra existem dois bordos:

- *Bordo anterior*: também designado **bordo interno**, porque se situa mais próximo do plano mediano.

- *Bordo posterior*: também designado **bordo externo**, porque está mais afastado do plano mediano.

Interiormente a orelha é constituída por: uma cartilagem que varia de forma, tamanho, espessura e qualidade, de raça para raça; e músculos, principalmente na base ou concha, os quais têm por função, acionando a cartilagem, movimentar a orelha.

A musculatura da orelha pode ser insuficiente para permitir qualquer movimento e é, em geral, uma característica racial, mas, também, uma variação individual. Com relação à sua força muscular, ela está intimamente ligada ao comprimento e dureza da cartilagem e, ainda, ao local de inserção da orelha. Assim, quanto mais curta e dura a cartilagem e mais alta a inserção, maior a capacidade de movimentação dessa musculatura.

3.1.9.2. Classificação

As orelhas podem variar quanto à cartilagem (forma, tamanho, espessura, consistência e integridade), inserção, forma de ereção e tipo de pelagem.

i. Quanto à cartilagem

a) *Forma de cartilagem ou do couro*:

- *Orelhas triangulares*: têm a forma aproximada de um triângulo equilátero (figura 50). Ex.: Chow Chow, Samoieda, Yorkshire Terrier.

Figura 50: Orelhas triangulares (vista frontal).



- *Orelhas pontiagudas*: têm a forma de um triângulo agudo (figura 51). Ex.: Pastores Alemão e Belga, Schipperke, Terrier Escocês.

Figura 51: Orelhas pontiagudas (vista lateral).



- *Orelhas arredondadas*: são orelhas de pontas bem arredondadas (figura 52). Ex.: Beagle, Buldogue Francês.

Figura 52: Orelhas arredondadas (vista frontal).



Orelhas arredondadas
(Bulldog Francês)

- *Orelhas lobulares*: têm a forma de gota (figura 53). Ex.: Cockers Spaniels Americano e Inglês, Springer Spaniel Inglês.

Figura 53: Orelhas lobulares (vista frontal).



Orelhas lobulares
(Springer Spaniel Inglês)

b) *Com relação ao tamanho da cartilagem ou do couro*:

- *Orelhas largas*: de couro largo em relação ao comprimento (figura 54). Ex.: Braco Italiano, Fila Brasileiro, Vizsla, Weimaraner.

Figura 54: Orelhas largas (vista frontal).



Orelhas largas
(Fila Brasileiro)

- *Orelhas estreitas*: de couro estreito em relação ao comprimento (figura 55). Ex.: Chihuahua, Husky Siberiano.

Figura 55: Orelhas estreitas (vista lateral).

Orelhas estreitas
(Chihuahua)



- *Orelhas curtas*: de couro de tamanho reduzido em relação ao da cabeça (figura 56). Ex.: Chow Chow, Spitz Alemão.

Figura 56: Orelhas curtas (vista frontal).



Orelhas curtas
(Spitz Alemão)

- *Orelhas compridas ou longas*: de couro de comprimento predominante em relação ao tamanho da cabeça (figura 57). Ex.: Basset Hound, Beagle, Pastor Alemão, Setters e Spaniels em geral.

Figura 57: Orelhas longas (vista frontal).

Orelhas longas
(Springer Spaniel Inglês)



c) *Com relação à espessura da cartilagem*:

- *Orelhas finas*: de cartilagem adelgada. Ex.: Chihuahua, Papillon, Yorkshire Terrier.
- *Orelhas médias*: de cartilagem moderadamente delicada. Ex.: Buldogue Francês.
- *Orelhas espessas*: de cartilagem mais consistente. Ex.: Fila Brasileiro.
- *Orelhas grossas ou muito espessas*: de cartilagem mais espessa e “carnuda”. Ex.: Cockers Spaniels Americano e Inglês, Springer Spaniel Inglês.

d) *Com relação à consistência da cartilagem:*

- *Orelhas duras:* orelhas de cartilagem dura, geralmente eretas ou passíveis de ficarem por meio de amputação (conchectomia). Ex.: Basenji, Bóxer, Cães árticos em geral, Dobermann, Dogue Alemão.
- *Orelhas moles:* a cartilagem é de consistência mole e a orelha geralmente não tem capacidade de ficar ereta, nem mesmo com a realização de conchectomia. Ex.: Bracos, Hounds, Setters e Spaniels em geral.

e) *Com relação à integridade da cartilagem:*

- *Orelhas íntegras:* são aquelas que não são amputáveis e, com exceção das raças que admitem conchectomia (a não ser que a legislação do país faça restrições à sua prática), qualquer intervenção nas orelhas constitui uma **falta**.
- *Orelhas cortadas ou amputadas:* são aquelas cortadas de acordo com as tradições de criação, nos países onde não há proibição de amputações de orelhas.

ii. **Quanto à inserção**

A ***inserção*** é a junção da orelha ao crânio. É formada pelo ***canto externo da orelha***, que é a junção do seu bordo posterior ou externo ao crânio, ficando próximo ao arco zigomático; e pelo ***canto interno da orelha***, que é a junção do seu bordo anterior ou interno ao crânio e fica próximo ao parietal. O tipo de inserção depende: da forma do crânio, do arco zigomático, das características da cartilagem e do tipo de pele de cada raça.

Quanto à posição da inserção, as orelhas podem ser:

- *Orelhas de inserção alta ou orelhas de inserção acima da linha dos olhos:* o canto externo da orelha fica acima da linha dos olhos (figura 58), sendo características de crânios dolicocefalos e de raças de pele não muito solta. Ex.: Bóxer, Cavalier King Charles Spaniel, Dobermann, Dogue Alemão, Husky Siberiano, Pequinês, Terriers em geral.

Figura 58: Orelhas de inserção alta (vista frontal).

Orelhas de inserção alta
(Terrier Brasileiro)



- *Orelhas de inserção lateral:* o canto externo da orelha insere-se na linha dos olhos (figura 59). É característica de crânios mais largos e de arcos zigomáticos mais projetados. Ex.: Buldogue Francês, Chihuahua.

Figura 59: Orelhas de inserção lateral (vista frontal).



Orelhas de inserção lateral
(Chihuahua)

- *Orelhas de inserção baixa ou na linha dos olhos:* o canto interno da orelha situa-se na linha dos olhos, ou abaixo dela (figura 60). É característica de orelhas longas e de consistência mole ou de cães de pele solta. Ex.: Bracos, Hounds, Setters e Spaniels em geral.

iii. Quanto à capacidade de ereção

A capacidade de ereção está ligada a vários fatores inerentes às características da cartilagem, à sua musculatura, à amplitude do arco zigomático e ao tipo de pele, sendo que, sob este ponto de vista, as orelhas podem ser:

- *Orelhas inertes:* são orelhas praticamente desprovidas de capacidade de ereção, ocorrendo principalmente em cães de orelhas longas, de cartilagem mole, de inserção baixa e/ou em raças de pele solta (figura 60). Ex.: Basset Hound, Beagle, Cockers Spaniels Americano e Inglês.

Figura 60: Orelhas de inserção baixa e inertes (vista lateral).

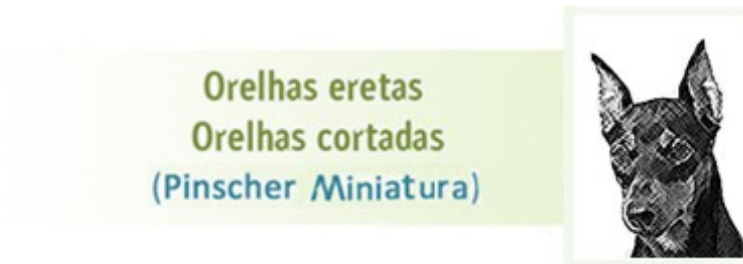


Orelhas de inserção baixa
Orelhas inertes
(Beagle)

- *Orelhas eréteis:* são orelhas que podem ser erguidas. O grau de ereção, contudo, é variável. Assim temos:

- *Orelhas eretas:* são orelhas em pé (figura 61). Têm grande força de ereção e realizam diversos movimentos. Ex.: Todas as raças de orelhas amputadas; Cães árticos em geral, Cairn Terrier, Manchester Terrier, Pastores Belga e Alemão, Terrier Escocês, West Highland White Terrier.

Figura 61: Orelhas eretas (vista frontal).



- Orelhas semi-eretas: são orelhas cuja capacidade de ereção se restringe apenas a uma parte do couro, a outra permanecendo praticamente inerte. As orelhas semi-eretas podem ser classificadas em:

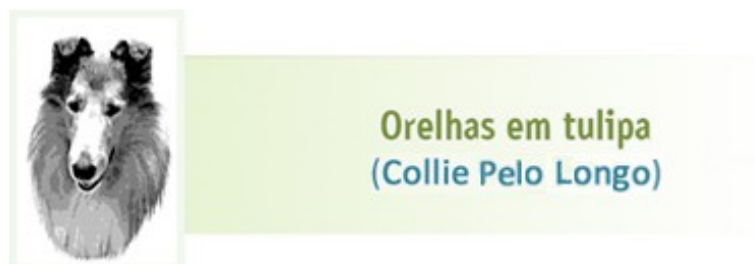
Orelhas em botão: é uma orelha na qual a base, até o primeiro terço do couro, pode ser erguida, ficando o restante inerte e assim produzindo uma dobra na altura do crânio ou um pouco acima (figura 62). *Ex.*: Airedale Terrier, Fox Terriers Pelo Duro e Pelo Liso, Lakeland Terrier, Pug, Welsh Terrier.

Figura 62: Orelhas em botão (vista lateral).



Orelhas em tulipa: é uma orelha semelhante a uma orelha em botão, só que a porção erétil é maior e estende-se da metade até o fim do 2º terço, ficando apenas, no máximo, o último terço inerte (figura 63). *Ex.*: Collies Pelo Curto e Pelo Liso, Pastor de Shetland.

Figura 63: Orelhas em tulipa (vista frontal).



Orelhas em rosa: é uma orelha de ereção bem peculiar. Uma parte da orelha, a base, é parcialmente fechada e projeta-se para trás, fazendo uma primeira dobradura no sentido longitudinal do couro; há ainda outra dobradura, dupla, no primeiro terço (figura 64). Nas cabeças dolicocefalas a orelha “cola-se” (projeta-se bastante próxima) às laterais do pescoço; já nas cabeças braquicefalas é portada lateralmente. Quando em atenção, somente o primeiro terço se eleva e o restante do couro pende inerte para os lados e para fora. Ex.: Bulldog, Deerhound, Greyhound, Whippet, Wolfhound Irlandês.

Figura 64: Orelhas em rosa (vista frontal).



Orelhas em rosa
(Whippet)

iv. **Quanto à pelagem**

A pelagem que recobre as orelhas nem sempre é a mesma, ou do mesmo tipo e comprimento da que recobre o corpo do cão. Relativamente à pelagem, as orelhas podem ser:

- **Orelhas lisas**: de pelos curtos e assentados, sendo característica de raças de pelo curto em geral. Ex.: Bóxer, Dobermann, Fox Terrier Pelo Liso, Pharaoh Hound.
- **Orelhas peludas**: profusamente cobertas de pelos longos. Ex.: Afghan Hound, Bichon Frisé, Lhasa Apso, Old English Sheepdog, Poodles, Puli.
- **Orelhas franjadas**: parte da orelha, geralmente o primeiro terço, é coberto por pelos mais curtos e a outra parte, do segundo ao último terço, apresenta pelos longos. Ex.: Cockers Spaniels Americano e Inglês, Dachshund Pelo Longo, Papillon, Setters em geral.

3.2. FOCINHO

Focinho é, na avaliação de cães, a parte da cabeça que se projeta do crânio e anatomicamente denominada de **focinho** propriamente dito.

Assim como o crânio, é recoberto por pele com as suas mesmas características; entretanto, é constituído por pelos especiais, táteis, denominados popularmente de **bigodes** ou, segundo a nomenclatura anatômica, **vibrissas**, as quais, geralmente, são removidas para fins de exposição, entretanto, tal prática constitui em falta quando realizada em algumas raças, tais como no Afghan Hound e no Samoieta, entre outras.



O focinho constitui a porção mais anterior da cabeça e projeta-se adiante do crânio, possuindo três eixos:

- *Eixo longitudinal* ou *comprimento do focinho*: é a medida que vai da raiz do focinho ("stop") à ponta do mesmo;
- *Eixo transversal* ou *largura do focinho*: é a medida determinada na altura dos caninos, constituindo a distância entre os caninos;
- *Eixo vertical* ou *altura do focinho*: é a medida que vai da cana nasal à parte inferior da mandíbula, na sua região mais volumosa.

3.2.1. Regiões do Focinho

O focinho possui as seguintes regiões:

- *Raiz do focinho*: é a região na qual se faz a união do crânio com o focinho.
- *Cana nasal ou linha superior do focinho*: constituída quase que exclusivamente pelos ossos nasais, sendo a parte superior deles.
- *Anterior do focinho*: é a porção frontal do focinho e o seu ponto extremo, onde se situa o "nariz" ou trufa nasal. A porção mais projetada da trufa nasal denomina-se **ponta do focinho**.
- *Mandíbula ou linha inferior do focinho*: é a porção inferior do focinho, sendo constituída pelo osso que lhe dá o nome (**mandíbula**).
- *Laterais do focinho*: são as duas faces, sendo uma de cada lado do focinho; são constituídas pelo maxilar superior, pelos lábios e bochechas de cada lateral.

3.2.1.1. Raiz do Focinho

A raiz do focinho é a porção de maior diâmetro do focinho. Muitas vezes esta junção se faz de forma quase que imperceptível, gradualmente (nos dolicocéfalos), mas na maioria das vezes é bem evidente. Pode ser abrupta ou suave, sendo que essa última geralmente proporciona o que os padrões denominam de "bom cinzelamento abaixo dos olhos".

3.2.1.2. Cana Nasal ou Linha Superior do Focinho

Formada pelos **ossos nasais** e, na porção anterior, pela cartilagem do **vômer**. Em algumas raças, vista de perfil, deve ser paralela à linha superior do crânio, sendo denominado de **paralelismo crânio-focinho** (figura 65). É muito importante na caracterização dos focinhos, podendo ser:

a) *Focinho retilíneo*: quando a cana nasal se aproxima da reta. Pode ser:

- *Focinho retilíneo horizontal*: a cana nasal é paralela à horizontal (figura 65). Ex.: Cocker Spaniel Americano, Dogue Alemão, Setter Inglês, Mastim Napolitano.

- *Focinho retilíneo descendente*: quando a cana nasal converge para a horizontal, da raiz do focinho em direção à ponta (figura 65). Ex.: Akita, Shiba, Terrier Brasileiro.

- *Focinho retilíneo ascendente*: quando a cana nasal converge a partir da horizontal, da raiz do focinho em direção à ponta (figura 65). É característico do Pointer Inglês.

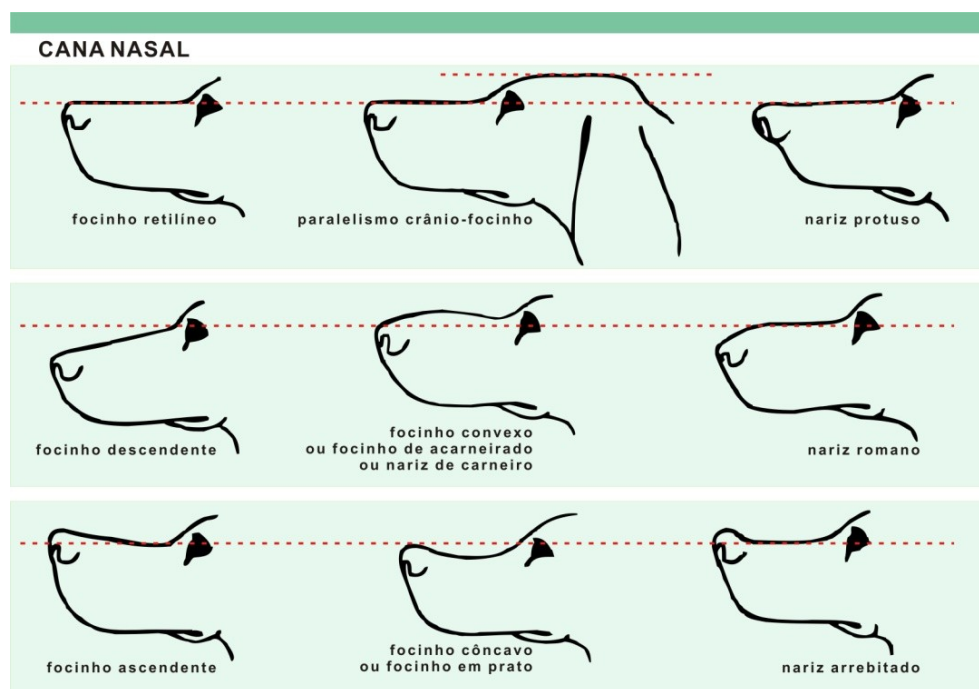
b) *Focinho côncavo, cana nasal côncava ou "focinho em prato"*: a cana nasal descreve um arco côncavo, isto é, parte da cana nasal fica abaixo da raiz do focinho e da ponta (figura 65). Geralmente constitui falta, mas é característico, por exemplo, no Dogo Argentino. Não deve ser confundida com nariz ou focinho arrebitado, no qual só o nariz está acima da cana nasal.

c) *Focinho convexo ou cana nasal convexa*: a linha superior do focinho descreve uma curva, ficando a raiz e a ponta do focinho abaixo do seu ponto máximo (figura 65); decorre da ascendência dos ossos nasais até o último terço e da inclinação do vômer. É popularmente denominado *nariz* ou *focinho de carneiro*, ou ainda, *focinho acarneirado*. É característica de certas raças, tais como no Bull Terrier e Bull Terrier Miniatura, mas constitui **falta** na maioria das demais.

d) *"Nariz romano"*: a cana nasal é retilínea até o último terço do focinho (figura 65). A cartilagem do vômer forma uma linha descendente, ocasionando uma ligeira interrupção (ou "quebra") próxima à trufa e conferindo um aspecto de "nariz de lutador de boxe". Constitui **falta** na maioria das raças, mas é característico, por exemplo, no Borzoi.

e) *Focinho "caído"*: é um "nariz romano" de quebra muito exagerada. **Sempre constitui falta**.

Figura 65: Tipos de cana nasal ou focinho (vista lateral).





3.2.1.3. Anterior do Focinho

Constitui a parte frontal do focinho e apresenta duas regiões: o “nariz” ou trufa nasal e o queixo; também compreende a abertura anterior da boca.

i. “Nariz” ou trufa nasal ou ponta do focinho

O “nariz” constitui a abertura do aparelho respiratório e funciona como o órgão do sentido responsável pela olfação. Quando visto de frente, a trufa nasal tem forma de coração de baralho francês (“copas”) e, de perfil, no geral, em forma de um triângulo retângulo.

Possui duas aberturas: as **narinas**, formadas por duas proeminências laterais denominadas de **abas do nariz** e, entre elas, existe um sulco que é o prolongamento do existente entre o dos lábios superiores, nominado **sulco naso-frontal**. Quando este sulco se estende para a porção superior do nariz, constitui o que os padrões denominam **“nariz rachado”, “fendido” ou “bipartido”**.

A trufa nasal deve ser larga e ampla e com narinas bem abertas, principalmente naquelas raças que realizam o trabalho através do faro; já nas raças que utilizam as orelhas ou os olhos como sentido principal, ela poderá ser mais delicada e com narinas não tão abertas. Deve ser bem pigmentada, da mesma forma que a do bordo das pálpebras, lábios e almofadas plantares, seguindo, portanto, a regra da harmonização com a cor da pelagem. Nesse sentido, deve ser:

a) **Preta**: para pelagens pretas, preta e canela, tigradas, cinzas, azuis, marrons avermelhadas, douradas, amarelas e suas nuances; “particolores” dessas cores e brancos sólidos.

b) **Marrom**: para pelagens marrons, marrom e canela e suas nuances, bem como em “particolores” dessas cores.

Alguns padrões permitem que em pelagens mais claras, ou ainda naquelas com nuances azuis ou cinzas, ela seja acinzentada; já nas raças com pelagens de cor limão ou laranja, poderá ser de cor “tijolo”. Em algumas raças a trufa nasal pode ser desde parcialmente despigmentada (apresentando desde uma pequena mancha até vários “salpicos” róseos e sendo, assim, denominada **“nariz de borboleta”**), até totalmente despigmentada (e, portanto, inteiramente rósea, nominada pelos padrões ráriscos como **“nariz cor de carne”**). Ambas as apresentações constituem **falta** para a maioria das raças, sendo, até mesmo, **desqualificante** em algumas, porém, é aceitável em outras, como por exemplo: no Australian Shepherd de cor merle é permitido até 25% de despigmentação da trufa em cães com mais de um ano de idade; no Basenji, embora seja desejável a de cor preta, outras cores de trufa são aceitáveis; no Chihuahua, qualquer cor de “nariz” é permitido; no Dogue Alemão arlequim, a trufa pode ter despigmentação parcial ou total. As raças originárias de locais de frio muito intenso podem, no inverno, ter uma coloração da trufa nasal mais clara, nominado **“nariz de inverno”, “de neve” ou “de frio”**, porém, sem constituir falta. Ex.: Husky Siberiano, Pastor Branco Suíço, Samoieda, entre outras.



ii. Linha anterior do focinho

A conformidade da linha anterior do focinho pode ser em acordo com a da trufa nasal:

- a) *Reta ou Perpendicular*: a trufa nasal fica no mesmo alinhamento do queixo ou muito ligeiramente adiante dele. *Ex.*: Cockers Spaniels Americano e Inglês, Springer Spaniel Inglês.
- b) *Inclinada*: pode ser de duas modalidades, de acordo com a projeção da trufa nasal e do queixo.
- c) *Nariz protruso*: a projeção da trufa em relação à linha anterior do focinho pode ser em vários graus: quando ligeira, provocará uma linha anterior do focinho chanfrada, harmônica, comum a diversas raças; entretanto, poderá ser muito projetada, destacando-se da linha anterior do focinho e constitui em falta na maioria das raças.
- d) *Mandíbula protrusa, protusão da mandíbula ou queixo projetado*: a linha anterior do focinho inclina-se em relação à trufa nasal, que se situa mais próxima do crânio e em direção à mandíbula, que está mais para fora. *Ex.*: Bóxer, Bulldogs em geral, Shih Tzu.
- e) *Nariz arrebitado*: muitas vezes a trufa nasal encontra-se acima da linha superior do focinho, permanecendo, contudo, toda a cana nasal, desde a raiz, no mesmo plano e sendo, assim, conhecido como **nariz** ou **focinho arrebitado**. *Ex.*: Bóxer, Pointer Inglês.

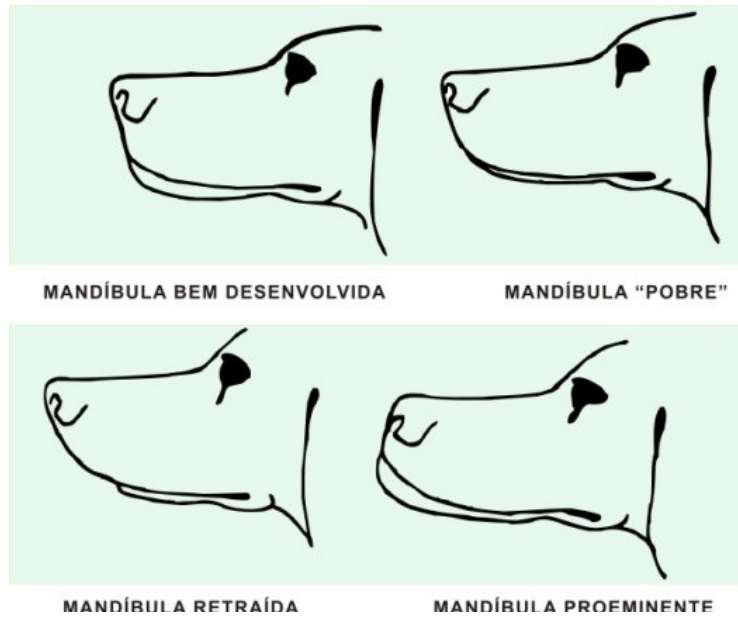
3.2.1.4. Mandíbula ou Maxilar

É a parte inferior do focinho. Sua parte anterior é denominada **queixo** e compõe a parte ventral da linha anterior do focinho. Com relação a ela temos:

- a) *Mandíbula bem desenvolvida*: é a ideal para a maioria das raças. Vista de perfil é forte e bem destacada, com o queixo evidente e situada quase que na mesma linha da trufa nasal (figura 66).
- b) *Mandíbula pouco desenvolvida*: a mandíbula é frágil, delicada. Visto pela frente o queixo é discreto e, de perfil, é reduzido em espessura relativamente ao resto do focinho (figura 66). Muitas vezes lábios de desenvolvimento excessivo, não requeridos pelo padrão, podem conferir uma falsa impressão de mandíbula pouco desenvolvida. **Sempre constitui falta**, principalmente nas raças cuja função utilitária está relacionada ao poder da mordida. *Ex.*: Cães de caça e presa, cães de guarda e defesa, Terriers em geral.
- c) *Mandíbula retraída*: é uma diminuição do tamanho do osso da mandíbula (figura 66) e que pode ocasionar desde um ligeiro prognatismo superior até a completa exposição dos dentes mais craniais (incisivos e/ou caninos) ou, ainda, do palato. Sempre será **falta grave** ou, em algumas raças, até mesmo **desqualificante**.

d) *Mandíbula proeminente*: é característica de raças que possuem fortes mandíbulas, projetadas adiante da arcada superior e com queixo muito desenvolvido e projetado a frente da trufa nasal (figura 66). Apresentam, de maneira geral, mordedura em tesoura invertida ou prognatismo inferior. **Será falta sempre que deixar a língua ou dente(s) à mostra.**

Figura 66: Tipos de mandíbula (vista lateral).



3.2.1.5. Laterais do Focinho

As laterais do focinho delimitam a sua largura.

Em relação a elas temos:

a) *Focinho pontudo*: as laterais do focinho convergem para frente, abruptamente (figura 67). Constitui falta na maioria das raças, mas é característica do Deerhound.

Figura 67: Focinho pontudo (vista lateral).

Focinho Pontudo
(Deerhound)



b) *Focinho cheio*: as laterais do focinho colocam-se quase que paralelas, ou convergem harmonicamente, mantendo boa largura na altura dos caninos (figura 68). Ex.: Cockers Spaniels Americano e Inglês, Poodle, Setters em geral.

Figura 68: Focinho cheio (vista lateral).

Focinho cheio
(Cocker Spaniel Americano)



c) *Focinho estreito*: as laterais mantêm pouca distância entre si (figura 69). Geralmente constitui **falta**, mas ocorre em algumas raças de pequeno porte Ex.: Chihuahua, Yorkshire Terrier.

Figura 69: Focinho estreito (vista lateral).



Focinho estreito
(Chihuahua)

d) *Focinho largo*: a distância entre as laterais do focinho é relativamente grande (figura 70). Ex.: Bóxer, Bulldogs em geral, Bullmastiff, Pug.

Figura 70: Focinho largo (vista frontal).



Focinho largo
(Pug)

3.2.1.6. Focinho Como um Todo

Com relação à combinação dos três eixos do focinho, ainda temos.

a) *Focinho fino*: o comprimento é preponderante em relação à largura e profundidade (figura 71). Ex.: Dachshunds, Lebréis em geral.

b) *Focinho quadrado*: as três medidas são equiparadas (figura 72). Ex.: Beagle, Boston Terrier, Bóxer, Cocker Spaniel Americano.

Figura 71: Focinho fino (vista lateral).



Figura 72: Focinho quadrado (vista frontal).



c) *Focinho forte*: focinhos de comprimento relativo (geralmente compridos), mas de largura e profundidade equivalentes (figura 73). Destacam-se poderosamente da cabeça. *Ex.*: Cocker Spaniel Inglês, Clumber Spaniel, Dogue Alemão, Setter Gordon, Setter Inglês, Springer Spaniel Inglês.

Figura 73: Focinho forte (vista frontal).



d) *Focinho refinado*: é uma característica que pode ser apregoada pelos padrões, podendo ser: decididamente potentes e robustos (*Ex.*: Setters Gordon e Inglês, Springer Spaniel Inglês); ou ainda, sem deixar de serem robustos e destacados, mas com um toque de elegância (*Ex.*: Pinscher Miniatura, Poodle).

e) *Focinho profundo*: a profundidade do focinho é maior do que a largura. O comprimento é relativamente comprido (figura 74). *Ex.*: Bloodhound, Terrier Escocês.

Figura 74: Focinho profundo (vista frontal).



3.3. BOCA

A boca constitui a abertura anterior do aparelho digestivo. É circundada pelos lábios e, no seu interior, contém as arcadas dentárias (superior e inferior) e a língua.

3.3.1. Lábios

Dividem-se em superior e inferior, que se unem posteriormente em duas comissuras denominadas **comissuras labiais** que, dependendo do tipo dos lábios, podem ser:

- a) *Comissuras labiais “discretas”*: são características de lábios pouco exuberantes. Ex.: Collies Pelo Curto e Pelo Longo, Dobermann, Poodle.
- b) *Comissuras labiais hipertrofiadas*: são características de lábios grossos e exuberantes. Ex.: Bóxer, Cockers Spaniel Americano e Inglês, São Bernardo, Setter Gordon, Terra Nova.

Os lábios são presos na altura dos caninos, sendo que nesse tipo de comissura o lábio inferior é menos exuberante que o superior, sendo o seu bordo serrilhado na sua porção posterior e liso na sua parte anterior; já o lábio superior é mais exuberante que o inferior e apresenta bordos lisos. Na sua porção cranial existe um sulco que se estende por toda região superior da parte anterior do focinho, denominado **sulco naso-labial** que, muitas vezes, pode ser fendido e constitui deformidade, sendo, portanto, considerado **falta**.

Os bordos de ambos os lábios (inferior e superior) devem ser pigmentados, seguindo a regra da coloração das pálpebras e “nariz”. A maior ou menor espessura dos lábios é uma característica rásica e não decorre, como no caso de olhos e orelhas, de estruturas subjacentes, embora cães de pele mais solta geralmente tenham lábios mais desenvolvidos.

Quanto aos lábios superiores, eles podem ser:

3.3.1.1. Lábios Aderentes

Quando estão bem coaptados ao maxilar (figura 75). Ex.: Dobermann, Pastores Alemão e Belga, Poodle, cães árticos, Lebréis e Terriers em geral.

Figura 75: Lábios aderentes (vista lateral).

Lábios aderentes
(Greyhound)



3.3.1.2. Lábios Pendentes

São lábios mais espessos e que ultrapassam a mandíbula (figura 76). Ex.: Bóxer, Bulldogs em geral, Bullmastiff, São Bernardo, Setters Gordon e Inglês.

Figura 76: Lábios pendentes (vista frontal).



Lábios pendentes
(Setter Inglês)

3.3.1.3. Lábios Finos

São delgados e delicados e geralmente estirados e aderentes (figura 77). Ex.: Cão de Crista Chinês, Dachshunds, Lebréis e Terriers em geral.

Figura 77: Lábios finos (vista lateral).

Lábios finos
(Cão de Crista Chinês)



3.3.1.4. Lábios Secos ou Estirados

Correspondem a lábios finos, muito aderentes e típicos de cães de cabeças longas e de pele estirada (figura 78). Ex.: Collies Pelo Curto e Pelo Longo, Lebréis em geral.

Figura 78: Lábios secos ou estirados (vista lateral).



Lábios estirados
(Collie Pelo Longo)

3.3.1.5. Lábios Bem Desenvolvidos

Quando o lábio superior, sem ser pendente, é desenvolvido a ponto de recobrir a mandíbula (figura 79). *Ex.: Dachshunds, Dálmata.*

Figura 79: Lábios bem desenvolvidos (vista lateral).

Lábios bem desenvolvidos
(Dachshund)



3.3.1.6. Lábios Grossos

São espessos, grossos e geralmente pendentes (figura 80). *Ex.: Bóxer, Bulldogs em geral, Cocker Spaniel Americano, São Bernardo, Setter Gordon.*

Figura 80: Lábios grossos (vista frontal).



Lábios grossos
(Bulldog Inglês)

3.3.2. Língua

Encontra-se no interior da boca e desempenha várias funções. Na avaliação de cães, apresenta importância apenas sob dois aspectos: quanto à colocação e à coloração.

a) *Deve estar contida dentro da boca*: língua à mostra, seja por ser grande, seja por não haver boa coaptação dos maxilares (por prognatismo excessivo, torção de mandíbula ou dano neurológico), constitui sempre **falta grave**.

b) *Coloração*: a coloração da língua da maioria das raças, assim como a da mucosa bucal, deve ser sempre rósea. No Shar Pei, por exemplo, é altamente indesejável a língua totalmente rosa; já no Chow Chow, a coloração deve ser preto-azulada.

4. PESCOÇO

Faz a conexão da cabeça com o tronco, tem forma cônica e é estruturado pela coluna cervical (figura 81). Apresenta as seguintes regiões:

4.1. LINHA SUPERIOR DO PESCOÇO OU NUCA

É a parte superior do pescoço e se estende da parte posterior da cabeça até o ângulo anterior da coroa da escápula (cernelha). Possui um arqueamento que corresponde à curvatura céfalo-cervical da coluna vertebral, sendo mais evidente em raças longilíneas (de colunas mais longas) e quase imperceptível em raças brevilíneas (de colunas mais curtas).

O comprimento do pescoço é, em geral, uma consequência da posição e angulação da escápula (figura 81), ou seja, raças de ombros muito angulados, como os Terriers em geral, têm um pescoço mais longo e uma linha superior consequentemente mais curta. Ainda, dentro de uma mesma raça, as variações de comprimento estão ligadas ao tamanho, angulação e posição correta da escápula e, também, do arqueamento das costelas. Assim, não existe a possibilidade de que se tenha um pescoço bem colocado havendo qualquer defeito de ombro ou de caixa torácica.

Em cinofilia, alguns tipos de pescoço considerados **faltas** são:

- *Pescoço de “cisne”*: é consequência de desbalanceamento e recebe esse nome em função da curvatura exagerada da nuca, lembrando o pescoço de um cisne (ave). Ocorre em função do posicionamento da cabeça mais próxima ao corpo como forma de acomodação e para obtenção de equilíbrio estático (figura 82).

- *Pescoço de “ovelha”*: também constitui um sinal de desbalanceamento e é assim denominado por apresentar as mesmas características do pescoço de uma ovelha (ovino). É consequência do deslocamento da escápula para frente em função do arqueamento incorreto das costelas, de maneira que a cernelha encontra-se inserida “dentro” do pescoço (figura 82). Nesse tipo de pescoço, para que o cão possa manter a cabeça na posição fisiológica, ou seja, com os olhos postados no nível do horizonte, a cabeça é erguida, forçando, assim, a coluna cervical a curvar-se no sentido contrário ao do arqueamento normal e fazendo com que a curvatura da nuca desapareça.

Figura 81: Comprimento do pescoço do cão.

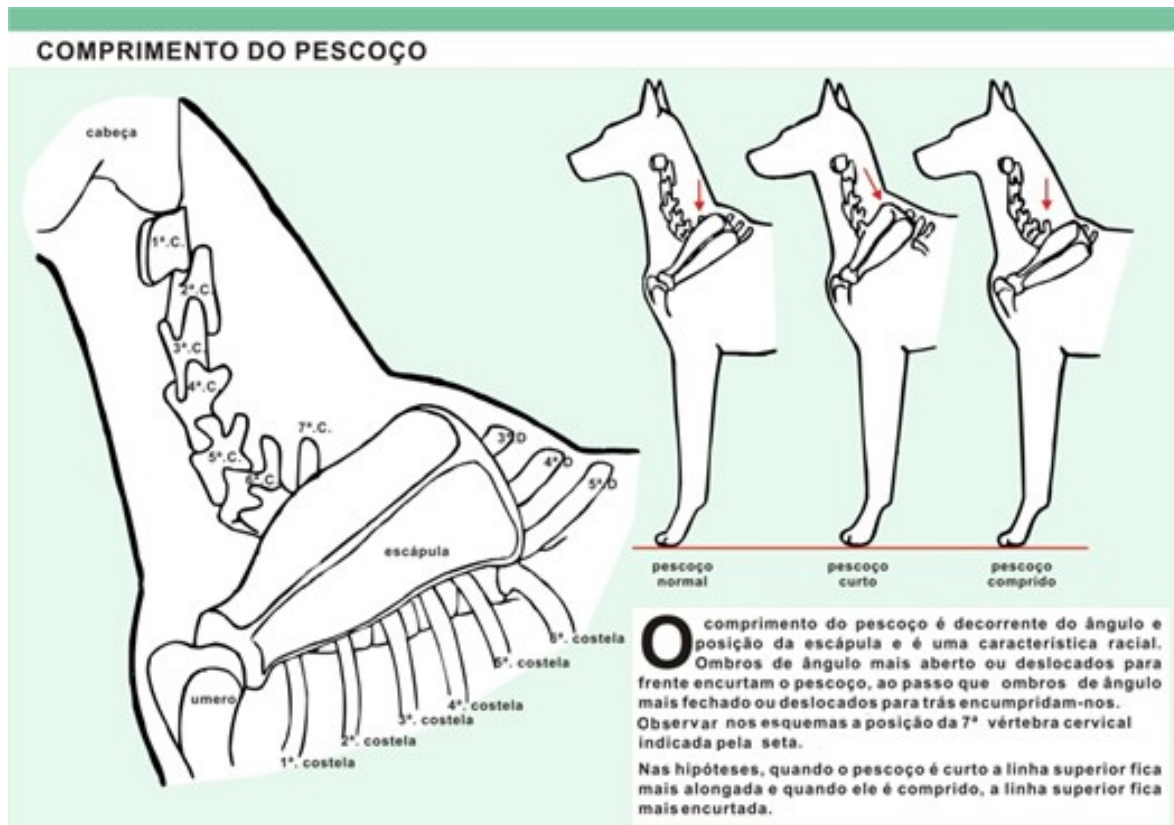
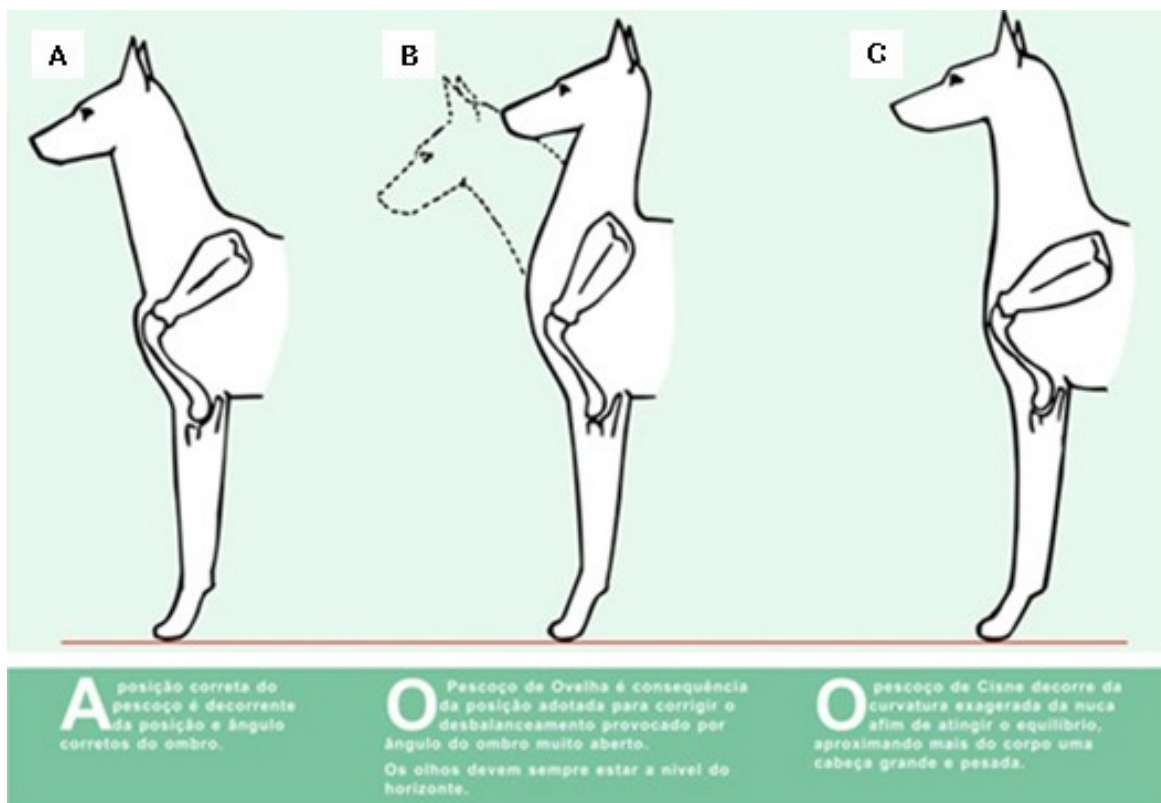


Figura 82: Posições correta (A) e incorretas (B, C) do pescoço do cão.





4.2. LINHA INFERIOR DO PESCOÇO OU GARGANTA

É a região do pescoço que fica oposta à linha superior e estende-se desde a base da língua (**osso hióide**) até a ponta do esterno. Pode ser estirada ou apresentar pregas que, muitas vezes, são características de determinadas raças e que podem ser receber as seguintes denominações: **barbela** ou **papada**.

4.2.1. Barbela

Constituída por duas pregas de pele longitudinais localizadas na porção cervical ventral e que será tanto mais desenvolvida quanto mais solta for a pele e mais pesadas e de baixa inserção forem as orelhas. É característica de certas raças (Ex.: Basset Hound, Bloodhound, Fila Brasileiro), mas, em outras, pode constituir **falta**, que será tanto mais grave quanto menos “carnudas” ou de mais alta inserção forem as orelhas.

4.2.2. Papada

São pregas transversais logo após a junção cabeça-pescoço. É uma decorrência do aumento de volume do pescoço, quer seja por obesidade ou pela pouca idade do cão.

4.3. LATERAIS DO PESCOÇO

São as duas regiões que se situam entre a linha superior e inferior do pescoço.

4.4. BASE DO PESCOÇO

É a linha imaginária que une o pescoço e o corpo (tronco) e que, partindo da cernelha, desce acompanhando a inclinação do ombro adiante da escápula até a articulação escápulo-umeral, seguindo, a partir daí, até a ponta do esterno e percorrendo o caminho inverso no lado oposto.

De uma maneira geral, a linha superior do pescoço deve terminar exatamente à frente do ângulo anterior da coroa da escápula, local onde há uma leve depressão seguida por uma ligeira protuberância que corresponde à coroa da escápula ou à cernelha propriamente dita. Assim, em termos práticos, a inexistência desse conjunto concavidade-protuberância indica que o pescoço não apresenta um encaixe correto, sendo válida a avaliação, inclusive, para as raças de patas curtas.

5. TRONCO

Corresponde ao corpo do cão como um todo e divide-se em duas partes: o tórax e o abdômen, separados internamente entre si por um músculo denominado **diafragma**, o qual está inserido nas últimas costelas e que contribui na execução dos movimentos respiratórios, bem como mantém a pressão negativa dentro da caixa torácica.

5.1. TÓRAX

É a parte anterior do corpo. Apresenta três diâmetros importantes: a altura, o comprimento e a largura.



- *Altura torácica ou profundidade do tórax*: é a medida que vai verticalmente da cernelha ao esterno;
- *Comprimento torácico*: vai da ponta do esterno até a última vértebra dorsal;
- *Largura torácica*: é a medida entre o par de costelas de maior projeção lateral. É facilmente identificada olhando o cão por cima da linha dorsal.

O tórax compreende as seguintes regiões:

5.1.1. Dorso ou Linha Superior do Tórax

Corresponde à região das vértebras torácicas. Contém as seguintes sub-regiões:

5.1.1.1. Cernelha

É a região formada pelo ângulo anterior da coroa da escápula, sendo, de maneira geral, a parte mais alta da linha superior.

5.1.1.2. Espáduas

É a região que corresponde à borda superior da escápula.

5.1.2. Laterais do Tórax

As laterais do tórax são constituídas pela região das costelas e, muitas vezes, são meramente designadas **costelas**. Elas se articulam, na região dorsal, com a espinha vertebral, desempenhando um papel de fole e, juntamente com o diafragma (que sapara pulmões e coração dos intestinos), contribuem na execução do movimento respiratório. No sentido transversal, as costelas devem ter, com a espinha vertebral, uma angulação tal que permita o cão arfar, sendo que o formato (tipo) das costelas também influencia nessa tarefa.

Quando a articulação entre as vértebras e as costelas é muito pequena, ou quase inexistente, é denominado de **costelas em guelra** e, em geral, constitui **falta** (comum nos Bulldogs). ***Nesse tipo de conformação nota-se, após um esforço, que o cão não arfa, suas costelas não se movem o suficiente para realizar o movimento respiratório e sua língua fica exteriorizada (para fora da boca) e com coloração arroxeada.*** A razão disso é que a implantação das costelas nas vértebras se dá praticamente sem nenhuma inclinação, isto é, saem das vértebras correspondentes praticamente numa horizontal paralela ao solo e, dessa forma, inibem a sua ação de fole.

O arqueamento das costelas varia, no geral, em conformidade com o Tipo Esquelético de cada raça e, num mesmo Tipo Esquelético, com a raça. As alterações no diâmetro da caixa torácica desempenham um papel preponderante na estabilidade, no equilíbrio e, conseqüentemente, nas mudanças de direção e no balanço do cão em movimento. Dessa forma, cães que devem desenvolver grandes velocidades geralmente possuem caixas torácicas estreitas e profundas; por outro lado, os que dependem de grande estabilidade apresentam caixas torácicas muito largas e relativamente mais rasas; já os cavadores, em forma de “coração de baralho”, e assim por diante.



Quanto ao seu arqueamento, o tórax pode ser:

5.1.2.1. Costelas Pouco Arqueadas

É a terminologia usada para indicar uma caixa torácica com menos arqueamento do que o Tipo Esquelético requer (figura 83).

5.1.2.2. Costelas de Bom Arqueamento

Corresponde ao que se considera “costelas com bom arqueamento” (figura 83), porém, diferem do que se denomina, em determinados padrões raciais, **costelas bem ou muito arqueadas**.

5.1.2.3. Costelas Bem ou Muito Arqueadas

Terminologia utilizada para indicar o arqueamento de costelas mediano (figura 83), sendo característico de cães que apresentam caixas torácicas consideradas, de maneira geral, amplas.

5.1.2.4. Costelas Achatadas

Termo empregado para indicar laterais de tórax não muito arqueadas na região de ação do braço (figura 83). É característica de algumas raças, mas é defeito naquelas das quais se exige costelas muito arqueadas ou bem arqueadas.

5.1.2.5. Tórax ou Costelas em Arco ou Costelas em “Barril”

É o termo usado para indicar um arqueamento exagerado (figura 83), característico de raças com frentes largas, mas defeituoso em outras.

5.1.2.6. Tórax em Forma de “Coração de Baralho” ou em “Copas”

É o arqueamento peculiar das raças cavadoras; consiste em costelas bem arqueadas na parte superior do tórax, seguido de um achatamento brusco, projetando o esterno bem para baixo e com ele formando um ângulo bem agudo, denominado **peito em quilha** (figura 83).

5.1.3. Antepeito e Peito

Constitui a região ao redor da ponta do esterno e da sua curvatura anterior, limitando-se pela raiz do pescoço, pelo braço e pela linha inferior. O antepeito, quando visto de perfil, situa-se ligeiramente adiante da **ponta do ombro**, sendo que a sua porção inferior corresponde ao arco descrito pela parte inferior do tórax, visto de frente, e é conhecida como **peito**. Dessa forma, o formato de ambos depende significativamente da conformação do esterno e do arqueamento das costelas e pode ser:

5.1.3.1. Peito Largo

Ocorre em função de costelas bem arqueadas (figura 83). *Ex.:* Bulldogs em geral.



5.1.3.2. Peito Mediano

Característico de costelas de arqueamento moderado (figura 83). *Ex.*: Dobermann, Pointer Inglês.

5.1.3.3. Peito Estreito

Ocorre por um arqueamento de costelas mais discreto ou pelo posicionamento do braço próximo à vertical (figura 83). *Ex.*: Lebréis e Terriers em geral.

5.1.3.4. Peito de “Pomba”

É característico de ombros implantados bem para trás e que deixam bem evidente, para frente, a projeção do esterno (figura 83). É característico das raças de “**patas curtas**”, porém, de maneira geral, constitui defeito em outras raças.

5.1.3.5. Peito em “Quilha”

Ocorre geralmente em cães com caixas torácicas cujas porções inferiores das costelas, ao invés de arqueadas suficientemente, formam com o esterno um ângulo aproximadamente agudo (figura 83). Normalmente constitui **falta**.

5.1.3.6. Peito de “Proa”

Trata-se de defeito da porção anterior do esterno que ao invés de subir em curva suave, projeta-se bruscamente. Geralmente constitui **falta**.

5.1.3.7. Peito Pouco ou Não Muito Profundo

Corresponde a uma caixa torácica que não chega até a linha dos cotovelos, independentemente do tórax ser profundo (figura 82). Como regra geral, constitui **falta**. *Ex.*: Borzoi, Galgo Espanhol.

5.1.3.8. Peito Profundo

É a terminologia usada para indicar um peito e, conseqüentemente, um tórax, que chega até a linha dos cotovelos (figura 83). É o tipo ideal para a maioria das raças.

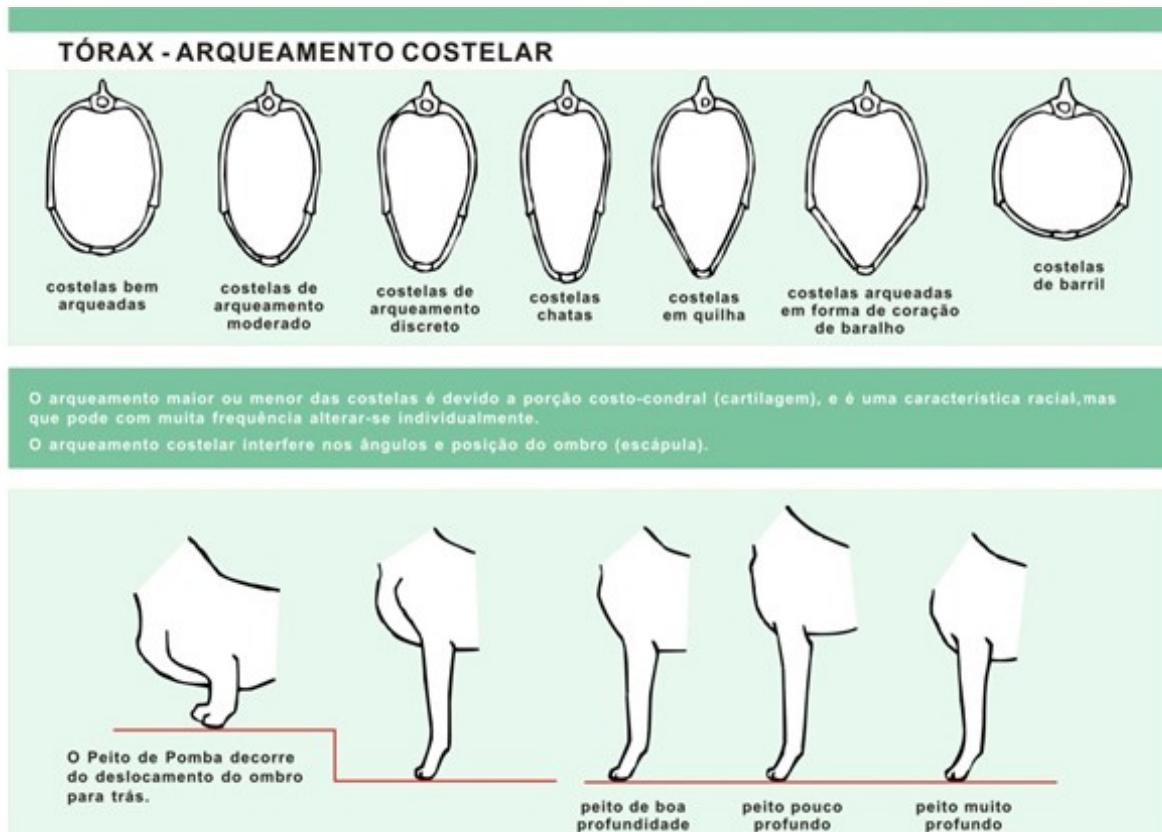
5.1.3.9. Peito Muito Profundo

Indicam caixas torácicas que chegam abaixo dos cotovelos (figura 83). É característico das raças de “**patas curtas**”.

5.1.4. Linha Inferior do Tórax

É a região que vai da linha do cotovelo até o início do abdômen.

Figura 83: Tipos de arqueamento de costelas do cão.



5.2. ABDÔMEN

É a porção posterior do tronco e está situada entre o tórax e a cintura pélvica. Na sua parte dorsal é formada pela região lombar da espinha vertebral; já lateralmente e na face ventral, por músculos. No seu interior estão contidas as vísceras. Divide-se nas seguintes regiões:

5.2.1. Lombo ou Região Lombar

Constitui a parte da linha superior formada pelas vértebras lombares e correspondendo ao local de colocação dos rins no interior da cavidade abdominal.

Dependendo do arqueamento das costelas e do ângulo da garupa, essa região pode ser:

5.2.1.1. Lombo Curto

Quando as costelas são bem arqueadas e a garupa não muito inclinada, a ponta do ílio coloca-se mais próxima da horizontal e propicia, em virtude da musculatura local, uma região lombar aparentemente mais curta (figura 84).

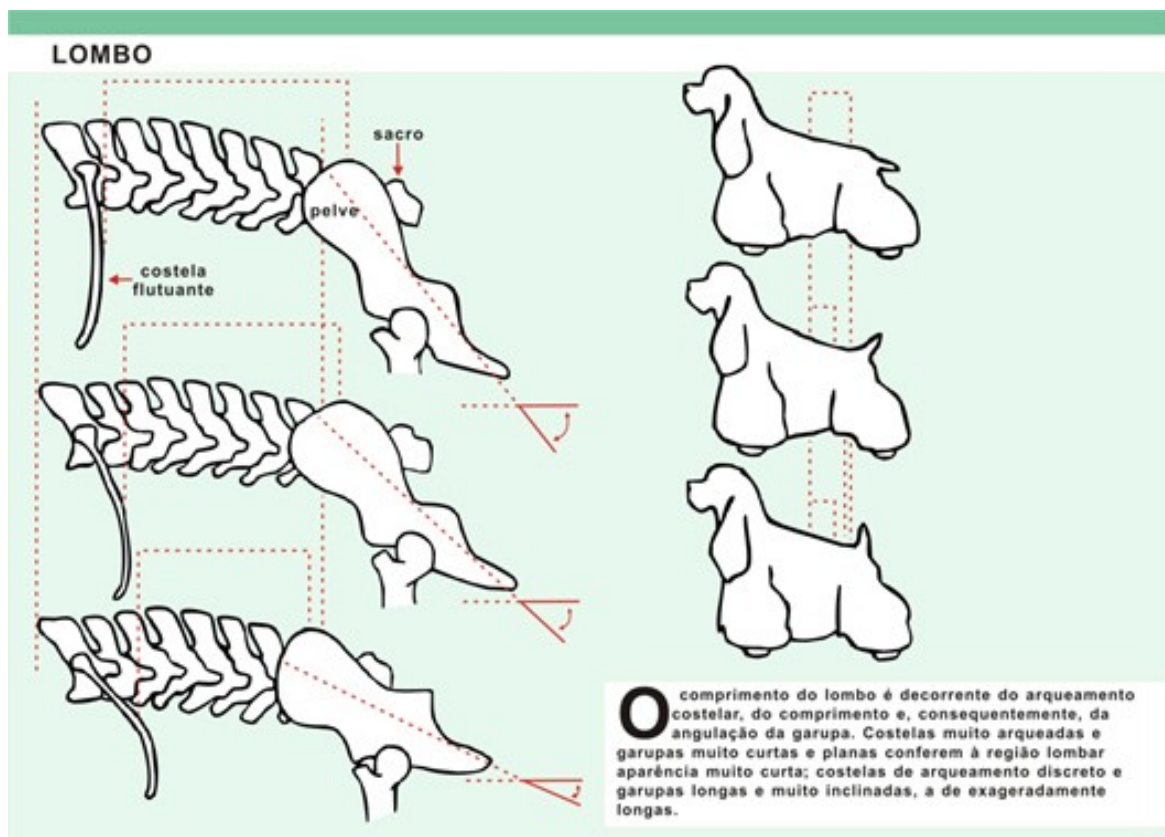
5.2.1.2. Lombo de Bom Comprimento

Característica de bom arqueamento de costelas e de garupas anguladas em cerca de 30° (figura 84).

5.2.1.3. Lombo Comprido

Ao contrário, quando o arqueamento das costelas é mais discreto e a garupa mais inclinada, as vértebras da região se tornam mais evidentes, destacando a curvatura lombar e a região aparenta ser mais comprida (figura 84).

Figura 84: Comprimento e angulação lombar do cão.



5.2.2. Linha Inferior do Abdômen

É constituída exclusivamente pela musculatura abdominal, que ajuda a tensionar a coluna lombar, e situa-se, em geral, acima da linha inferior do tórax. Um abdômen bem recolhido evidencia boa constituição muscular abdominal e, de maneira geral, trata-se de uma condição ideal para quase todas as raças, sendo que naquelas de tórax muito profundo a musculatura abdominal é mais estirada, uma vez que o desnível entre o abdômen e a linha inferior do tórax é maior, dando-se, a essa característica, o nome de **esgalgamento**. Quanto à linha inferior do abdômen, ela pode, ainda, estar no nível ou abaixo da linha do peito (por distensão abdominal, quer seja por gestação, no caso das fêmeas, ou por enfermidade que curse com tal sintoma), sendo, no entanto, **falta** em ambas as situações.



5.2.3. Laterais do Abdômen

As laterais do abdômen situam-se abaixo do lombo e acima da linha inferior do abdômen, de ambos os lados. Já as regiões imediatamente acima do abdômen são denominadas de **flancos**, sendo que, em muitas raças, eles são deprimidos e, por conseguinte, nominados **flancos recolhidos**.

5.3. CORPO VISTO COMO UM TODO

A região anterior do corpo corresponde à região anterior do tórax. A região posterior do corpo corresponde à região do ísquio. O comprimento do corpo é medido da ponta do esterno à projeção do ísquio. As linhas superiores e inferiores do corpo constituem a somatória das respectivas linhas do tórax, do lombo e do abdômen.

Quadratura é a proporção que se estabelece entre a altura do cão e o comprimento do seu corpo (figura 85). Pode apresentar-se das seguintes maneiras:

- a) *Altura medida da cernelha ao chão igual ao comprimento da ponta do esterno à ponta do ísquio*: é característica das raças cujos padrões designam que o corpo seja **quadrado** ou curto (figura 85). Ex.: Bóxer, Dobermann.
- b) *Altura medida da cernelha ao chão igual ao comprimento medido da cernelha à raiz da cauda*: é característica de cães cujos Padrões Oficiais descrevem que os seus corpos sejam ligeiramente (até cerca de 15%) mais longos que a altura na cernelha. Ex.: Cocker Spaniel Inglês, Samoieda.
- c) *Cães compridos*: são aquelas raças nas quais os respectivos padrões determinam que seus corpos devam medir mais que 15% de comprimento em relação à altura (figura 85).

5.2.4. Linha Superior do Corpo ou Dorso

A linha superior do corpo vai desde a cernelha até a projeção do ílio (ou ponta da garupa) e compreende duas regiões: o dorso e o lombo. Relativamente a elas temos:

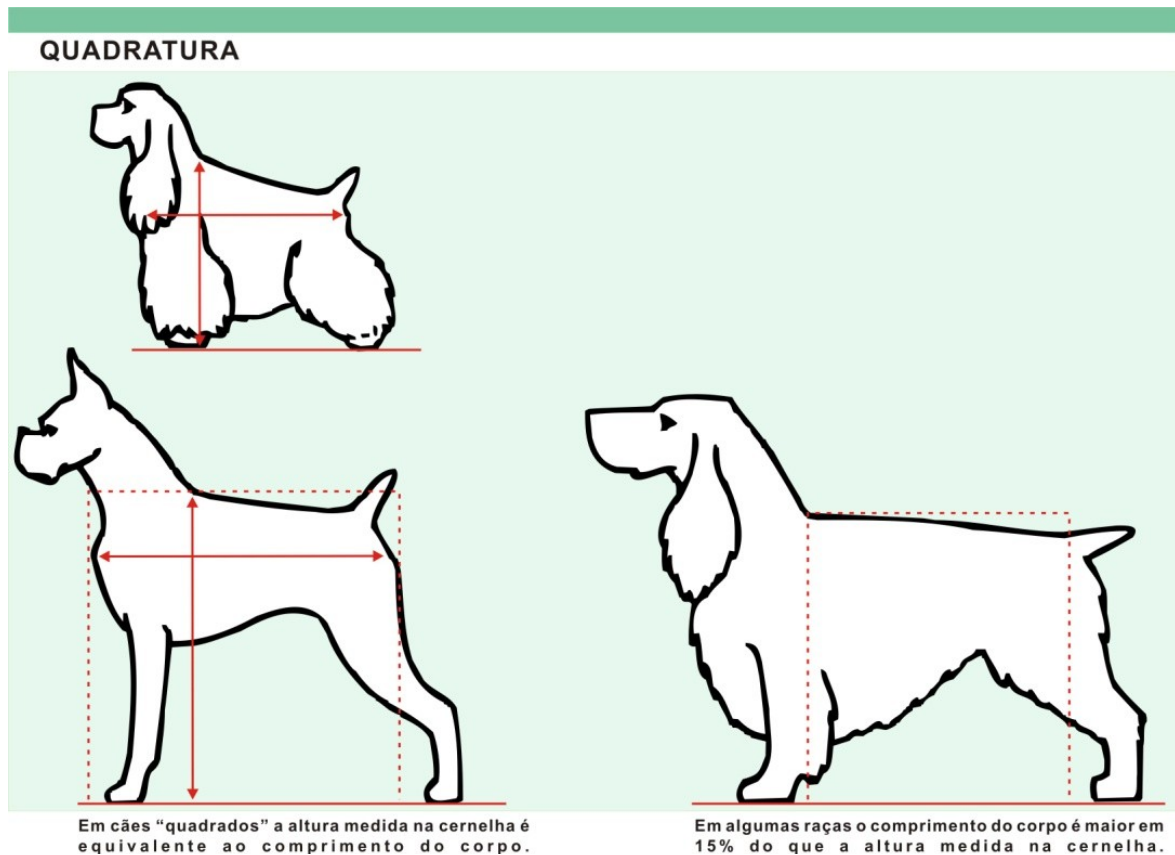
5.2.4.1. Linha Superior em Nível ou Dorso em Nível

A cernelha e a ponta da garupa encontram-se em uma mesma linha, paralela à horizontal (figura 86). O peso corporal fica mais equitativamente distribuído e as angulações dão a impressão de serem mais moderadas. Pode decorrer de: caixas torácicas de arqueamento de moderado para estreito; ângulos de ombro a 45° ou menos; angulação escápulo-umeral a 90°; garupa moderadamente inclinada; munhecas fletidas. Ex.: Basset Hound, Husky Siberiano.

5.2.4.2. Linha Superior Inclinada ou Dorso Inclinado

Linha superior na qual a cernelha coloca-se em um ponto superior à ponta da garupa (figura 86). Ex.: Cocker Spaniel Americano, Dobermann.

Figura 85: Medida da altura e comprimento do cão.



5.2.4.3. Linha Superior Ascendente

A cernelha está abaixo da ponta da garupa (figura 86). É uma característica de raças de garupa curta e de ombro angulado a menos de 45° ou, também, por uma articulação escápulo-umeral fechada.

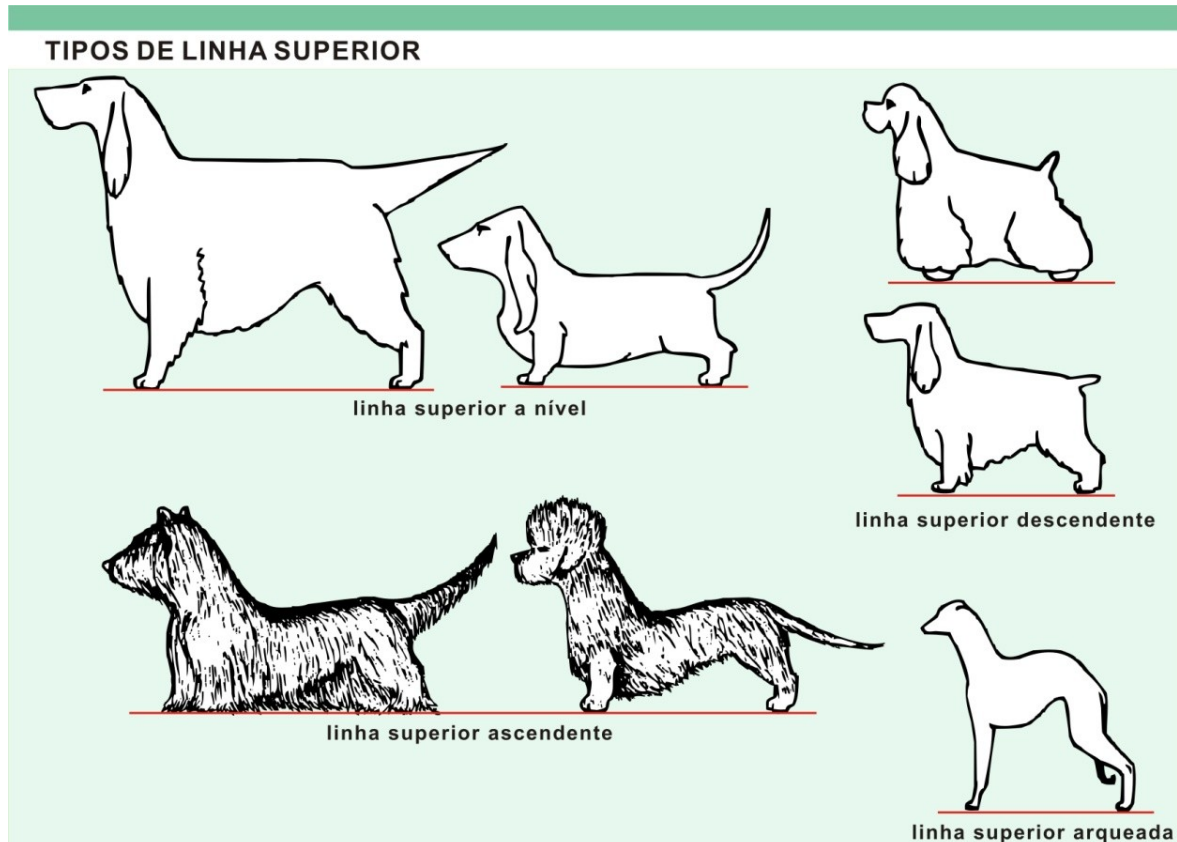
5.2.4.4. Dorso em Nível e Lombo Arqueado

Apesar de apresentar o dorso nivelado, o lombo é ligeiramente arqueado (figura 86). É característica de certas raças cujo trabalho requer que sejam velozes. *Ex.:* Collies Pelo Curto e Pelo Longo, Dálmata.

5.2.4.5. Arqueamento da Linha Superior ou "Dorso de Camelo"

É uma característica particular de certas raças que se movimentam a galope de suspensão dupla. As últimas vértebras torácicas possuem apófises similares às lombares e a linha superior descreve um arco cujo início se situa tanto mais para frente quanto mais vértebras do tórax tiverem essa característica. O lombo arqueado e a garupa muito angulada completam o aspecto de arco. Pode ocorrer em alguns Lebréis, mas em geral constitui **falta** em outras raças.

Figura 86: Tipos de linha superior do cão.



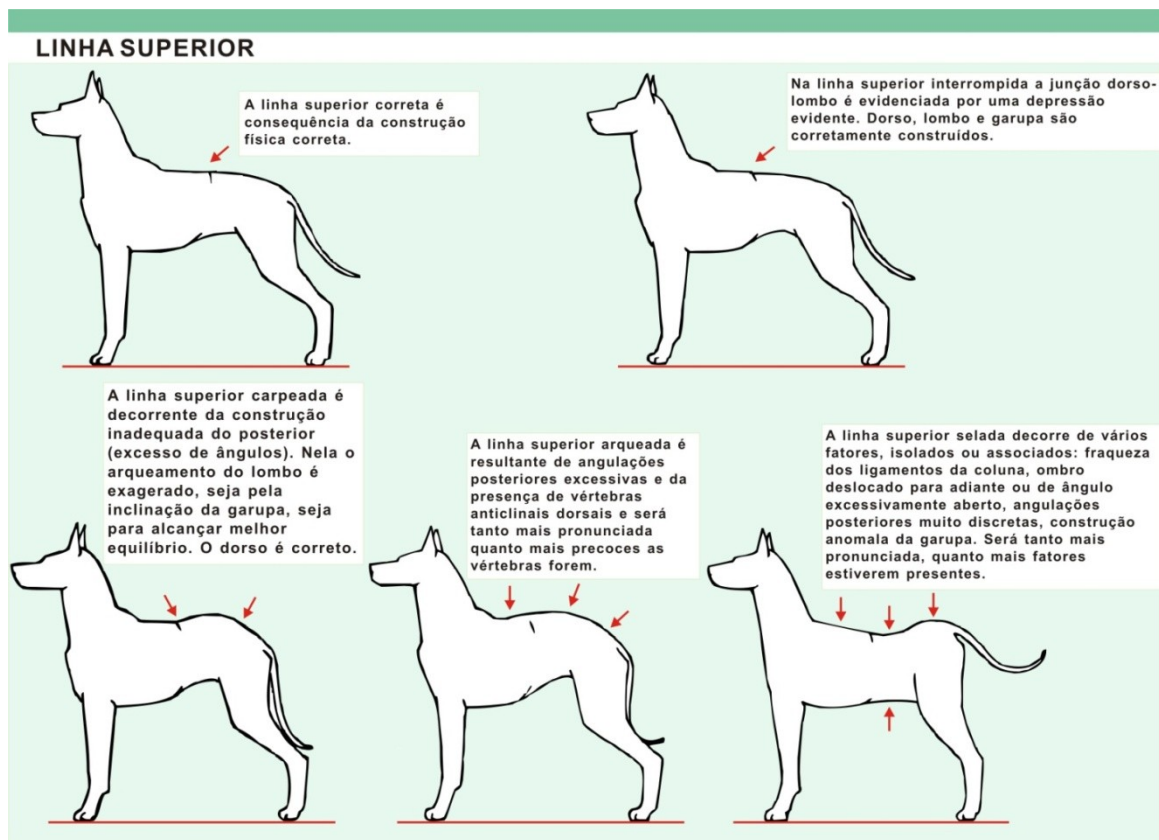
5.2.4.6. Linha Superior Carpeada ou Dorso Carpeado

Pode ocorrer somente na movimentação, mas, em algumas situações, também com o cão em “repouso” e em “estação” (em pé). Pode ser decorrente de excesso de angulação posterior (que faz com que a linha superior sofra uma profunda depressão na junção dorso-lombo), ou, simplesmente, de excesso de propulsão relativa (além da depressão na junção dorso-lombar nota-se um arco bastante evidente na garupa), ocorrendo em consequência de uma compensação para alcançar o equilíbrio posterior (figura 87).

5.2.4.7. Linha Superior Selada ou Dorso Selado

É uma característica de lombo cedido e, conseqüentemente, de musculatura e ligamentos da coluna enfraquecidos. Pode ser transitória, por estados fisiológicos (como na gestação, primeiras semanas pós-parto e em animais muito jovens ou idosos, pela flacidez da musculatura abdominal), ou, ainda, por estados denominados “patológicos” (ocorre a partir de enfermidades desencadeantes). Nesses casos, o lombo é, ao invés de arqueado, cedido, e a linha superior do dorso inclina-se em direção a ele (figura 87). Ombros deslocados para frente associados a garupas longas e muito anguladas também podem ser causas de linha superior selada.

Figura 87: Tipos de linhas superiores dos cães (vista lateral).



6. MEMBROS

Os membros são em número de quatro: dois membros mais craniais, muitas vezes designados meramente **torácicos** (antigamente **anteriores**), e dois membros mais caudais, denominados de **pélvicos** (anteriormente **posteriores**).

6.1. TORÁCICOS

Os **torácicos** são compostos por cinco segmentos: ombro, braço, antebraço, munheca e pé.

6.1.1. Ombro ou Região Escapular

O prolongamento de uma linha que passe pela crista sagital da escápula (gleno) até o chão deve formar, com a horizontal, um ângulo, o denominado **ângulo escapulo-umeral (gleno-umeral)** ou **ângulo do ombro**. A escápula realiza movimentos em torno de 15°, para mais ou para menos, em relação à sua posição parada ao natural (em repouso e em estação). Características de ombro e da angulação escapulo-umeral podem ser consequência de alterações do tamanho da escápula e do arqueamento de costelas de modo individual ou, ainda, específicas de determinadas raças.



O ombro pode ser classificado das seguintes formas:

6.1.1.1. Relativamente à Musculatura

Quanto à musculatura, o ombro poderá ser:

a) *Ombro plástico ou de boa musculatura*: indicativo de posição correta da escápula.

b) *Ombro carregado*: de musculatura exuberante e pesada, é geralmente indicativo de angulação ou posição incorreta da escápula e, conseqüentemente, de defeito na caixa torácica. É facilmente observado quando olhamos o cão por cima da sua linha de dorso.

6.1.1.2. Relativamente à Angulação da Escápula

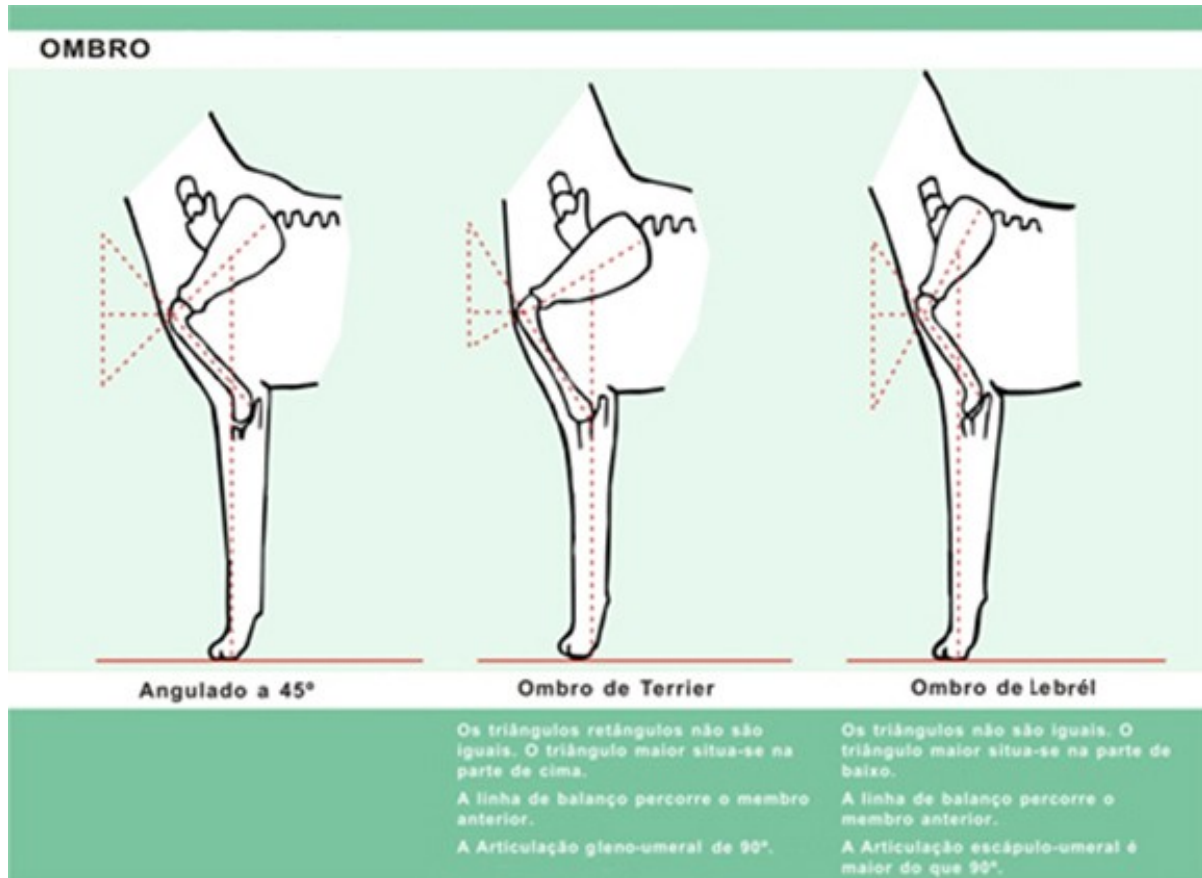
O ombro pode ser classificado em:

a) *Ombro de boa angulação*: é, em princípio, a angulação correta para o Tipo Esquelético ao qual a raça pertence. Entretanto, este termo também pode ser empregado para indicar uma escápula angulada a 45° (figura 88). Essa posição é, aproximadamente, o que ocorre quando a ponta superior da escápula está na altura da quarta vértebra torácica e, concomitantemente a isso, a ponta do ombro fica na mesma altura da ponta do esterno.

b) *Ombro fechado ou ombro de ângulo fechado*: é também muitas vezes designado como ombro bem inclinado para trás, ou seja, a escápula faz com a horizontal um ângulo menor do que 45° (figura 88) em função de seu tamanho (e neste caso a ponta do ombro e do esterno não estão na mesma altura), ou em função do arqueamento incorreto das costelas (a ponta do ombro está acima da ponta do esterno). Essa posição encurta a linha superior, alonga o pescoço e coloca os braços numa posição mais vertical, diminuindo o antepeito; o encaixe do pescoço fica mais para trás e a cabeça é portada mais elevada; aumenta a força de sustentação dianteira (suspensão) e desloca o peso corporal para trás (aumentando a estabilidade para trás). É o ombro característico dos Terriers em geral, mas, individualmente em outras raças, pode constituir **falta**.

c) *Ombro aberto, ou ombro de ângulo aberto*: a escápula faz, com a horizontal, um ângulo superior a 45° (figura 88). É decorrência de escápulas menores, ou de caixa torácica de arqueamento mais discreto, caso em que a ponta do ombro situa-se abaixo da ponta do esterno. Essa posição da escápula faz com que a linha superior fique mais alongada e o pescoço mais curto, dando a impressão de que o cão ficou mais longo, embora os diâmetros do seu corpo permaneçam os mesmos; o encaixe do pescoço fica mais para frente e a cabeça é portada mais abaixada e, conseqüentemente, mais para fora do corpo; diminui a força de suspensão dianteira e desloca o peso corporal para frente. É, em geral, característico dos Lebréis, mas pode constituir desvio individual e, em excesso, é **falta**. Essa posição de ombro dá origem, no caso de raças construídas para andar com a cabeça alta, ao chamado **pescoço de “ovelha”**.

Figura 88: Tipos de angulações de ombro dos cães (vista lateral).



d) *Ombro deslocado para frente*: em virtude de arqueamento de costelas incorreto, a escápula pode estar deslocada para frente, independentemente da sua angulação, o que diminui o antepeito e o peito, alonga a linha superior e encurta o pescoço; a ponta do esterno situa-se na linha ou atrás da ponta do ombro; o arqueamento incorreto das costelas (caixa torácica muito estreita), somado a um ombro de ângulo aberto, diminui a sustentação da espinha vertebral e, como consequência, o cão pode apresentar uma linha superior selada; esse defeito causa transtornos de equilíbrio.

e) *Ombro deslocado para trás*: a escápula coloca-se bem para trás, embora mantendo a angulação correta. O antepeito projeta-se muito adiante da ponta do ombro, constituindo o chamado **peito de "pombo"**. É uma característica dos cavadores, mas pode ser decorrência de uma caixa torácica mais arqueada. Além das consequências do ombro de ângulo fechado e da caixa torácica larga, aumenta a estabilidade.

A escápula, em função do arqueamento das costelas, pode, também, assumir diferentes angulações com relação à linha mediana.

6.1.1.3. Cernelha ou Ângulo Anterior da Escápula

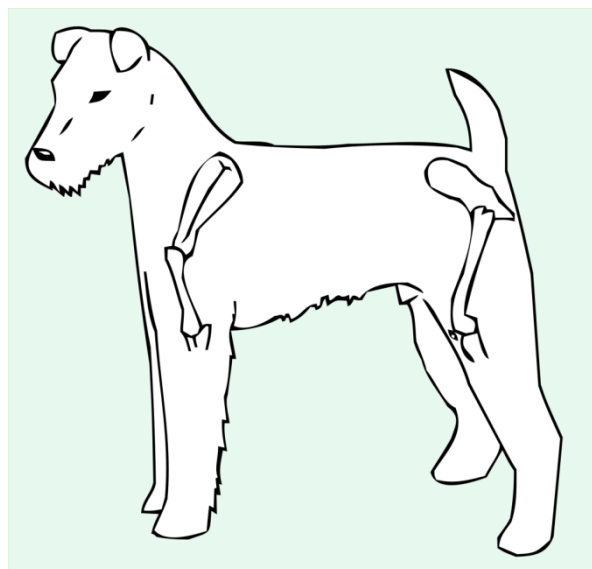
Relativamente à cernelha e em função da angulação da escápula temos:

a) *Cernelha alta*: no caso de escápulas de boa angulação, o ângulo anterior da coroa das escápulas é bem evidente e a região da cernelha destaca-se na linha superior. É uma construção que dá impressão de "maior angulação" dos membros pélvicos; a força de suspensão dos torácicos está aumentada; e o peso corporal ligeiramente deslocado para trás. É característica de: caixas torácicas de arqueamento de moderado para estreito; ângulos de ombro a 45° ou mais; angulação escápulo-umeral a 90° ou mais; garupa inclinada; munhecas pouco fletidas.

b) *Cernelha forte*: em alguns casos de cernelha alta, a musculatura é mais exuberante. Ocorre principalmente em raças de tórax não muito longo, nas quais a convexidade normal da região é mais destacada e extensa e a isso se denomina *cernelha forte*. É corriqueiro que após o término dessa convexidade exista uma depressão, localizada aproximadamente na altura da 9ª vértebra, o que não deve ser confundido com a interrupção da linha superior, que se dá na altura da junção do dorso com o lombo. ***Cernelha forte, em geral, não constitui falta.***

c) *Cernelha plana*: ocorre em ombros de angulação defeituosa (muito abertos ou muito fechados), de forma que a coroa das escápulas situa-se em posição não proeminente, abaixo das vértebras torácicas; pode, também, ser decorrente de escápulas mais curtas. Compensatoriamente ocorre um encurtamento do comprimento do pescoço e um aumento da linha de dorso, provocando, assim, uma súbita mudança de direção da linha superior do pescoço para a linha de dorso, que começa plana, a partir da cernelha (figura 89).

Figura 89: Cão com cernelha plana (vista lateral).



Fonte: ELLIOTT, R. P. *Dog Steps - A New Look*, 2001.



d) *Cernelha aberta*: ocorre nos casos em que a escápula é pouco angulada em relação à linha mediana. Assim, ao invés das duas coroas das escápulas convergirem entre si, elas mantêm-se relativamente paralelas ao plano sagital, o que torna a cernelha menos evidente e, conseqüentemente, interfere na movimentação do cão, ocorrendo um deslocamento do peso corporal para frente e as angulações dos pélvicos dão a impressão de serem discretas. Pode decorrer de: caixas torácicas largas e com arqueamento pronunciado de costelas (Molossos em geral); ângulo escápulo-umeral inferior a 90°; garupa plana; munhecas muito fletidas.

6.1.1.4. Ponta do Ombro

É a região da articulação escápulo-umeral (gleno-umeral). Esta angulação está ao redor de 105° para os cães trotadores, mas pode sofrer alterações de 15° para mais ou para menos, em movimento, devido à oscilação da escápula em relação à sua coroa (ponta superior da escápula).

a) *Angulação escápulo-umeral fechada*: o ângulo formado entre a escápula e o úmero é ligeiramente inferior a 90°. O cotovelo situa-se acima da linha do esterno devido ao arqueamento exagerado de costelas.

b) *Angulação escápulo-umeral aberta*: o ângulo escápulo-umeral é superior a 90°. O cotovelo situa-se abaixo da linha do esterno. É, geralmente, consequência de arqueamento discreto das costelas.

6.1.2. Braço

Corresponde à região do úmero. Nos quadrúpedes, o braço está apoiado no tórax e, durante a movimentação, descreve arcos de 90° e realiza uma ação pendular.

Dependendo da angulação do ombro, o braço pode assumir várias angulações ou posições, tais como: nos ombros muito angulados (escápula a menos de 45°), ele assume uma posição próxima à vertical (Terriers em geral); quando a escápula aproxima-se da vertical (ângulo superior a 45°), ele se aproxima da horizontal e chega próximo ao limite permitido pelo arqueamento das costelas; quando o ombro está deslocado para frente ou para trás, o braço acompanha esse deslocamento.

O braço colabora para a formação de dois pontos de grande importância:

a) *Articulação escápulo-umeral (gleno-umeral)*: na sua articulação com a escápula (ou ombro);

b) *Cotovelo*: na sua articulação rádio-ulnar (ou antebraço).

As angulações e o posicionamento entre si do ombro, braço e munheca determinam o que se denomina de **linhas de balanço anterior** (figura 90).



6.1.3. Antebraço ou Perna da Frente

É a região que vai do cotovelo até o carpo e constitui a coluna de sustentação anterior. Apresenta um formato aproximadamente cilíndrico e sua largura maior encontra-se na altura do cotovelo.

Os diferentes padrões costumam descrever a ossatura, de uma maneira geral, pela robustez da perna da frente, sendo assim denominados:

- a) Ossos *achatados*: quando o antebraço é, por assim dizer, “descarnado” (seco);
- b) Ossos *ovais*: quando a musculatura do antebraço é mais desenvolvida;
- c) Ossos *delicados*: quando os antebraços dão a impressão de fragilidade;
- d) Ossos *pesados*: quando os antebraços são bem robustos.

Por ter importância fundamental no equilíbrio estático e dinâmico dos quadrúpedes, estas colunas devem situar-se absolutamente dentro de uma linha imaginária que vai do eixo da escápula ao solo (linha de balanço anterior), sem o que se impossibilita um equilíbrio apropriado.

6.1.3.1. Aprumos

O diâmetro longitudinal desta região constitui os **aprumos torácicos**, para os quais é de fundamental importância que o braço e, conseqüentemente, o cotovelo, estejam bem apoiados na caixa torácica (figura 90). Quando não existe o apoio correto do cotovelo no tórax podem ocorrer distorções dos aprumos anteriores, denominados de **cotovelos para dentro** ou **cotovelos para fora**.

- a) *Cotovelos para dentro*: ocorre por um estreitamento anômalo da caixa torácica, com conseqüente redução da distância entre os apoios torácicos, provocando, assim, um desequilíbrio anterior e reduzindo a estabilidade torácica. Para corrigir esse desvio, o cão irá acomodar os pés torácicos nos pontos que lhe dê melhor apoio e, por ser antifisiológico, estenderá os braços para fora da caixa torácica, que é estreita, promovendo, dessa forma, uma torção de todo o membro, desde a articulação escápulo-umeral e, compensatoriamente, comprimirá os cotovelos no tórax na tentativa de melhorar seu apoio; além disso, ocorrerá uma projeção dos pés lateralmente e dos cotovelos medialmente. Também pode ocorrer por um deslocamento do ombro para frente. Tem implicações no equilíbrio estático e poderá constituir a chamada **“frente francesa”** ou **“mão francesa”** (figura 90). Trata-se, portanto, de uma posição forçada e, conseqüentemente, na movimentação, para a realização do alcance necessário, o membro torácico precisará de maior esforço e, por conseguinte, haverá maior gasto de energia.

b) *Cotovelos para fora*: decorrente de caixa torácica de arqueamento exagerado, ou de ombro deslocado para trás, ou, ainda, de ombro de angulação superior a 45°, o que promove o deslocamento dos cotovelos para fora e, compensatoriamente, realiza uma torção do membro a partir da articulação do cotovelo, virando os pés para dentro e, assim, constituindo o que se chama de **“perna em arco”** (figura 90). Essa posição aumenta a estabilidade, entretanto, obriga o ombro a suportar um esforço maior (isso caso o mesmo não seja construído para tal).

6.1.4. Munheca ou Pata Torácica

A denominação munheca, tecnicamente, refere-se exclusivamente à região do carpo, mas por ser uma extensão deste, em cinofilia, o termo engloba também o metacarpo. Divide-se em duas sub-regiões: a do carpo e a do metacarpo; e tem duas funções principais: pela parte superior (carpo), ajuda a absorver parte dos impactos sofridos pelos membros torácicos e, pela outra, por compor parte da coluna de sustentação anterior e agir como elemento de molejo e flexão, permitindo a compressão do conjunto anterior no momento do apoio.

Na sua porção posterior, possui uma saliência denominada **boleto**, cuja função é impedir a verticalidade da munheca. Como parte das exigências para um perfeito equilíbrio dinâmico, as munhecas devem ser flexionadas para trás. No caso de munhecas absolutamente verticais, o papel de equilíbrio dinâmico realizado pelos anteriores fica seriamente prejudicado, além de aumentar em muito a transmissão do impacto no solo diretamente ao cérebro, via coluna cervical. Esta flexão pode ter vários graus, dependendo da construção corporal como um todo, mas, principalmente, do trabalho que o cão deve realizar. Os principais defeitos da **munheca** são:

6.1.4.1. Munheca Torcida

Em certas circunstâncias, com a região do carpo sendo fraca, há uma tendência das munhecas ficarem fletidas (dobradas) para dentro ou para fora, dependendo da construção torácica. No primeiro caso, irá colaborar para a constituição da **“perna em X”** (figura 90), que é característico de tórax mais estreito na parte inferior e, no segundo, para **“aprumo anterior em arco”** ou **“perna em arco”** (figura 90). É preciso, entretanto, distinguir o defeito da constituição normal dos cães “Patás Curtas”, cujos antebraços inclinam-se ligeiramente para dentro e ocorre um ligeiro carpo arqueado para dentro, a fim de se processar o equilíbrio correto.

6.1.4.2. Munheca Cedida

É a munheca excessivamente flexionada (figura 91), resultante da erosão dos ligamentos e cartilagens por excessivo traumatismo provocado por desbalanceamento, ou, em animais jovens, de ligamentos frágeis, ou ainda, em cães obesos, pelo excesso de peso a ser suportado.

6.1.4.3. Munheca Flexionada (Fletida) Para Frente

O pé fica na linha da perna, mas a munheca dobra-se formando um arco para frente (figura 91). Geralmente constitui **falta**.

Figura 90: Linhas de balanço anterior do cão (vista frontal).

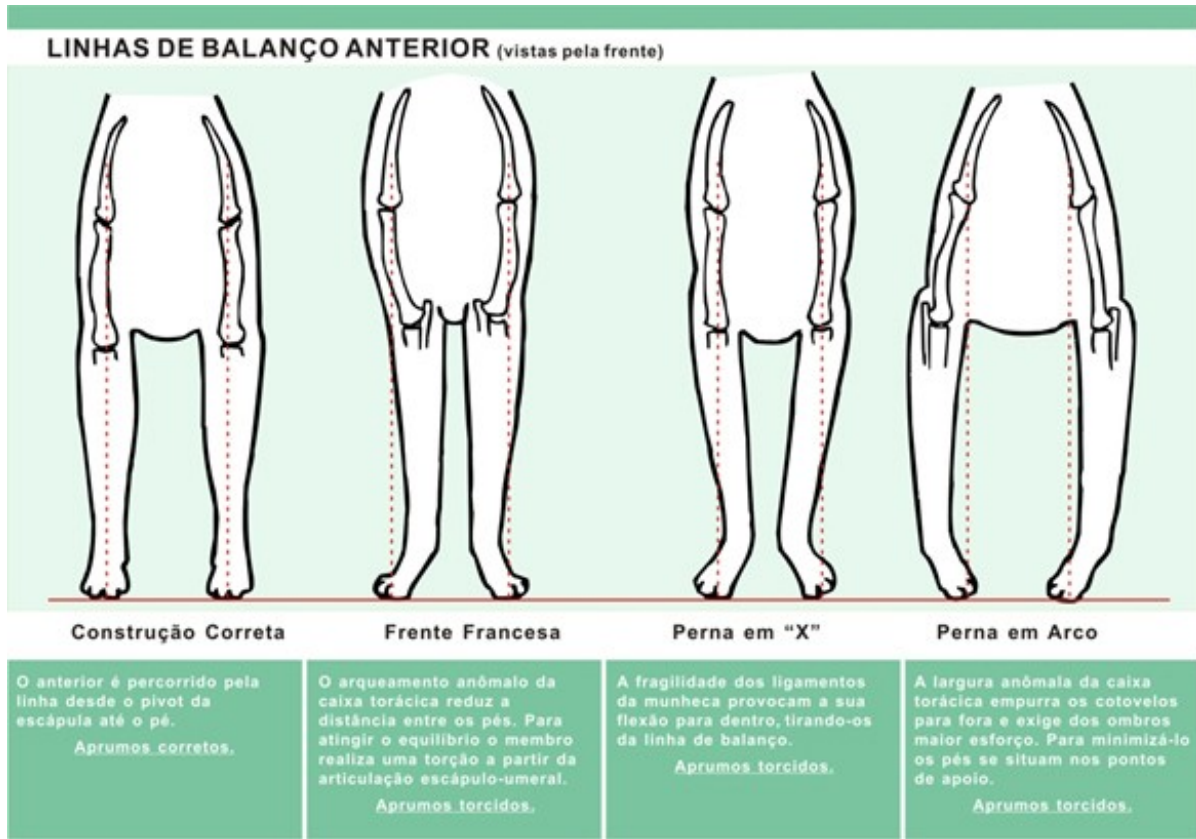
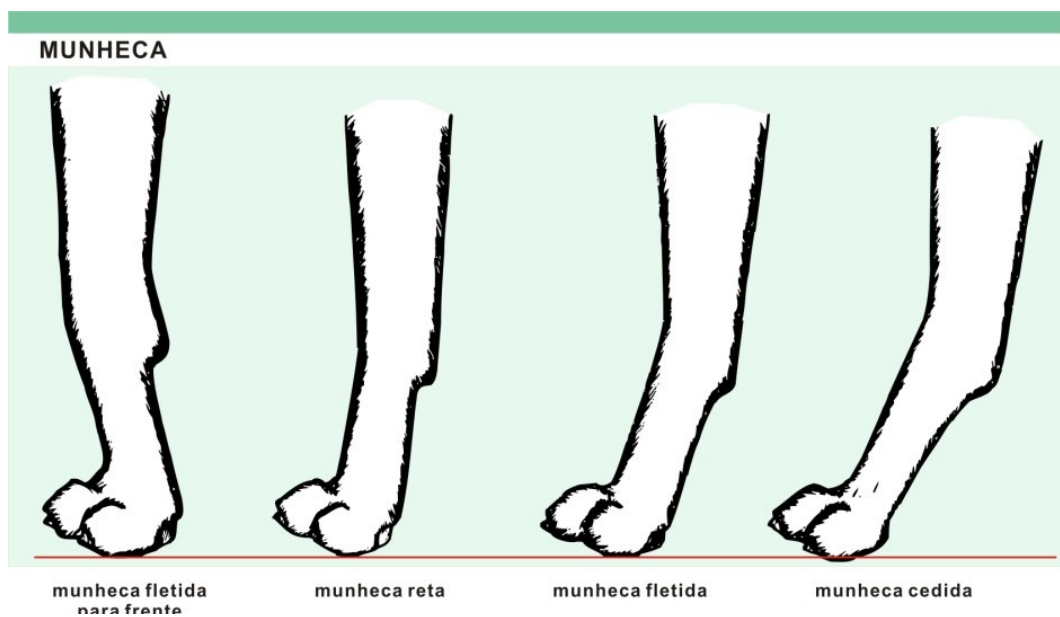


Figura 91: Principais tipos de munheca do cão (vista lateral).





6.1.5. Pés Torácicos

Os pés são em número de quatro, sendo dois torácicos e dois pélvicos, e funcionam como pontos de sustentação dos membros. Eles são constituídos pelos dedos, em número de quatro, e pelas almofadas plantares e digitais. Os cães apóiam-se nos dedos e, por isso, a denominação pé não é a anatômica, mas sim, a funcional, com o sentido de apoio ao solo.

Os dedos são constituídos, no seu interior, pelas falanges, que são: a 1ª falange, ou falange proximal, disposta horizontalmente; a 2ª, também denominada de falange média, que é mais verticalizada; e a 3ª, ou falange distal, que se encontra decididamente na horizontal. Estas posições, contudo, podem estar ligeiramente alteradas em função da constituição das almofadas plantares e digitais.

As **almofadas** são em número de seis, sendo que cinco delas estão dispostas no pé propriamente dito, quais sejam: quatro **almofadas digitais**, localizadas em cada um dos dedos, na altura da 3ª falange; e uma **almofada plantar**, maior que as anteriores e disposta caudalmente aos dedos, sendo o ponto de coaptação desses na sua porção proximal. Caudalmente ao boleto, portanto, localizada no membro, mas não exatamente no pé, existe, ainda, a **almofada carpal**.

As principais funções das **almofadas** (digitais e plantar) são aumentar a aderência do pé ao chão, dar conformação e sustentação ao pé e servir de coxins amortecedores contra impactos, principalmente em cães cujo trabalho ocorre em terreno irregular, duro e áspero, com presença de superfícies que possam causar escoriações e acidentes (pedra, cascalho, madeira, entre outros). Nas raças que trabalham em terrenos mais suaves e regulares, elas poderão ser menos espessas e, nos cães de luxo, cujo passado decorreu em cima de tapetes ou no colo, podem ser ainda mais delicadas.

Quanto ao apoio do membro no solo, os pés devem fazê-lo, de maneira geral, com as suas cinco almofadas bem firmadas na superfície. Alguns cães, entretanto, somente se sustentam nas almofadas plantares, ficando as digitais mais ou menos perpendiculares, o que constitui **defeito**. Assim, podem, por necessidade de equilíbrio, apresentar almofadas voltadas para fora, para dentro ou para trás.

Com relação à conformação dos pés, os principais fatores interferentes são: as **almofadas plantares**, uma vez que servem como ponto de sustentação para a 1ª e 2ª falanges de cada dedo, proporcionando o seu arqueamento (assim, naquelas raças cujos dedos devam ser bem arqueados, as almofadas plantares são proporcionalmente mais altas; já os pés com dedos abertos são dotados de almofadas geralmente mais baixas); e o comprimento da 1ª falange, onde dedos curtos tendem a formar pés redondos, enquanto que os mais compridos, pés ovais.

6.1.5.1. Tipos de Pés

Os pés podem ter denominações específicas de acordo com o arqueamento dos seus dedos ou em função do formato da sua pata, conforme segue.



i. Pés de dedos bem arqueados

São pés dotados de almofadas bem altas e espessas e podem constituir pés redondos ou ovais. Caracterizam raças cujo trabalho é realizado em terrenos duros, irregulares e cheio de acidentes.

ii. Pés de dedos espalhados (pés “achinelados” ou pés de “papel”)

Decorrentes de almofadas plantares finas, cujos dedos apresentam-se mais “espalhados” (figura 92). Podem ocorrer em qualquer tipo de pé: oval, redondo, grande ou pequeno e de dedos curtos ou longos. **Sempre constituem falta.**

iii. Pés de dedos abertos

Pés de arqueamento digital menos evidente, podendo ser fisiológico ou anômalo:

a) *Pés de “neve”*: são característicos de cães que trabalham na neve. Tem forma grande, os dedos são menos arqueados e são ligados por membrana mais desenvolvida. São pés de dedos ligeiramente separados, o que aumenta a área de apoio e como raquete de neve permite nadar ou andar na neve.

b) *Pés de dedos abertos anômalos ou pés “chatos”*: decorrentes de almofadas mais rasas, dedos mais compridos e com ligamentos em geral enfraquecidos.

iv. Pés redondos

A conformação da almofada plantar é redonda, e os dedos do centro são apenas ligeiramente maiores do que os laterais. Podem ser:

a) *Pés redondos pequenos*: característicos de raças cujo trabalho se realiza em terreno duro e irregular, mas que não necessitam grande velocidade para se deslocar.

b) *Pés redondos grandes*: característicos de raças cujo trabalho se realiza em solo menos rígido (lama, neve, alagados, entre outros).

c) *Pés de “gato”*: são pés redondos pequenos, com dedos bastante arqueados (figura 92).

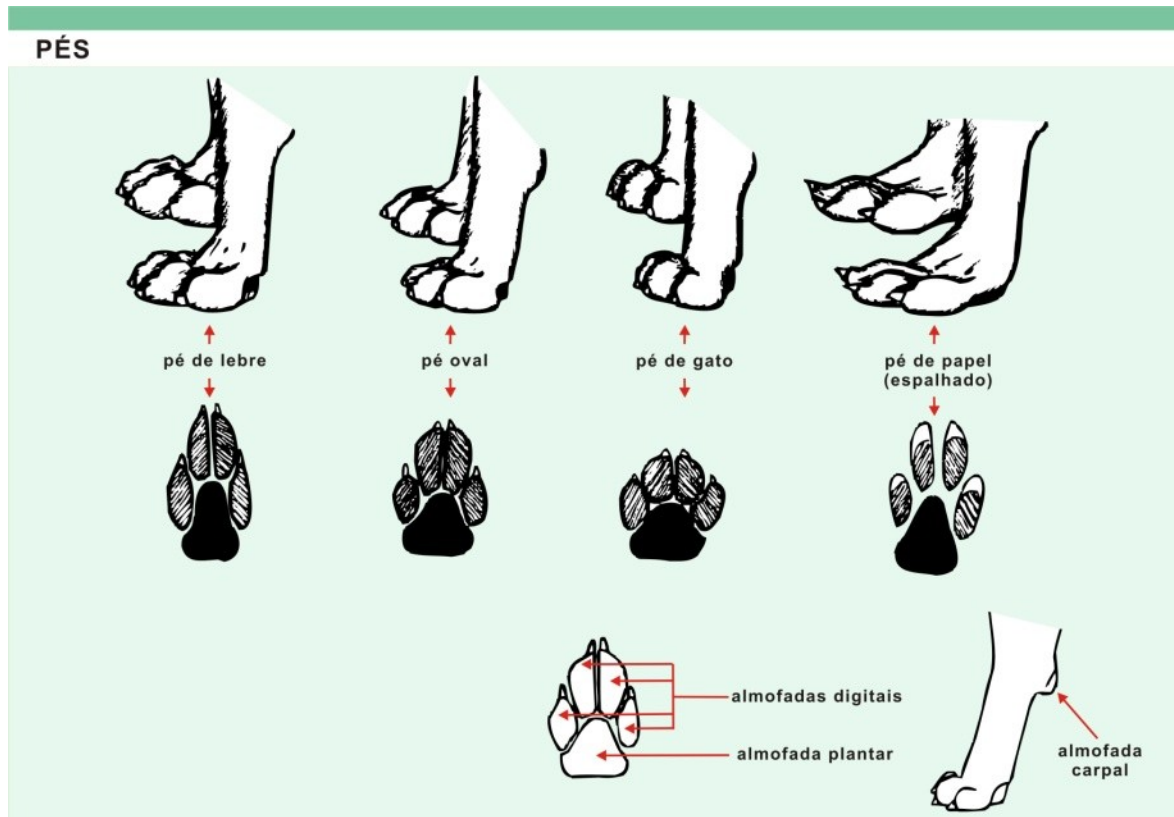
v. Pés ovais

São pés cujos dedos centrais são maiores que os laterais, a almofada plantar tem a forma ovalada, com dedos bem arqueados (figura 92). Caracterizam raças cujo trabalho depende do desenvolvimento de certa velocidade, em diversos tipos de terrenos de consistência sempre firme.

vi. Pés de “lebre”

Apresentam dedos alongados, conferindo uma aparência alongada aos pés (figura 92). A almofada plantar não é fina e tem forma ovalada; os dedos são arqueados, embora não exageradamente. São os pés característicos de raças que desenvolvem grandes velocidades em terrenos muito acidentados e duros.

Figura 92: Representação das almofadas e principais tipos de pés dos cães (vista lateral).



6.1.5.2. Unhas

As unhas são estruturas córneas cuja principal função é ajudar na aderência do pé ao solo e impedir escorregamentos durante a realização do alcance para frente.

A coloração das unhas deve se harmonizar com a da pelagem de seguinte forma:

- Unhas pretas:* para cães pretos, tigrados, pretos com marcações em canela, cinzas, azuis, vermelhos e suas nuances, amarelos e suas nuances e brancos sólidos.
- Unhas marrons:* para cães marrons, marrons com marcações em canela e suas nuances.
- Unhas brancas:* para cães “particolores”.



6.1.5.3. “Ergô” Torácico

Também denominado de **“5º dedo”, “dedo de lobo”, “unha perdida” ou “esporão”**, corresponde ao primeiro metacarpiano dos cães e que, quando presente, localiza-se na face medial dos membros torácicos. Não ocorre na maioria das raças, sendo, inclusive, indicada a sua remoção pelos respectivos padrões na maior parte delas (a não ser que a legislação do país faça restrições à sua prática), exceto em algumas raças, como, por exemplo, no Cão da Montanha dos Pirineus, **os quais podem apresentar “ergô simples” ou, até mesmo, “ergô duplo” nos membros torácicos.**

6.2. PÉLVICOS

Os **pélvicos** ou **membros pélvicos** constituem os pontos de apoio do traseiro dos quadrúpedes e funcionam como propulsores do movimento dos cães, sendo vistos, por trás, como duas colunas de sustentação; já de perfil, parecem duas molas propulsoras.

Compreende os seguintes segmentos: garupa, coxa, perna de trás, jarrete e pé.

6.2.1. Garupa ou Pelve

A **garupa** ou **pelve** é estruturada pelo **coxal** e vai da região lombar até a raiz da cauda; já lateralmente, vai até a porção mais alta da coxa. De uma maneira geral, a garupa inclina-se da ponta do **ílio** para a do **ísquio** sendo, a sua angulação, determinada por uma linha que vai de uma à outra e está intimamente relacionada à articulação **sacro-ilíaca**. Assim, quando o ílio é mais alongado, a garupa é mais angulada; já quando encurtado, ela é mais plana. **Esta angulação também pode ser avaliada pela inserção e porte da cauda.**

A inclinação da garupa e o comprimento do tarso são os principais responsáveis pelas alterações das demais angulações do trem posterior. Assim, uma garupa mais plana força os pélvicos a assumirem uma posição mais próxima à vertical; já garupas mais inclinadas, uma posição mais próxima à horizontal. O ângulo que mais sofre esta ação é o do joelho, uma vez que a angulação **coxo-femoral**, por razões anatômicas, fisiológicas e dinâmicas, mantém-se sempre próxima a 90°.

As garupas muito inclinadas são, em geral, características de raças que desenvolvem grandes velocidades, uma vez que, com tal inclinação, as articulações dos joelhos e dos jarretes ficam mais flexionadas, aumentando, assim, o poder de “mola” (elástico) do conjunto e, conseqüentemente, a propulsão absoluta. Já garupas pouco inclinadas são características de cães que necessitam de potência (força) do posterior e que realizam trabalhos que, via de regra, requerem trações ou grande aderência ao solo.

À medida que a angulação da garupa se aproxima da horizontal, a curvatura lombar e a ponta da garupa ficam menos perceptíveis e, dessa forma, **o lombo aparenta ser mais curto**; por outro lado, quanto mais inclinada a garupa, mais destacadas ficam aquelas regiões e, desse modo, o lombo fica mais evidenciado **e com aparência de ser mais comprido**. Assim, um lombo longo, ao invés de ser decorrente do aumento do comprimento das vértebras lombares (fato que não ocorre, uma vez que todas as regiões da coluna mantêm entre si uma razão fixa), é sim oriundo da conformação de garupa não típica para aquela raça.



Além disso, os três ossos que compõem a garupa podem sofrer alterações de comprimento e largura, mantendo, contudo, sempre o mesmo volume relativo (isto é, a um alargamento corresponde sempre um encurtamento do respectivo osso). De uma maneira geral, o **púbis** confere a **largura da garupa**; já o **comprimento da pelve** pode decorrer do encurtamento ou alongamento do **ílio** e do **ísquio**, isoladamente ou em conjunto.

A garupa apresenta conformações muito variadas, sendo que, de maneira geral, cada raça apresenta uma conformação que lhe é típica, sendo que, para que a qualidade do equilíbrio seja a ideal, a garupa deve estar em perfeita harmonia com a caixa torácica e, em função do trabalho que a raça deve realizar, ela pode assumir diferentes diâmetros e angulações. Assim, caso um cão, por exemplo, apresente um formato de garupa distinto daquele considerado característico para aquela determinada raça, tal fato pode constituir uma alteração individual e, portanto, caracterizar uma **falta**.

É frequente a ocorrência de alterações individuais da garupa, sendo que os defeitos de equilíbrio decorrentes da sua conformação sempre interferem na propulsão do movimento. As garupas podem, de uma maneira geral, apresentar alterações dos seus diâmetros, angulações e inclinação, sendo, genericamente, agrupadas quanto ao seu comprimento, diâmetro, angulação e inclinação, conforme segue:

6.2.1.1. Alterações no Comprimento da Garupa

i. Garupas Curtas

a) *Por encurtamento do ílio e do ísquio*: a garupa é bastante curta e, concomitantemente, bastante larga; são pouco anguladas e, portanto, mais para planas; as pontas da garupa e do ísquio são imperceptíveis; as coxas, quando vistas de perfil, não são tão largas, mas muito volumosas; a inserção e o porte da cauda são bastante altos; as angulações posteriores, nos cães de comprimento de pata normal, são muito discretas; vista por trás, a garupa é redonda e muito volumosa.

b) *Por encurtamento do ílio*: a garupa é curta, mas não tanto quanto a anterior, sendo, portanto, larga, mas não excessivamente; são pouco anguladas; as pontas da garupa são menos evidentes, sendo, no entanto, a ponta do ísquio, perceptível; a coxa é mais estreita na sua metade anterior, sendo reto esse bordo; em movimentação, o joelho eleva-se acima do normal; a inserção da cauda é alta, mas o porte é próximo a aproximadamente 45°; as angulações são discretas.

c) *Por encurtamento do ísquio*: a garupa é curta, mas não tanto como as anteriormente descritas; são largas, mas não excessivamente; suas angulações são medianas; o cão é mais para curto; as pontas da garupa (ílio) são perceptíveis, já as do ísquio, discretamente marcadas; a coxa é mais estreita na metade posterior, sendo reto esse bordo; quando em movimento, o jarrete eleva-se acima do normal; a inserção da cauda é moderada (a 45°), mas o porte é alto; as angulações são evidentes, mas não exageradas.



ii. Garupas de Tamanho Médio

a) *Ílio e ísquio de tamanho médio*: a garupa é de tamanho, largura e angulação intermediária; as pontas da garupa e do ísquio são perceptíveis, mas não muito proeminentes; a coxa é moderadamente larga; as suas duas metades são equilibradas; as angulações são evidentes, sem serem exageradas (dependendo do comprimento do tarso); a cauda é inserida e portada a aproximadamente 45°.

b) *Ílio aumentado e ísquio encurtado*: garupa de comprimento e largura intermediários e bem angulada; as pontas da garupa são bem destacadas, mas, as do ísquio, são discretas; a metade anterior da coxa é larga, já a posterior é mais estreita, sendo reto esse bordo; na movimentação, o jarrete eleva-se exageradamente; as angulações são pronunciadas; a inserção da cauda é baixa, mas o porte, quando em movimento, é bastante alto.

c) *Ílio encurtado e ísquio aumentado*: garupa de tamanho e largura intermediários e de angulação discreta; a ponta da garupa é imperceptível, já a do ísquio, é bem visível; a metade posterior da coxa é larga, já a anterior é estreita, sendo reto esse bordo; quando em movimento, o joelho eleva-se exageradamente; as angulações são moderadas; a inserção da cauda é alta, mas o porte é moderadamente baixo (no nível ou um pouco acima da linha superior).

iii. Garupas Longas

a) *Por alongamento do ílio e do ísquio*: a garupa é muito longa e proporcionalmente estreita; são, em geral, muito anguladas; o tronco do cão é mais e; as pontas da garupa e do ísquio são bem proeminentes; a coxa é larga; as angulações são muito evidentes; a inserção e porte da cauda são baixos.

b) *Por alongamento do ílio*: a garupa é relativamente longa e relativamente bem angulada; a coxa é mais estreita na sua metade posterior; a cauda é de inserção baixa, mas portada alta quando em movimento; as angulações são pronunciadas.

c) *Por alongamento do ísquio*: a garupa é relativamente longa e moderadamente angulada; a metade anterior da coxa é estreita; a cauda é de inserção mediana e portada na altura da linha superior ou ligeiramente acima.

6.2.1.2. Alterações nos Diâmetros da Garupa

i. Garupas Mais Estreitas do que a Caixa Torácica

É característica dos cães do Tipo Esquelético de “Frentes Largas”. Acarreta maior estabilidade no trem anterior, deixando o trem posterior mais leve e permitindo a manutenção do anterior aderido ao solo. O defeito mais grave dentre aqueles que se referem ao equilíbrio nesse tipo de garupa é o **jarrete de “vaca”** (o cão expulsa os joelhos para fora, aproxima as pontas dos jarretes e os pés são colocados para fora; também interfere na propulsão do movimento).



ii. Garupas Mais Largas do que a Caixa Torácica

É característica dos Galgos; quando atípica, aumenta a estabilidade do trem posterior.

6.2.1.3. Alterações nos Ângulos da Garupa

i. Garupas Mais Anguladas

Para conseguir o equilíbrio, o cão poderá:

a) *Expulsar jarretes ou pisar para dentro (Perna em “Arco”)*: nesse caso, a caixa torácica pode ser mais larga do que a garupa, e por isto o abdômen se expande lateralmente “empurrando” as coxas para fora. Nessas condições, o cão coloca os pés para dentro, expulsando os jarretes para fora, por uma rotação feita na altura do joelho.

b) *Jarrete de Foice*: o abdômen não é tão expandido, e o pé situa-se muito para trás. A fim de aumentar a força de sustentação pélvica, o cão flexiona a junta do jarrete colocando o pé na sua posição ideal, para frente. Esta flexão obriga maior dobramento da junta do joelho e, nos casos mais graves, o cão dá a impressão de que está “ajoelhando”.

ii. Garupas Menos Anguladas

A garupa mal angulada diminui as angulações dos pélvicos, com tendência de que ela seja empurrada para cima, situando-se, portanto, na linha ou acima da cernelha. Há, nesse caso, o deslocamento de peso para frente, aumentando a estabilidade dianteira. Ex.: Fila Brasileiro.

6.2.1.4. Alterações na Inclinação da Garupa

i. Garupa Plana

Se a inclinação dos ossos da pelve com a espinha vertebral é pequena, tem-se, como consequência, uma garupa pouco angulada ou também denominada plana que, de uma maneira geral, faz com que a força de propulsão não seja transmitida de forma máxima ao tronco. ***Dessa forma, o cão tende a adotar compensações, como elevar os joelhos excessivamente e jogar os posteriores para trás quando parado, o que, com o passar do tempo (e em função do cansaço muscular proporcionado), poderá causar desconforto e, de forma compensatória, o cão tenderá a elevar a garupa e colocar seus pés posteriores sob ela.***

ii. Garupa “Caída”

A inclinação da garupa (em relação à espinha vertebral), nos cães trotadores, é de cerca de 30° (da pelve com a espinha vertebral), sendo que tal conformação facilita a execução do seu trabalho (como pastorear ou guardar um rebanho), que exige um deslocamento constante e, assim, proporciona um dispêndio gradual de energia; já nos galopadores (para, por exemplo, perseguir uma caça), tal ângulo é um pouco maior, o que proporciona maior rendimento no galope (uma vez que melhora a transmissão da força de propulsão por facilitar a condução dos pélvicos para frente) e, conseqüentemente, ocorre um maior dispêndio de energia num curto espaço de tempo. *Ex.:* garupa caída nos trotadores ou cães de pata curta (como os Dachshunds), constitui **falta**; já nos Lebréis em geral, trata-se de uma característica em geral requerida.

6.2.2. Coxa

A coxa é o segmento superior da coluna de sustentação posterior, ou seja, trata-se da porção mais proximal do membro pélvico. É a região mais musculada, limitando-se, na sua porção superior, com a garupa e, na inferior, com a perna traseira. Possui duas faces, a interna e a externa; e dois bordos, o anterior e o posterior.

6.2.2.1. Articulação Coxo-Femoral

É o ponto através do qual a coxa articula-se à garupa. É de extrema importância na movimentação, uma vez que constitui o ponto de aplicação das forças de propulsão e, portanto, local onde geralmente se inicia o movimento. O ângulo da articulação deve ser, em geral, ao redor de 90°, mas pode apresentar variações de acordo com o tipo esquelético e com a raça (figura 93).

6.2.2.2. Joelho, Articulação do Joelho ou Angulação do Joelho

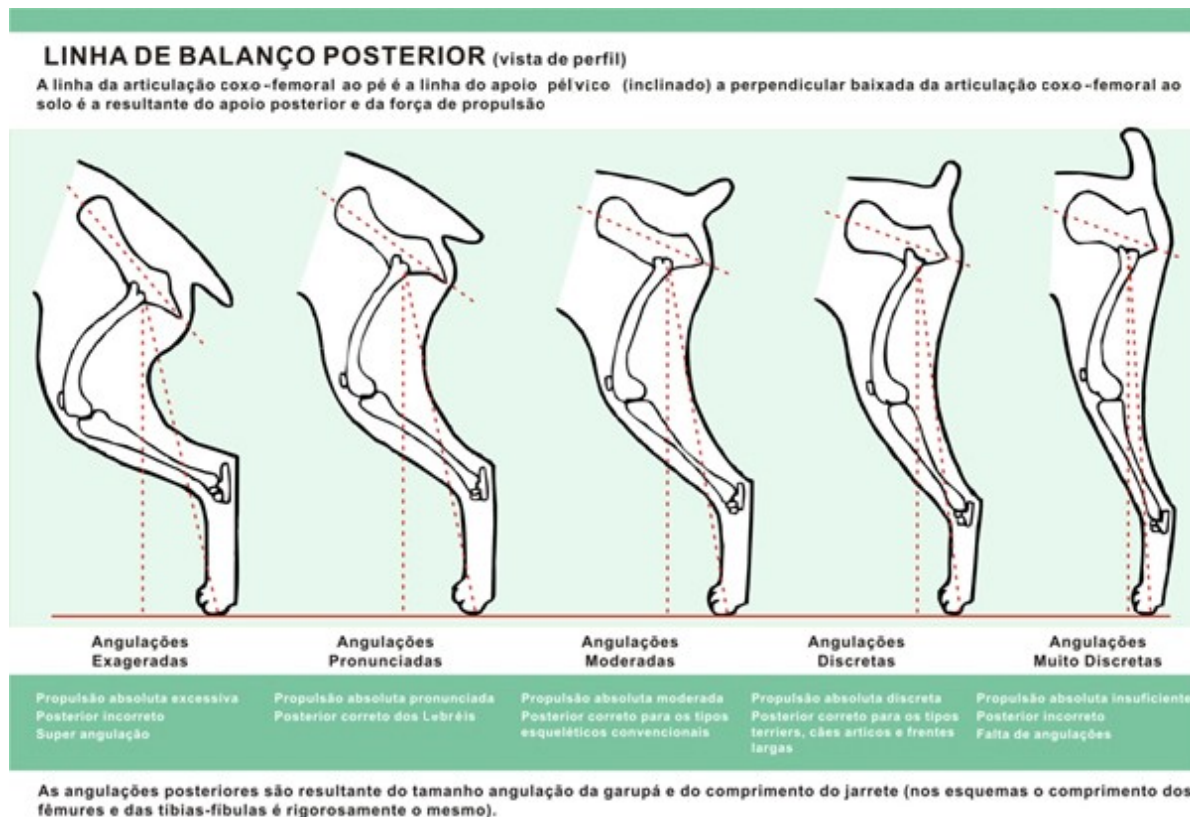
Corresponde ao ponto de junção da coxa com a perna traseira.

6.2.3. Pernas Traseiras ou Região da Tíbia

É o segmento intermediário da coluna de sustentação posterior e, portanto, corresponde à porção responsável pelo balanço do membro pélvico no momento da propulsão. Situa-se entre a coxa e o jarrete e é constituída pelo conjunto ósseo tíbia-fíbula. Possui duas faces, a externa e a interna; e dois bordos, o anterior e o posterior; é de comprimento aproximadamente igual ao da coxa, embora possa aparentar ser de maior tamanho quando se considera sua medida da patela ao jarrete (o que não é usual, uma vez que a patela situa-se adiante do fêmur). É mais larga na porção próxima à coxa e mais estreita naquela ao jarrete; seu bordo posterior é percorrido pelo tendão de gastrocnêmico, que é o músculo que aciona o jarrete.

Forma o joelho na sua articulação com a coxa, que, de maneira geral, apresenta um ângulo superior a 90°, porém, variável conforme o tipo rático e a construção da garupa e do jarrete. As pernas, juntamente com a coxa e o jarrete, vão constituir os **aprumos posteriores** (ou **pélvicos**). Uma linha continuada da articulação coxo-femoral ao solo, vista por trás, deve percorrer todo o conjunto posterior (figura 93).

Figura 93: Representação da linha de balanço posterior e angulação posterior do cão (vista de perfil).



6.2.4. Jarrete

Assim como a munheca, essa denominação se estende a duas regiões, o tarso e o metatarso, embora, tecnicamente, seja somente o tarso. É o último segmento da coluna de sustentação posterior e a primeira parte relacionada com o balanço da propulsão. A **ponta do jarrete** é constituída pelos ossos **tarso** e **fíbula** e corresponde ao que se denomina de calcanhar no humano.

O Jarrete angula-se com a perna traseira, formando um ângulo não inferior a 90°, porém, de conformidade variável com a construção da garupa e o seu próprio comprimento, sendo que quando em contato com o solo forma com ele um ângulo de aproximadamente 90° a 95°. Dessa forma, em se considerando tais angulações, os apurmos pélvicos podem apresentar os seguintes defeitos:

6.2.4.1. Jarrete de “Vaca”

As pontas do jarrete aproximam-se entre si e os pés divergem um do outro, caracterizando, assim, um defeito na conformação do membro e, portanto, de equilíbrio (figura 94).

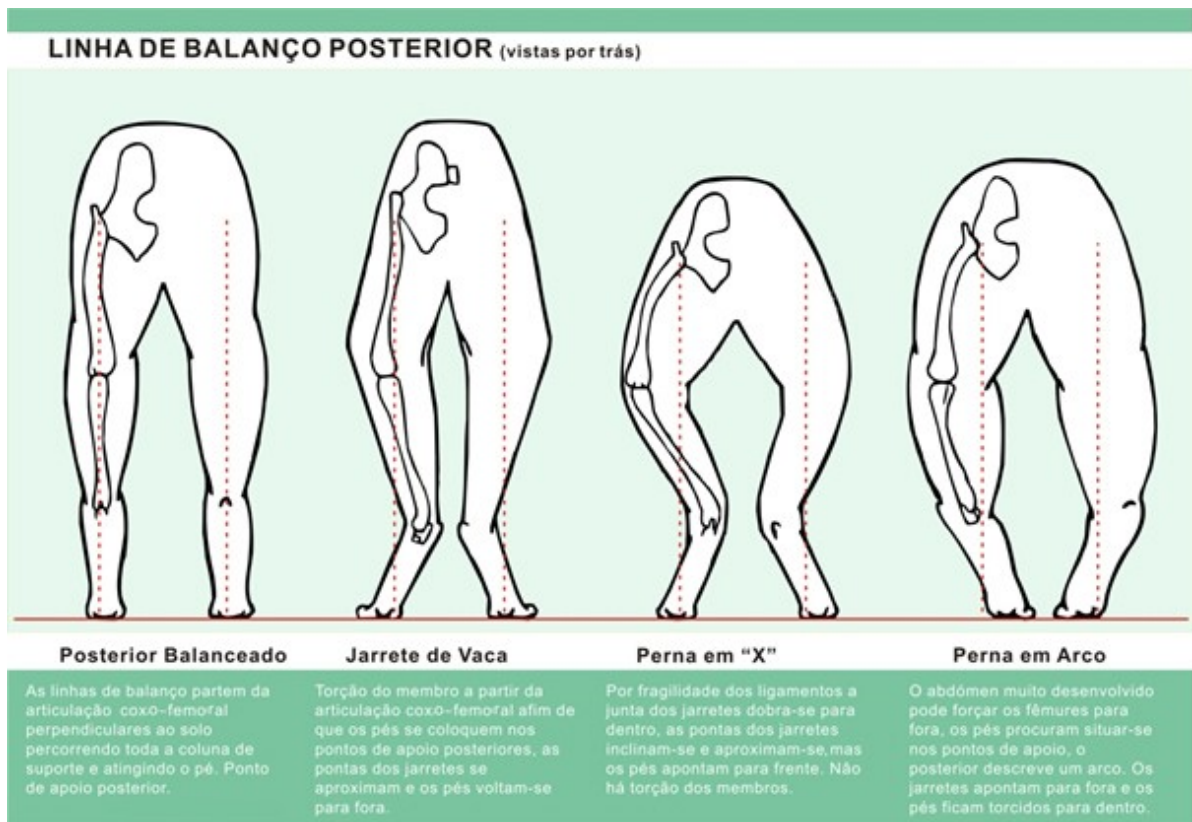
6.2.4.2. Pernas em “Arco”

A região dos jarretes possui ligamentos frágeis e os jarretes, vistos por trás, estão fletidos para fora (figura 94).

6.2.4.3. Pernas em “X”

Em virtude de ligamentos frágeis, os jarretes voltam-se para dentro, diferindo, portanto, do jarrete de “vaca” por não haver torção do membro (figura 94).

Figura 94: Representação da linha de balanço posterior correta do cão e de tipos de jarretes que constituem **falta** na espécie (vista por trás).

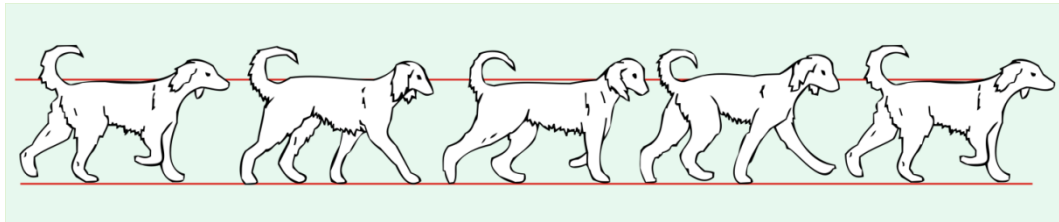


6.2.4.4. Jarrete em “Foice”

Os jarretes fazem com o solo um ângulo inferior a 90° e, em função da pouca articulação com a tíbia e a fíbula (ossos da perna), ficam angulados para frente e, dessa forma, quase não são utilizados na propulsão do movimento. Trata-se, de maneira geral, de um defeito de balanceamento, mas pode também ser uma acomodação para diminuir uma propulsão excessiva. Não é facilmente detectável quando visto de perfil.

Quando os anteriores são muito retos o cão, durante a movimentação, pode utilizar parte da energia da propulsão numa oscilação vertical da linha do dorso (figura 95), absorvendo, inutilmente, parte dessa energia. No caso dos pastores alemães, em virtude da flexibilidade dos jarretes e excepcional propulsão por coxas muito musculosas, esse defeito fica, em geral, atenuado.

Figura 95: Movimentação de cão com jarrete em “foice” (vista lateral).



Fonte: ELLIOTT, R. P. *Dog Steps - A New Look*, 2001.

6.2.5. Pés Pélvicos

São em tudo similares aos anteriores, e em algumas raças, inclusive o tamanho. Nos cães cavadores, entretanto, são de tamanho menor.

6.2.5.1. “Ergô” Pélvico

Recebe a mesma sinonímia do “ergô” torácico (“5º dedo”, “dedo de lobo”, “unha perdida” ou “esporão”), mas corresponde, nos membros pélvicos, ao primeiro metatarsiano dos cães e também se localiza na face medial dos membros pélvicos. Não ocorre na maioria das raças, sendo, inclusive, indicada a sua remoção pelos respectivos padrões na maior parte delas (a não ser que a legislação do país faça restrições à sua prática), exceto em algumas raças, como, por exemplo, no Cão da Montanha dos Pirineus, Pastor de Beauce e Pastor de Brie, nos quais a presença, inclusive, de “ergô duplo” nos membros pélvicos é obrigatória.

6.3. COMPRIMENTO DOS MEMBROS TORÁCICOS E PÉLVICOS

Entre o comprimento dos membros torácicos e pélvicos existe uma razão fixa, orgânica e funcional, de forma que em havendo encurtamento ou alongamento de um segmento do membro, todos os demais segmentos dele e dos outros membros passarão por idêntico processo, salvo, é claro, no caso dos **acondroplásticos** ou “aleijões”.

As variações no comprimento dos membros ocorrem por alterações de comprimento e ângulo da escápula e da pelve e podem não serem simultâneas nem harmônicas, como por exemplo: por aumento dos comprimentos das munhecas e dos jarretes, que são simultâneos; por modificações nos ângulos da munheca e do jarrete (esses últimos podem não ser simultâneos); e por alterações da caixa torácica. Assim, o equilíbrio poderá sofrer alterações: do encurtamento ou alongamento dos membros; das alterações do ângulo e comprimento do ombro e da garupa; da angulação da munheca e do jarrete.

7. CAUDA

Constitui a última porção da coluna vertebral, sendo composta, internamente, pelas vértebras coccígeas e músculos; já externamente, é revestida por pele e pelos. A cauda funciona como um apêndice do cão que auxilia no seu equilíbrio estático e dinâmico; ela está inserida na garupa, sendo que o seu **ponto de inserção** é determinado pela **angulação da garupa** e pelo **comprimento do ílio**; já o **porte da cauda** é decorrência do **comprimento do ísquio**.



A cauda pode assumir os mais variados tamanhos e formas, os quais são decorrentes da combinação do tamanho e número de vértebras, do seu comprimento, inserção e porte. Nos casos de amputação da cauda, quando realizada antes do desenvolvimento, no cérebro, das áreas de percepção sensorial, é como se ela nunca tivesse existido; por outro lado, em se realizando tal procedimento posteriormente à completa formação desses pontos, podem ocorrer sérios distúrbios de equilíbrio.

Os padrões raciais fazem referência à cauda, de uma maneira geral, quanto à sua inserção, porte, comprimento, forma, integridade e pelagem, entre outras denominações menos usuais.

7.1. QUANTO À INSERÇÃO

A Inserção da cauda está intimamente ligada ao comprimento e angulação do ílio e pode ser:

7.1.1. Cauda de Inserção Baixa

Característica de garupa longa e, portanto, muito angulada. *Ex.:* American Staffordshire Terrier, Bedlington Terrier, Greyhound, Terrier Brasileiro.

7.1.2. Cauda de Inserção Mediana

Característica de garupa de tamanho e angulação intermediários. *Ex.:* Cairn Terrier, Dogo Argentino, Puli.

7.1.1. Cauda de Inserção Alta

Característica de garupa curta e pouco angulada. *Ex.:* Cão Lobo Tchecoslovaco, Griffon de Bruxelas, Shiba.

7.2. QUANTO AO PORTE

O porte da cauda está relacionado tanto com a inserção como com o comprimento do ísquio e angulação da garupa (figura 95), podendo ter:

7.2.1. Porte Abaixo da Linha Superior

A cauda é portada, mesmo estando o cão alegre e em movimentação, abaixo do nível da linha superior (figura 95). *Ex.:* Greyhound, Saluki, Whippet.

7.2.2. Porte ao Nível da Linha Superior

A cauda é portada do mesmo nível da linha superior (figura 95). *Ex.:* Clumber Spaniel, Dachshunds, Golden Retriever, Pointer Inglês, Setters em geral.

7.2.3. Porte Acima da Linha Superior

A cauda é portada acima do nível da linha superior, podendo ser:

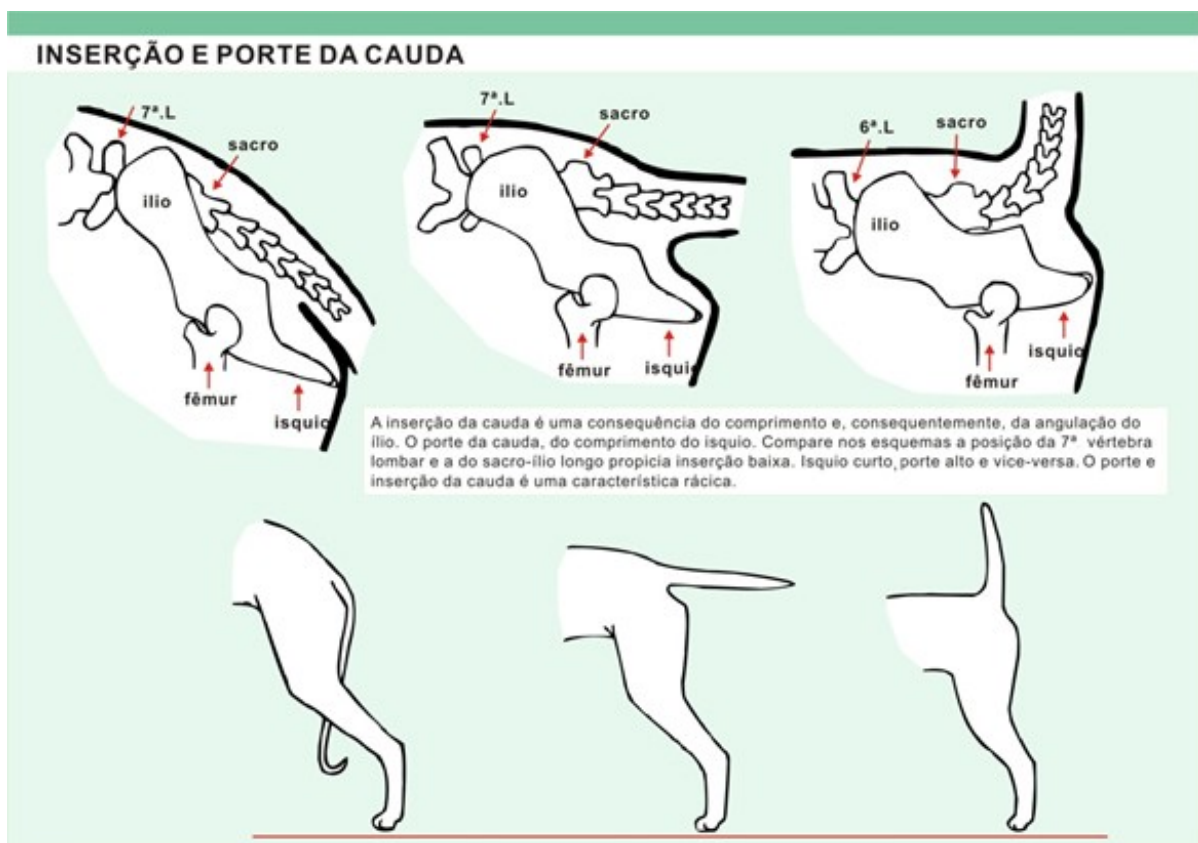
7.2.3.1. Cauda de Porte Inclinado (ou Oblíquo)

A cauda é portada fazendo um ângulo de aproximadamente 45° com o nível da linha superior (figura 96). *Ex.: Dogo Argentino.*

7.2.3.2. Cauda Ereta

A cauda é portada fazendo um ângulo de cerca de 90° com a linha superior (figura 96). *Ex.: Coohound, Terriers em geral.*

Figura 96: Inserção e porte de cauda do cão (vista lateral).



7.2.3.3. Cauda Sobre a Linha Superior

A cauda pode estar voltada para a linha superior, ou deitar-se por cima dela, conforme descrito:

a) *Caudas portadas lateralmente à linha superior:* a cauda volta-se em direção ao dorso, passando por cima da linha superior, pendendo, porém, para um dos lados. *Ex.: Akita, Basenji, Pequinês, Samoieda.*



b) *Caudas deitadas sobre a linha superior*: são caudas que se acomodam sobre o dorso. *Ex.*: Bichon Havanês, Chow Chow, Pug, Shih Tzu, Spitz Alemão e Japonês.

c) *Caudas direcionadas para linha superior*: são caudas voltadas em direção à linha superior. *Ex.*: Bichon Frisé, Biewer Terrier, Chihuahua, Pequeno Cão Leão.

7.3. QUANTO AO COMPRIMENTO

O comprimento da cauda natural varia de raça para raça, mas também individualmente, sendo que essa última possibilidade pode constituir defeito.

Quanto ao seu comprimento, a cauda pode ser:

7.3.1. Cauda Longa

É uma cauda cujo comprimento atinge pelo menos o jarrete. *Ex.*: Collies Pelo Curto e Pelo Longo, Pastores Alemão e Belga, São Bernardo.

7.3.2. Cauda de Comprimento Moderado

Embora a cauda não chegue a atingir o jarrete, também, não se limita a umas poucas vértebras, sendo, portanto, de tamanho mediano. *Ex.*: Bulldog, Terrier Escocês.

7.3.3. Cauda Curta

É uma cauda de proporções bem reduzidas. *Ex.*: Boston Terrier, Buldogue Francês.

7.3.4. Cauda Ausente ou Anurismo

Cauda cujas vértebras caudais não se exteriorizam e o cão nasce, portanto, sem cauda (anuro) e pode ocorrer, por exemplo, no Old English Sheepdog, Schipperke e no Spaniel Bretão.

7.4. QUANTO À FORMA

Os padrões usam terminologia variada para indicar a forma das caudas, que pode ser:

7.4.1. Cauda “Enroscada”

É uma cauda que se coloca deitada sobre a linha superior e que se enrola, formando anéis ou roscas (figura 97). *Ex.*: Basenji, Pug, Shar Pei.

7.4.2. Cauda “Enrolada” ou em Forma de Anel

A cauda está colocada acima da linha superior e enrola sobre ela, porém, sem formar roscas (figura 97). *Ex.*: Akita, Akita Americano, Pug, Shiba.



7.4.3. Cauda de “Esquilo”

É uma cauda deitada sobre a linha superior, achatando-se sobre ela (figura 97). *Ex.: Spitz Alemão.*

7.4.4. Cauda em Forma de Saca-Rolha

Cauda cujas vértebras são irregulares e dão a impressão de formarem vários pequenos arcos, ou dobraduras, como um “saca-rolhas” (figura 97). *Ex.: Bulldog.*

7.4.5. Cauda em Forma de Cenoura

É uma cauda ereta, reta, de porte hirta, cilíndrica, ligeiramente mais larga na base do que na ponta e com pelame denso, portanto, assemelhando-se a uma cenoura invertida (figura 97). *Ex.: Cairn Terrier, Terrier Escocês, Westie Highland White Terrier.*

7.4.6. Cauda em Forma de Chicote

Cauda comprida, sendo que, a partir do seu ponto de inserção, ela desce abaixo da linha superior e, na extremidade, descreve uma curva, colocando-se bem para baixo e situando-se entre os membros pélvicos (figura 97). *Ex.: Borzoi, Greyhound, Pequeno Lebel Italiano, Pharaoh Hound, Whippet.*

7.4.7. Cauda em Forma de Cimitarra

Cauda de porte ereto ou inclinado e que apresenta uma leve curvatura da base até a ponta (figura 97). *Ex.: Chesapeake Bay Retriever, Lagotto Romagnolo, Setter Gordon.*

7.4.8. Cauda em Forma de Sabre ou Foice

É uma cauda comprida, de inserção baixa e que forma um arco no seu último terço (figura 97). *Ex.: Basset Hound, Bloodhound, Borzoi, Cesky Terrier, Dálmata, Mastim Napolitano, Schnauzers.*

7.4.9. Cauda em Forma de Letra “Jota” (J) ou em Forma de Gancho

Cauda em forma de sabre, mas com o arco bem mais fechado (figura 97). *Ex.: Bedlington Terrier, Kuvasz, Pelado Peruano, São Bernardo.*

7.4.10. Cauda em Forma de Ponto de Interrogação (?)

É uma cauda de porte ereto, mas com uma curva muito pronunciada na extremidade (figura 97). *Ex.: Afghan Hound.*

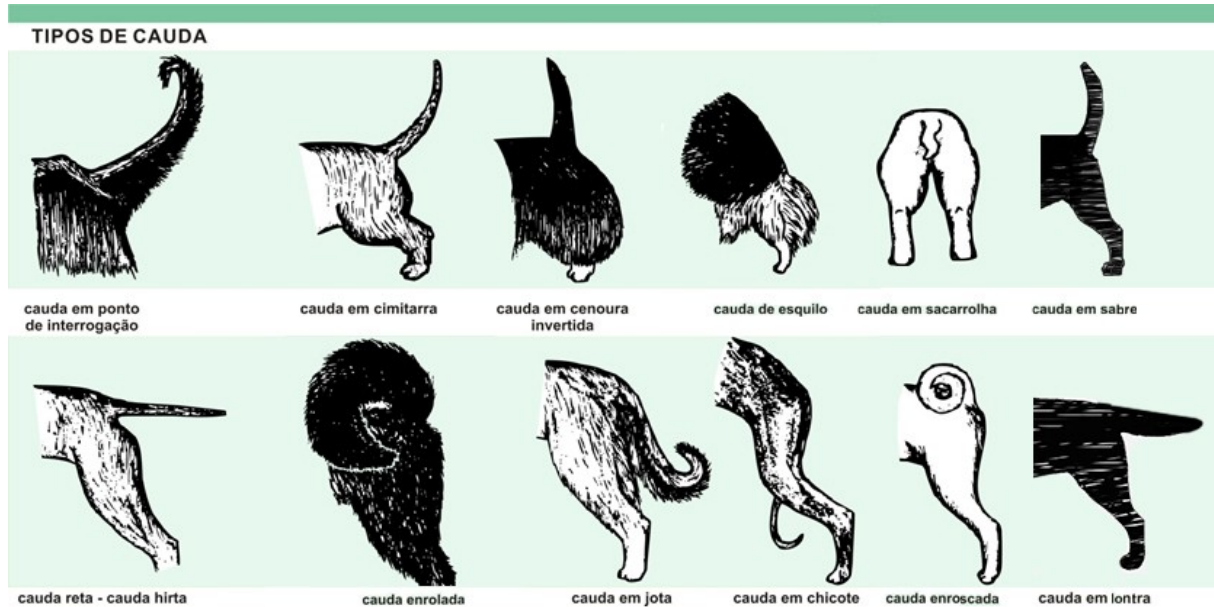
7.4.11. Cauda Reta

Cauda sem curvaturas, independentemente do seu porte (figura 97). *Ex.: Pointer Inglês, Setters e Terriers em geral.*

7.4.12. Cauda de “Lontra”

Cauda de tamanho mediano, sendo grossa na base e afinando gradualmente até a ponta. Sem franjas, é completamente coberta por pelos curtos, espessos e densos, dando uma aparência “arredondada” e com formato semelhante ao de uma lontra (figura 97). É a cauda característica do Labrador Retriever.

Figura 97: Tipos de cauda do cão quanto ao porte (vista lateral).



7.5. QUANTO À INTEGRIDADE

Quanto à sua integridade, as caudas podem ser:

7.5.1. Cauda Íntegra

Que não pode ser amputada.

7.5.2. Cauda Cortada ou Amputada

O corte da cauda (caudectomia) varia de comprimento de raça para raça (a não ser que a legislação do país faça restrições à sua prática), sendo que o seu tamanho tem correlação com a funcionalidade do cão. Assim, em relação ao comprimento da cauda amputada, ela pode ser:

7.5.2.1. Cauda Cortada Muito Curta

Cauda amputada rente à garupa, ou seja, muito próxima à sua raiz. *Ex.:* Old English Sheepdog.



7.5.2.2. Cauda Cortada Curta

A cauda fica com um comprimento entre 2cm a 10cm. *Ex.:* Australian Shepherd, Cocker Spaniel Americano, Spaniel Bretão, Welsh Corgi Pembroke, Yorkshire Terrier.

7.5.2.3. Cauda Cortada Não Muito Curta

O comprimento do coto é superior a 10cm. *Ex.:* Cane Corso, Mastino Napolitano, Spinone Italiano, Terriers em geral, Vizsla.

7.6. QUANTO À PELAGEM

Nas diferentes raças, a pelagem da cauda pode variar. Assim temos:

7.6.1. Cauda “Emplumada”

A pelagem se distribui uniformemente, mas é bem longa (figura 98). *Ex.:* Akita, Chihuahua Pelo Longo, Collie Pelo Longo, Malamute do Alaska, Papillon, São Bernardo.

7.6.2. Cauda “Franjada”

A pelagem longa limita-se apenas à parte inferior e lateral da cauda (figura 98). *Ex.:* Dachshund Pelo Longo, Setters em geral.

7.6.3. Cauda em “Pincel”

Caudas de pelagem moderadamente curta, mas que, na extremidade, apresentam pelos mais compridos (figura 98). *Ex.:* Australian Cattle Dog, Beagle.

7.6.4. Cauda em “Escova”

São caudas cuja pelagem é de comprimento não muito longo, mas muito densa, como se fosse uma escova cilíndrica (figura 98). *Ex.:* Husky Siberiano.

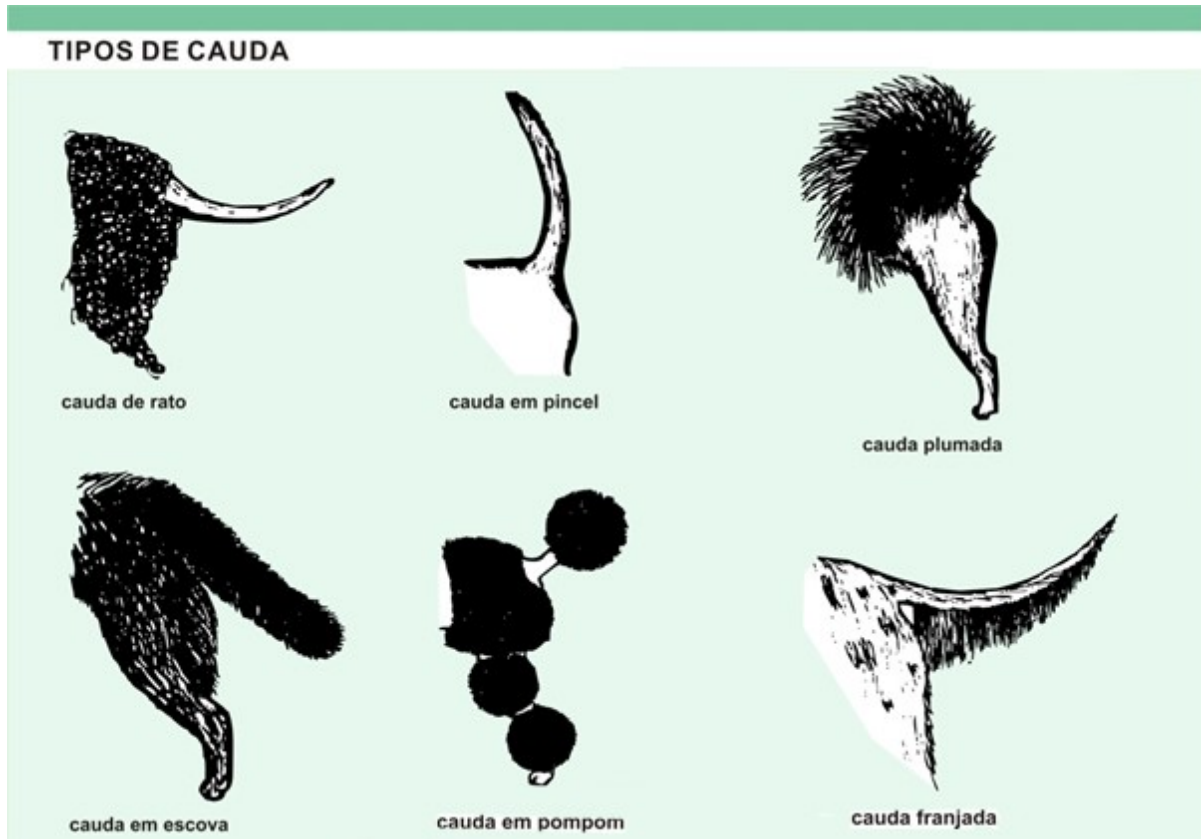
7.6.5. Cauda “Pelada” ou Cauda de “Rato”

Em algumas raças a pelagem da cauda não deve existir, ou, pelo menos, ter esse aspecto, mesmo que seja de forma preparada (figura 98). *Ex.:* Bedlington Terrier, Irish Water Spaniel.

7.6.6. Cauda em “Pom Pom” ou “Tosada”

A pelagem da cauda é “tosada” (“trimming”) com o aspecto de um “pom pom” (figura 97). É o tipo de tosa característico do Poodle adulto.

Figura 98: Tipos de cauda do cão quanto à pelagem (vista lateral).



7.7. OUTRAS DESIGNAÇÕES

Além das nomenclaturas anteriormente descritas, existem outros termos empregados para designar caudas:

7.7.1. Cauda “Alegre”

É a denominação dada à cauda de porte alto, ereto. *Ex.:* Terriers em geral.

7.7.2. Cauda “Morta”

Cauda sem força erétil e que, em geral, denota enfraquecimento muscular e dos ligamentos intervertebrais. **Sempre constitui falta.**

7.7.3. Cauda “Desviada”

É uma cauda a qual, com o cão em movimento, desvia-se para um dos lados, indicando, assim, desequilíbrio dinâmico ou fraqueza da musculatura do lado oposto. **Sempre constitui falta.**



7.7.4. Cauda “Quebrada”

Pode ser natural, quando o animal nasce com um desvio vertebral e a cauda pode até estar dobrada sobre si mesma, ou adquirida, geralmente por fraturas. **Sempre constitui falta.**

8. **PELE E SEUS ANEXOS**

O cão, externamente, é revestido pela pele; já os órgãos dos sentidos, por mucosa. A pele dos cães é bastante elástica e resistente, porém, pode, em algumas raças, ser mais estirada, enquanto em outras, bastante frouxa a ponto de formar pregas ou rugas que pendem pelo corpo. Tal característica está, geralmente, muito relacionada com o tipo de trabalho que o cão realiza, ou seja, aqueles que arriscam sua integridade física no desempenho da função, tais como as raças de caça, pastoreio, ou aquelas utilizadas, no passado, para o combate em rinhas, apresentam, em geral, a pele muito solta para, dessa forma, proteger as regiões mais internas (e, portanto, mais importantes para a manutenção da vida) da agressão de dentes, garras ou cornos.

A pele possui vários anexos: **glândulas sebáceas e apócrinas, pelos e unhas**; nela estão contidas, ainda, as **terminações nervosas** ou **sensoriais**. A pele é pigmentada por um pigmento denominado **melanina** (ou **pigmento melânico**) e que pode, de maneira geral, ser claro ou escuro, sendo que embora presente pode não estar oxidado e, dessa forma, formar áreas brancas na pelagem, ficando a pele com uma coloração rosada.

8.1. **PELAGEM**

É o conjunto dos pelos que recobrem um cão. A maioria dos cães possui dois tipos de pelos: o pelo principal ou externo e o secundário ou subpelo.

- *Pelo principal ou pelo externo*: mais áspero, liso, assentado, brilhante e, de maneira geral, de tonalidade mais escura;

- *Pelo secundário ou subpelo*: mais macio, profuso, opaco e, geralmente, de tonalidade mais clara; é, em geral, bem mais curto do que o pelo principal, porém, certas raças podem ter o subpelo mais longo do que o pelo principal. *Ex.*: Afghan Hound.

Baseado nesses dois tipos de pelo, as pelagens podem ser:

- *Pelagem Simples*: não contém subpelo. *Ex.*: Bóxer, Dobermann, Pinscher Miniatura, Yorkshire Terrier.

- *Pelagem Dupla*: com pelo e subpelo. *Ex.*: Cães árticos em geral, Collies Pelo Curto e Pelo Longo, Labrador Retriever, Rottweiler, Terriers em geral.



Ainda em relação à pelagem, ela pode variar quanto à coloração, composição, tipo, comprimento, textura e densidade, conforme segue:

8.1.1. Quanto à Coloração

8.1.1.1. Intensidade de Coloração do Pigmento

O pigmento que dá cor à pelagem é o mesmo que da pele, ou seja, a **melanina**, podendo, portanto, da mesma forma que essa, ser clara ou escura e, ainda, variar de intensidade conforme o tamanho, proximidade e graus de oxidação dos grânulos do pigmento, dando, dessa forma, origem às diversas cores e suas variações. Assim temos:

i. Cores de Pigmento Escuro

a) *Derivados do Preto*: preto e suas diluições, como preto bronzeado, grafite, azul, azul maltês, azul escuro, azul aço, azul acinzentado, cinza escuro, cinza lobo, cinza asfalto, cinza aço, grisalho, prata e prata bege.

b) *Derivados do Marrom*: marrom escuro e suas diluições, como chocolate, fígado, marrom claro, marrom avermelhado, castanho, avelã, isabela, bege escuro, bege acinzentado e “café com leite”.

ii. Cores de Pigmento Claro

a) *Derivados do Vermelho*: vermelho e suas diluições, como “fogo”, mogno, “pinhão”, camurça escuro, camurça claro, baio, laranja, abricó, bege rosado, champanhe, champanhe rosado, canela escuro, canela claro e branco “sujo”.

b) *Derivados do Amarelo*: amarelo e suas diluições, como dourado, ouro, trigo, “feno”, palha, areia, marfim, “biscuit”, limão, creme, amarelo “sujo”, branco puro.

8.1.1.2. Tom de Coloração do Pelame

Quanto aos tons de coloração do pelame, podem ser:

i. Pelagem Sólida

Quando a pelagem é de uma só cor, seja de pigmento claro ou escuro, intenso ou diluído. Em geral pode, nesses casos, apresentar uma pequena mancha branca no antepeito, nos dedos e, eventualmente, na ponta da cauda, o que é **tolerável**. Por outro lado, os cães inteiramente brancos e de pele pigmentada de escuro são considerados brancos sólidos. Ex.: Cockers Spaniels Americano e Inglês, Dogue Alemão preto, azul e dourado, Poodle, Samoieda.

ii. Pelagem Mista

Quando a pelagem possui tanto coloração de pigmento claro quanto de escuro, ou, ainda, pelos de pigmentação diluída e intensa.



a) *Marcação Canela, Fogo ou “Tan”*: os cães de pigmento escuro, preto ou marrom, ou suas nuances, podem apresentar áreas específicas de pigmento claro, vermelho ou amarelo, e é conhecida como marcação **canela**, ou **fogo**, ou **“tan”**. As marcas situam-se geralmente em cima de cada olho, nas laterais do focinho, no antepeito, na face interna das orelhas e pernas, nas munhecas e jarretes, nos pés e abaixo da cauda, ao redor do ânus. *Ex.*: Dobermann, Pinscher Miniatura, Rottweiler, Setter Gordon.

b) *Tigrada ou Rajada*: os cães de pigmento claro, vermelho ou amarelo, e suas nuances, podem apresentar estrias de pigmento escuro, em geral preto, como a pelagem de um tigre. Essas estrias podem variar desde pequenas e muito tênues, até tão densas de modo a constituir uma pelagem bastante escura, com ligeiros sinais de pigmento claro. *Ex.*: Boston Terrier, Bóxer, Buldogue Francês, Fila Brasileiro, Mastim Napolitano.

c) *“Marmorizada”*: trata-se de pelagem de pigmento escuro que apresenta, ao mesmo tempo, áreas diluídas e áreas monocromáticas (sem diluição). A pelagem é, fundamentalmente, de pigmento escuro diluído em cor azul ou bege com pequenas marcas ou pintas de pigmento intenso de cor preta ou marrom. Essa cor também é conhecida como **“merle”**. *Ex.*: Collies Pelo Curto e Pelo Longo azul-merle, Dachshunds arlequins, Dogue Alemão arlequim.

d) *Sal e Pimenta*: é uma pelagem constituída por pelos de pigmento escuro, em geral, diluído (cinza), misturados com pelos de pigmento claro. *Ex.*: Schnauzers sal e pimenta em geral.

e) *Pelagens dos cães de Tipo “Primitivo” ou “Selvagem”*: o pelo possui a base de pigmento claro e, a ponta, de pigmento escuro. Outra característica dessa pelagem é a máscara de pigmento diluído. *Ex.*: Elkhound Norueguês Cinza, Husky Siberiano, Malamute do Alaska.

iii. **Pelagem “Particolor”**

É uma pelagem combinada entre uma das colorações descritas anteriormente e o branco proveniente da não oxidação do pigmento, ou seja, pelame branco com pele de cor rósea. Pode ser:

a) *Bicolor*: o branco combina-se com uma cor sólida. *Ex.*: Cockers Spaniel Americano e Inglês, Dogue Alemão arlequim, Pointer Inglês.

b) *Tricolor*: quando o branco é combinado com uma pelagem de outra cor sólida, geralmente preta, marrom, azul ou Isabela, além da marcação canela, “fogo” ou “tan”. *Ex.*: Basset Hound, Beagle, Collies Pelo Curto e Pelo Longo, Setter Inglês.

c) *Marcada*: o branco combina-se com uma cor sólida, ou tigrada ou “marmorizada”, mas se restringe a certas áreas, tais como o focinho, sulco naso-frontal, região cervical ventral (“garganta”), antepeito, pernas, pés e/ou ponta da cauda. *Ex.*: Boston Terrier, Bóxer, Bull Terrier “colorido”.



d) *Ruão*: os pelos de coloração branca estão muito mesclados com os pelos da cor sólida, persistindo, contudo, algumas manchas da cor sólida. *Ex.*: Cocker Spaniel Inglês ruão, Setter Inglês.

e) *Malhada*: quando o branco está combinado com pintas de tamanho grande (malhas) de cor sólida, tigrada ou, ainda, com pelagem de marcação canela. *Ex.*: Dogue Alemão arlequim, Greyhound, Pointer Inglês, Whippet.

f) *Chitados ou Dalmatizados*: pequenas malhas de coloração sólida, redondas, equivalentes no tamanho e uniformemente espalhadas por todo o corpo de fundo branco. *Ex.*: Dálmata, Pointer Inglês.

8.1.2. Quanto ao Tipo

Quanto ao tipo de pelagem de cobertura, ela pode ser:

8.1.2.1. Pelagem Reta ou Lisa

Constituída por pelos retos e sem ondulações, sendo, em geral, característica de pelagens curtas (*Ex.*: Bóxer, Dobermann, Dogue Alemão); mas que também pode ocorrer em cães de pelagens longas (*Ex.*: Cocker Spaniel Inglês, Maltês, Yorkshire Terrier).

8.1.2.2. Pelagem Ondulada

A pelagem apresenta alguma ondulação discreta, sendo particularmente característica em certas raças (*Ex.*: Kuvasz, Setter Inglês); mas que constitui **falta** em outras (*Ex.*: Cocker Spaniel Inglês, Yorkshire Terrier).

8.1.2.3. Pelagem Cacheada ou Encaracolada

A pelagem apresenta uma ondulação miúda, acentuada. *Ex.*: Bedlington Terrier, Bichon Frisé, Poodle.

8.1.2.4. Pelagem Crespa ou Frisada

A pelagem forma caracóis, com aspecto crespo. *Ex.*: Cão D'Água Frisado, Curly Coated Retriever, Irish Water Spaniel.

8.1.2.5. Pelagem “Encordoada”

Os pelos emaranham-se, formando cordas, sendo característica de pelagens frisadas e de crescimento contínuo. *Ex.*: Komondor, Puli.

8.1.3. Quanto ao Comprimento

O comprimento dos pelos pode variar de 1cm a 40cm.



Em relação ao comprimento da pelagem, ela pode ser assim designada:

8.1.3.1. Pelagem Curta

O comprimento dos pelos é reduzido e, geralmente, não passa de 3cm. É uma característica das pelagens simples (*Ex.*: Bóxer, Dobermann, Dogue Alemão); mas pode, também, aparecer em pelagens duplas (*Ex.*: Chihuahua Pelo Curto, Cimarrón Uruguayo, Rottweiler).

Quando existe uma variedade de pelagem com pelos mais longos, é comum designar-se a variedade de pelo mais curto como **Pelo Curto**. *Ex.*: Collie Pelo Curto, São Bernardo Pelo Curto.

8.1.3.2. Pelagem Longa

Os fios têm um comprimento mais longo, podendo ser: profusos e cobrindo todo o corpo (*Ex.*: Lhasa Apso, Shih Tzu); limitarem-se a franjas situadas, em geral, nas orelhas, antepeito, peito, pernas e cauda (*Ex.*: Cockers Spaniels Americano e Inglês, Saluki, Setters em geral); ou, ainda, cobrirem todo o corpo deixando, apenas, cabeça e patas com pelagem mais curta (*Ex.*: Cães árticos em geral, Collie Pelo Longo, Pastores Alemão e Belga).

8.1.4. Quanto à Densidade

A densidade dos pelos é medida pela quantidade de fios numa seção da pele. Quanto à densidade, a pelagem pode ser:

8.1.4.1. Pelagem Ausente ou Escassa

Os pelos são geralmente mais escassos em determinadas áreas (como na cabeça, cauda e, eventualmente, nos pés), podendo, até mesmo, estar absolutamente ausentes em algumas regiões (ou em todo o corpo) e formar, assim, áreas totalmente calvas. Existe uma ligação genética (cromossômica) entre a falta de pelos e dentes ausentes, sendo característica a sua ocorrência nas raças “peladas”. *Ex.*: Cão de Crista Chinês (variedade sem pelo), Pelados Mexicano e Peruano.

8.1.4.2. Pelagem “Rala” ou “Aberta”

Existe, entre os pelos, um espaço relativo que permite visualizar a pele com facilidade. *Ex.*: Chihuahua Pelo Curto, Pinscher Miniatura.

8.1.4.3. Pelagem “Densa” ou “Abundante”

A quantidade de pelos é muito grande, porém, com densidades bastante variáveis e que vão desde pelagens muito densas e que não permitem ver a pele, característica de cães de locais de inverno muito rigoroso (*Ex.*: Cães árticos em geral), até pelagens menos adensadas e, portanto, mais “abertas” (*Ex.*: Old English Sheepdog, Poodle).



8.1.5. Quanto à Textura

A textura dos pelos é determinada pelo toque, tendo-se, em relação a isso:

8.1.5.1. Pelagem Dura

A pelagem é comparável a cerdas de comprimento médio, sendo, o pelo principal, grosso e duro; já o subpelo é lanoso e macio. É facilmente arrancável e constitui um meio de defesa no desempenho da função de determinadas raças. *Ex.:* Briard, Bouvier des Flanders, Schnauzers em geral, Terriers em geral.

8.1.5.2. Pelagem Macia

Constituída por pelos finos e de toque suave, podendo ser simples (*Ex.:* Pug) ou dupla (*Ex.:* Husky Siberiano).

8.1.5.3. Pelagem Sedosa

É, de maneira geral, uma pelagem simples cujos pelos são brilhantes como a seda e tem a faculdade de refletir a luz. *Ex.:* Bichon Frisé, Maltês, Yorkshire Terrier.

8.1.5.4. Pelagem Lanosa

Trata-se de uma pelagem áspera como a lã, sendo, ainda, flexível, elástica, compressível e, em geral, muito densa. É característica de raças que trabalham em águas geladas. *Ex.:* Lagotto Romagnolo, Poodle.

8.1.5.5. Pelagem Áspera

É uma pelagem mais macia do que a dura, porém, mais dura do que a lanosa, sendo característica de cães cujo trabalho era realizado sob situações de intempéries. *Ex.:* Collies Pelo Curto e Pelo Longo, Lhasa Apso, Old English Sheepdog, Pastor Maremano Abruzes.

8.1.6. Quanto à Posição dos Pelos

Quanto à posição dos pelos, pode-se ter:

8.1.6.1. Pelagem “Acamada” ou “Deitada”

Quando os pelos se dispõem deitados sobre a pele, sendo característica de pelagens curtas, lisas, duras, sedosas e/ou ralas. *Ex.:* Bóxer, Dachshunds, Dobermann, Terriers em geral.

8.1.6.2. Pelagem “Arrepiada” ou “Eriçada”

Os pelos dispõem-se perpendicularmente à pele. É característica de pelagens muito densas e, de maneira geral, protetoras. *Ex.:* Cães árticos em geral, Old English Sheepdog.



8.1.7. Quanto ao Preparo

Como regra geral, a pelagem deve ser brilhante e saudável, sendo que, para tanto, muitas raças não precisam de nenhum preparo especial além de escovação; entretanto, outras necessitam de algum tipo de cuidado, como, por exemplo, arrancamento de pelos (*Ex.*: alguns Terriers de Pelo Duro) ou cortes (“trimming”) especiais (*Ex.*: Poodles, Cockers Spaniels Americano e Inglês, Schnauzers em geral, Springer Spaniel Inglês). Por outro lado, cabe ressaltar que alguns padrões consideram **falta desclassificante** o preparo da pelagem quando realizada em determinadas raças nas quais não se pode fazê-lo ou quando executada de maneira inadequada. *Ex.*: Cães Árticos em geral, Poodle.



3ª PARTE:

ESTABILIDADE, MOVIMENTAÇÃO E BALANÇO DO CÃO

1. ESTABILIDADE

Os cães parados, em estação natural (em pé), têm suas patas sobre os vértices do retângulo por elas formado quando apoiadas no piso, salvo exceções, evidentemente, relacionadas ao tipo rácico (Ex.: o Bulldog apresenta pélvicos posicionados mais próximos que os torácicos, compondo, com seus membros, não um retângulo, mas sim, um quadrilátero, sendo a parte de trás mais estreita que a da frente). A **estabilidade do cão** é facultada, de uma maneira geral, pelo:

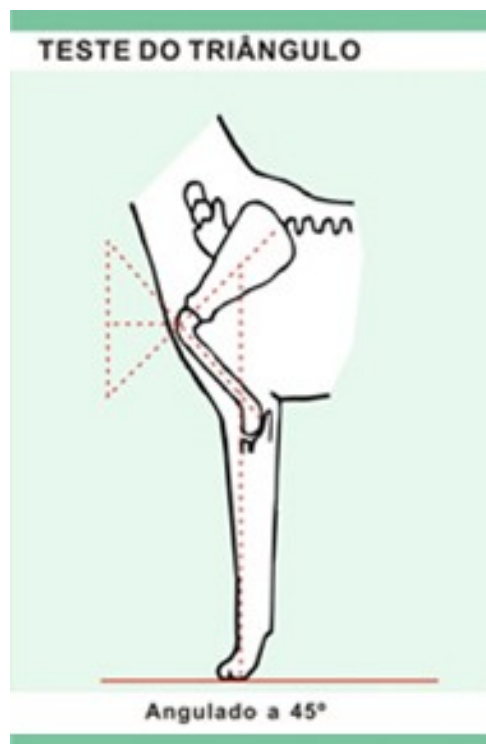
1.1. ANTERIOR OU FRENTE DO CÃO

É o ponto de encontro do pescoço com a ponta superior da escápula (osso gleno) de ambos os membros, sendo denominado **cernelha**. O ângulo formado entre a ponta do ombro, a ponta do esterno, a ponta do cotovelo, o espaço entre as pontas das escápulas na cernelha e o espaço entre o tronco e as pernas na proximidade dos cotovelos podem dar uma boa indicação do alcance dos torácicos e pode ser avaliado, mesmo com o cão parado, pelo **Teste Prático do Triângulo**, conforme segue:

1.1.1. Teste Prático do Triângulo

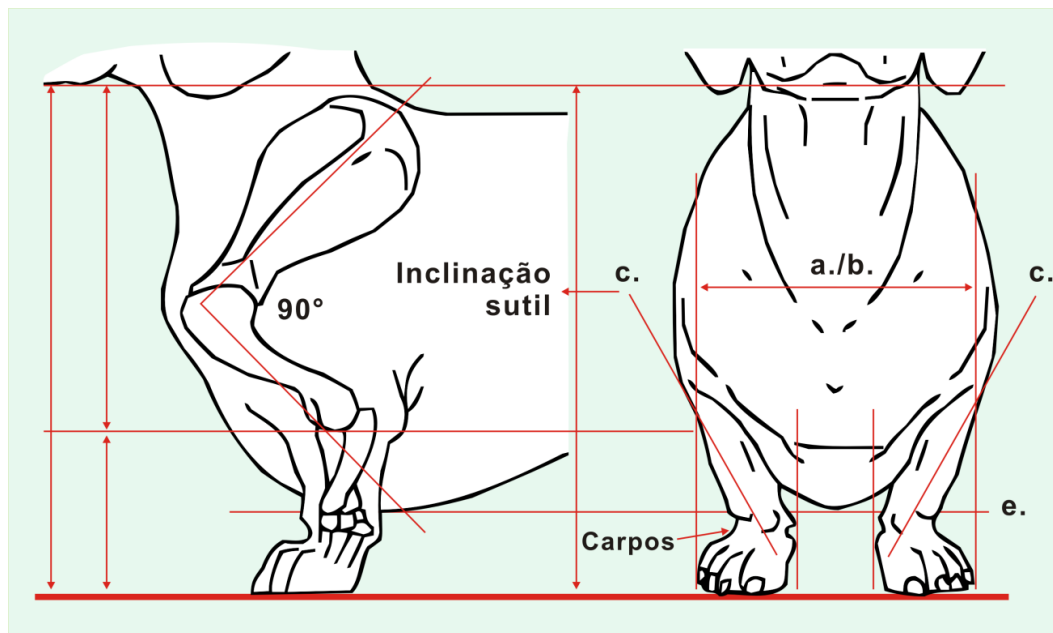
Uma leve depressão na linha superior que desce do pescoço para o dorso é também o ponto de encontro das pontas das escápulas (glenos) com essa linha, quando vistas de perfil; e uma linha reta unindo esse ponto à ponta do cotovelo forma, com os ossos escápula e úmero (ponta do ombro), um triângulo que tem como vértices a ponta do cotovelo, ponta do ombro e ponta da escápula na cernelha (figura 99). **O ângulo formado pelos ossos escápula e úmero, na ponta do ombro, serve como indicador do alcance dos torácicos.**

Figura 99: Tipos de angulações de ombro dos cães (vista lateral).



Caso esse ângulo seja muito aberto, ocorrerá uma diminuição do alcance do movimento; já em sendo excessivamente fechado, proporcionará um aumento do mesmo. O correto, para a maioria das raças, é que seja em torno de 105° (cães trotadores em geral), mas pode variar entre 90° , como nos Terriers em geral, porém, nesses a inclinação da escápula com a horizontal é menor que 45° até cerca de 110° , como nos cães galopadores ou Lebréis em geral; já para os Teckels, o ângulo escápulo-umeral é menor que 90° , sendo o ângulo da escápula com a horizontal mais fechado (figura 100). Para poder cavar, os Teckels apoiam o **peito** no chão e no interior da toca, ficando com as patas livres; o **cotovelo** fica acima do nível inferior do esterno; já o **rádio** e **ulna** se encurvam para dentro e para baixo da caixa torácica, de forma que os pés fiquem sob o peito; e, em virtude da necessidade de cavar, desviam os pés ligeiramente para fora. Para tanto, a raça resultou de uma modificação genética denominada condrodistrofismo, aproveitado pelo homem, em seu benefício, para o trabalho de caçar nas tocas.

Figura 100: Posicionamentos e angulações corretas dos membros torácicos de um cão do tipo esquelético “pata curta”.



Fonte: TAUSZ, B.

1.2. POSTERIOR OU TRASEIRA DO CÃO

A espinha vertebral, com três vértebras fundidas (formando o osso sacro do cão, juntamente com os ossos ilíacos), dá origem a um ângulo que contribui para a execução do movimento com o **mínimo dispêndio de energia**. A resultante da força que tem seu ponto de aplicação quando o cão usa as unhas das patas posteriores para firmar-se no solo e iniciar a produção da força propulsora, é transmitida inteiramente ao osso ilíaco, através do sistema de alavancas constituído pelos ossos do trem posterior e sustentado e direcionado pelos músculos. Para transmitir esta força de propulsão ao tronco, a espinha vertebral, através dos ossos sacros, articula-se com os dois ossos ilíacos para amortecimento e transmissão da força de propulsão.



Para que ocorra o máximo aproveitamento da força de propulsão, deve haver um amortecimento entre a cabeça do fêmur e os acetábulos dos ossos ilíacos, que devem estar colocados de forma que possam dinamicamente transmitir e receber a força de propulsão, auxiliados, evidentemente, pelos músculos da garupa. A flexibilidade é pequena, porém, suficiente para que a parte da espinha vertebral que fica anterior ao sacro receba a força propulsora transmitida com o mínimo dispêndio de energia, sendo que tal dinâmica somente é possível em função de um adequado ajuste das vértebras entre si, o que é proporcionado pelos discos amortecedores; já a flexibilidade e pequena articulação são garantidas pelos fortes músculos que envolvem a garupa. Os músculos e ligamentos ali existentes são, ainda, os responsáveis por manter o equilíbrio desse sistema que transmite a força dos membros pélvicos aos ossos ilíacos e, dali, através da espinha vertebral, de uma forma dinâmica para todo o tronco.

1.3. TRONCO DO CÃO

É a parte do cão que é sustentada pelos torácicos e pélvicos e que mantém o pescoço, que é o segmento que liga o tronco à cabeça pelas vértebras da espinha vertebral, denominadas cervicais. O tronco tem sua forma transversal e é fortemente influenciado pelas costelas e pelo esterno. É no tronco que se situa o **centro de gravidade do cão**, que, dinamicamente, desloca-se para frente e para trás, além de oscilar lateralmente, para cima e para baixo (segue, portanto, o princípio do mínimo dispêndio de energia).

Para que ocorra um mínimo dispêndio de energia, o ideal é que as oscilações laterais e o esforço para deslocar o centro de gravidade na direção do movimento para frente sejam mínimos. Já, por exemplo, quando ocorre uma oscilação no plano vertical do centro de gravidade, que se nota quando o cão não se move corretamente (por vezes até de forma pouco perceptível nos torácicos, porém, o tronco apresenta uma ligeira oscilação vertical em sua parte anterior), o movimento é realizado com dispêndio inútil de energia. Em situações extremas, essa oscilação vertical do centro de gravidade poderá ser indício de problemas nos membros torácicos, como, por exemplo, uma displasia de cotovelo.

Na parte da frente do tronco e no início da linha inferior situa-se o esterno, que vai interligar as costelas em suas extremidades inferiores, formando a caixa torácica. Assim, quem recebe toda a força de propulsão dos pélvicos é a espinha vertebral, formando, com as costelas e o esterno, um volume denominado tronco que, além de abrigar internamente pulmões, coração, entre outras vísceras, externamente serve para apoiar os músculos que sustentam o pescoço e as pernas.

É fácil perceber que o impacto dos anteriores com o solo é transmitido diretamente através ossos e músculos à caixa torácica e às vértebras cervicais, refletindo-se diretamente no cérebro. Por esta razão, a natureza dotou os membros torácicos de um sistema de amortecimento, a partir das almofadas plantares, e de uma correta inclinação de metacarpos. Assim, pés chatos, dedos achinelados, dedos abertos e inclinação incorreta de metacarpos **são faltas, em geral, graves**, por influenciarem diretamente a movimentação.

2. MOVIMENTAÇÃO

Está diretamente relacionada com a estrutura do cão e segue a lei universal da natureza, ou seja, com o **mínimo dispêndio de energia** para executá-lo. Para que isso possa acontecer, há a necessidade de um perfeito balanceamento (equilíbrio) entre as angulações dos ossos dos membros torácicos e pélvicos (figuras 101 e 102), de uma firme e corretamente implantada espinha vertebral, de um encaixe apropriado dos ossos e, também, de bons músculos para a sua sustentação.

Figura 101: Movimentação correta dos membros torácicos do cão.

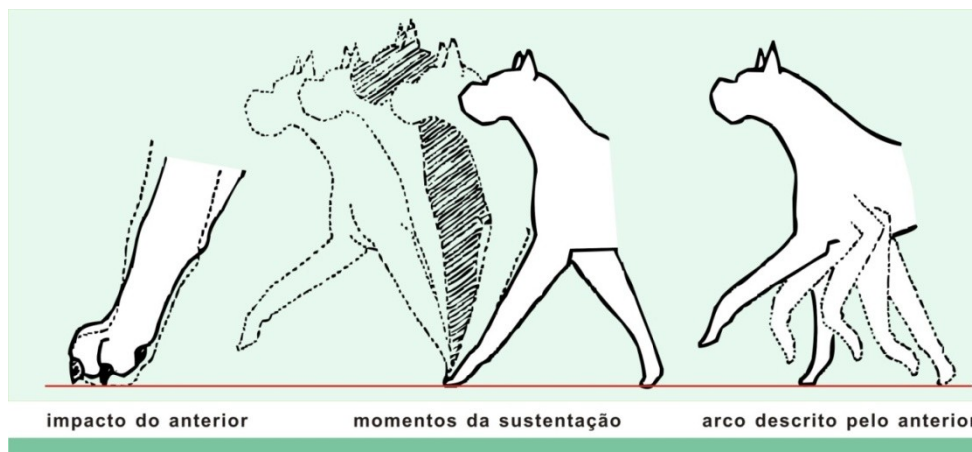
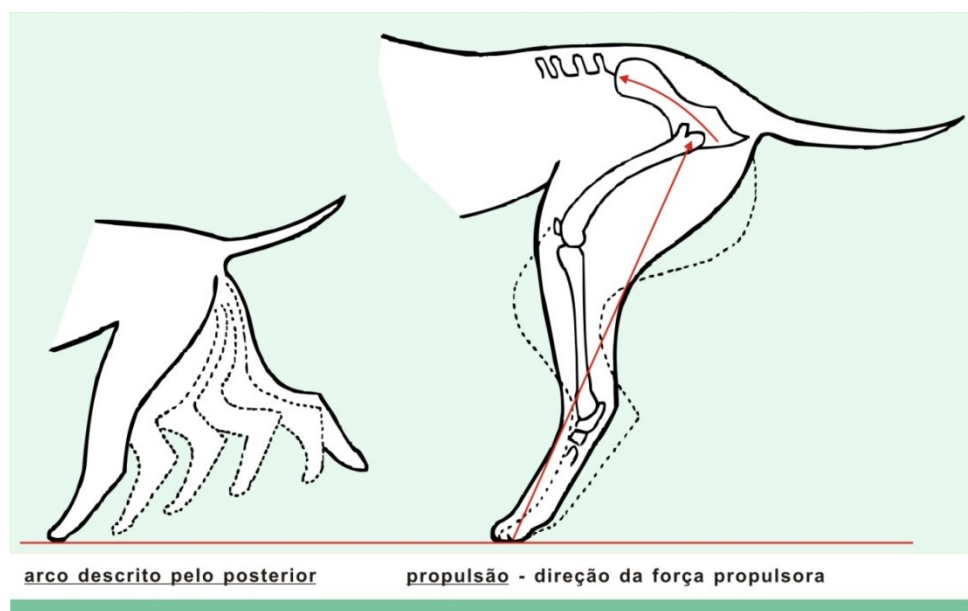


Figura 102: Movimentação correta dos membros pélvicos do cão.



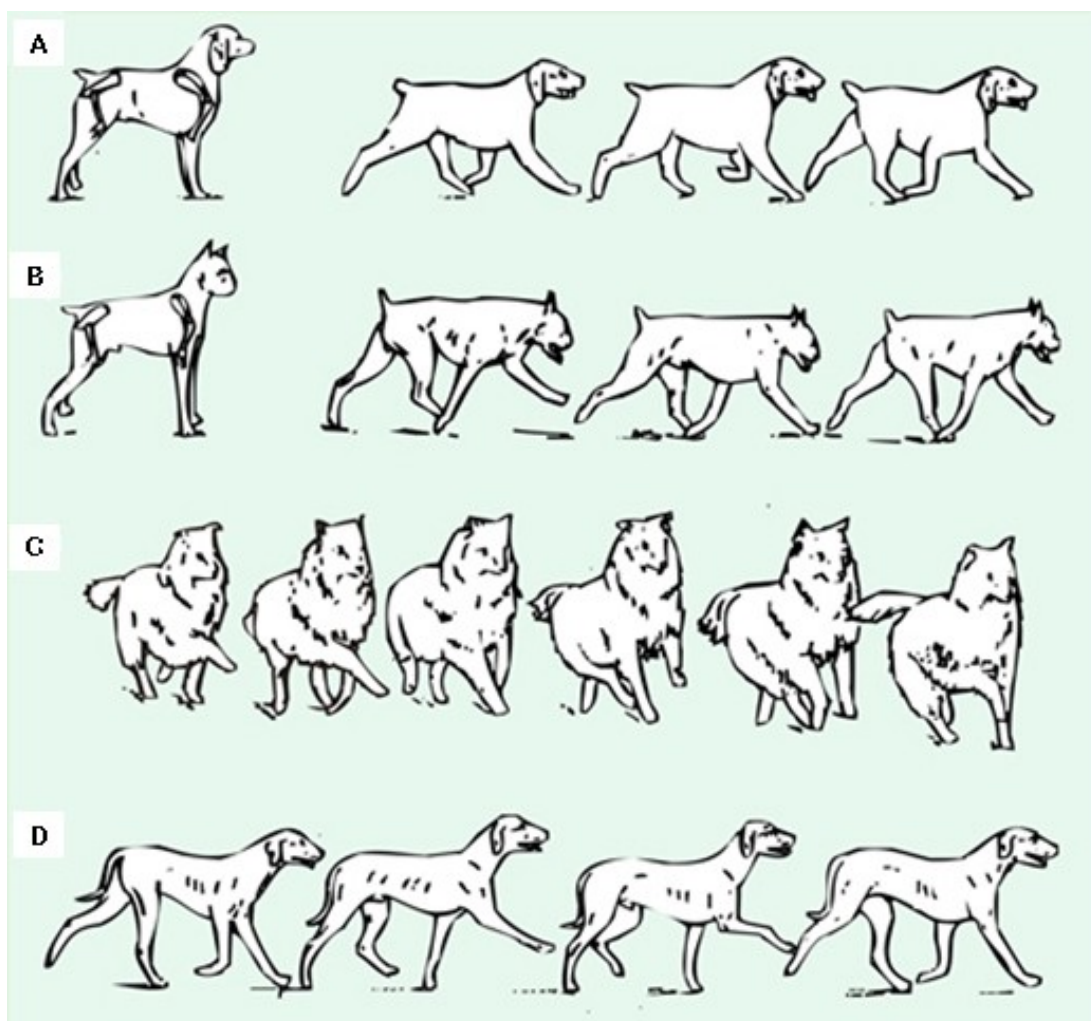
Ao se examinar um cão parado podem-se notar problemas em sua estrutura óssea e, assim, antever com segurança as prováveis imperfeições na sua locomoção (teste do triângulo anteriormente descrito). Da mesma forma, pode-se avaliar se a sua estrutura óssea é adequada à sua função.

Dessa forma, por exemplo, um cão que persegue sua presa em velocidade deve ter membros pélvicos fortes e bem desenvolvidos para tal; um farejador, por outro lado, deve ter membros torácicos fortes para suportar horas a fio com o focinho bem próximo ao solo; já um cão de pastoreio deve apresentar tanto os torácicos quanto os pélvicos fortes para, dessa forma, poder trotar por bastante tempo no desempenho da função; e assim por diante.

Qualquer movimento que implique em maior dispêndio de energia para a sua execução promoverá, de forma direta, mais cansaço. Assim, o cão que se desloca da forma mais correta é aquele que vai ter o melhor rendimento na realização de suas tarefas e com o **mínimo dispêndio de energia**, havendo, portanto, uma íntima relação entre estrutura e movimentação.

Ao se avaliar dois cães da mesma raça e que, portanto, tem por finalidade executar a mesma função, para que se conclua com segurança aquele que desempenha o movimento da forma mais apropriada para realizar aquele trabalho, basta observar qual deles tem uma melhor cobertura de solo e de forma mais fluente, sendo que, para tanto, ambos devem ser deslocados com o mesmo tipo de movimentação (figura 103).

Figura 103: Movimentações correta (A) e incorretas (B, C, D) do cão (vista lateral).

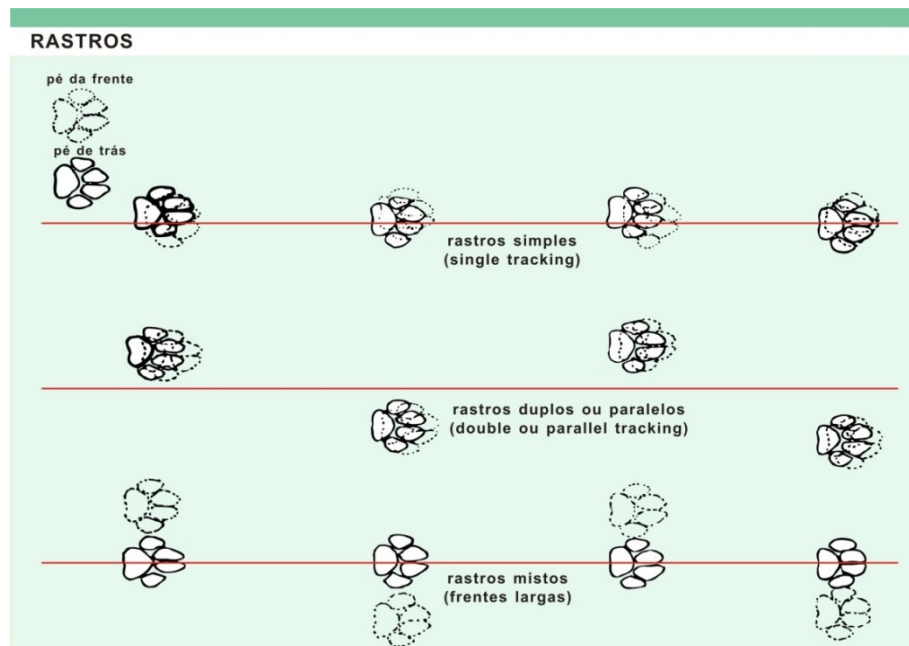


Fonte: ELLIOTT, R. P. *Dog Steps - A New Look*, 2001.

2.1. CONVENÇÕES DE PEGADAS E RASTROS

Cada marcação da pata no solo é o que se denomina de pegada, sendo que uma sucessão delas é o que se chama rastro (figura 104).

Figura 104: Ilustração de pegadas e direção do rastro do cão (traço cheio significa pegadas dos pélvicos; tracejado pontilhado, dos torácicos; linha tracejada unindo duas pegadas, que elas se movimentam simultaneamente, como um par; linha cheia contínua, a direção do rastro).



2.2. MOVIMENTAÇÃO NO MESMO PLANO

Os membros **torácicos e pélvicos movem-se no mesmo plano** quando, de maneira geral, a largura da caixa torácica e da garupa são equivalentes, porém, tal forma de interpretação do movimento somente será verdadeira quando o rastro for do tipo **simples** ou “**single tracking**”, no qual as patas pélvicas pisam exatamente sobre as pegadas das patas torácicas (figura 105); ou **duplo**, também denominado de **paralelo**, no qual as patas deixam uma pegada de cada lado da linha citada (figura 106).

Quanto ao **rastro duplo**, é importante ressaltar que nesse tipo de rastro, quando se observa o cão vindo de frente, no instante em que a pata torácica tocar o solo ela vai encobrir o membro pélvico do lado correspondente; já quando o cão se afasta, observando-o por trás, a perna pélvica que toca o solo encobrirá, nesse momento, o membro torácico desse mesmo lado. As pernas estarão, portanto, no mesmo plano, muito embora que de forma não perpendicular ao solo.

Existem, ainda, aqueles que produzem **quatro pegadas distintas**, sendo duas de cada lado, e com larguras diferentes entre as pegadas das patas torácicas e pélvicas. Ex.: Basset Hound, Bulldog, Dachshunds (figura 107). É cabível colocar que, embora um cão de determinada raça possa apresentar um rastro considerado como sendo o correto para a mesma, ele pode não revelar possíveis problemas existentes (figura 108).

Figura 105: Rastro simples ou “single tracking” do cão.

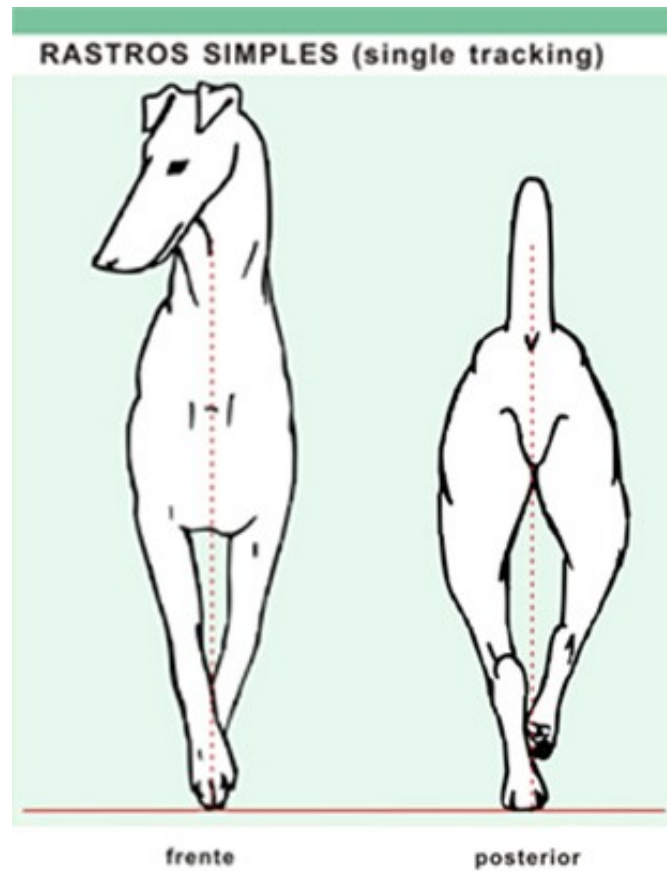


Figura 106: Rastro duplo ou paralelo do cão.

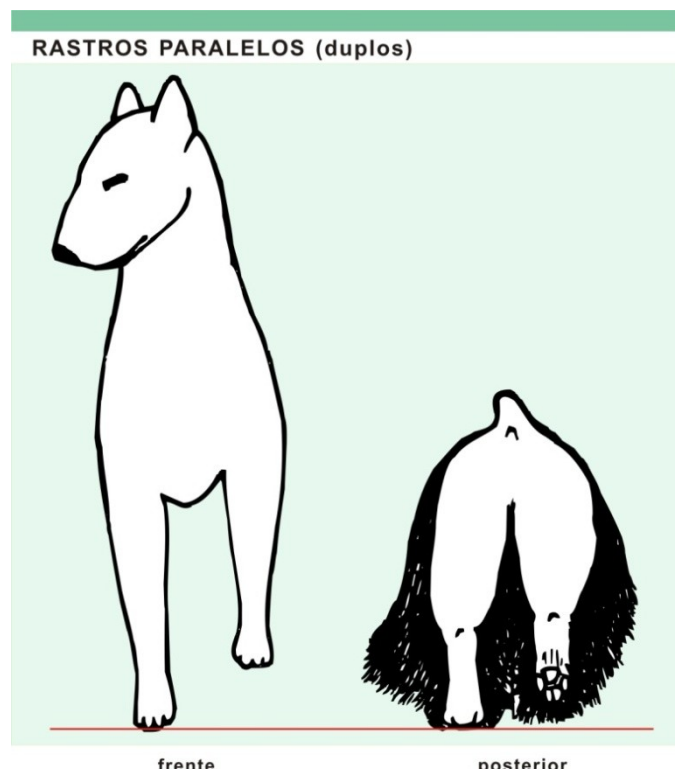


Figura 107: Movimentações de um cão do tipo esquelético “pata curta”.

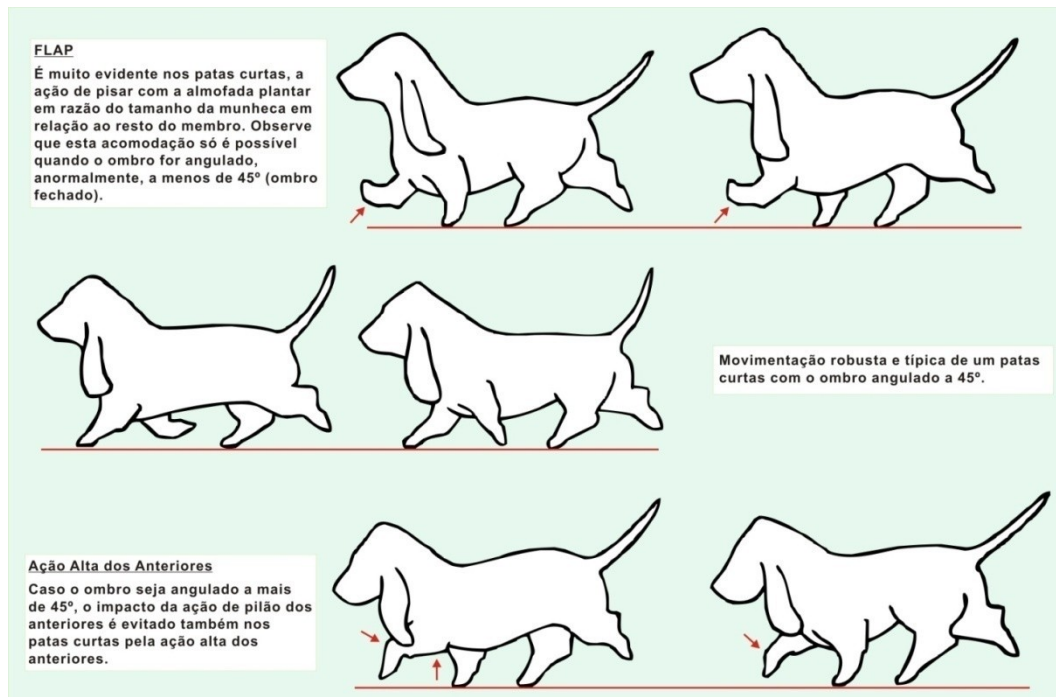
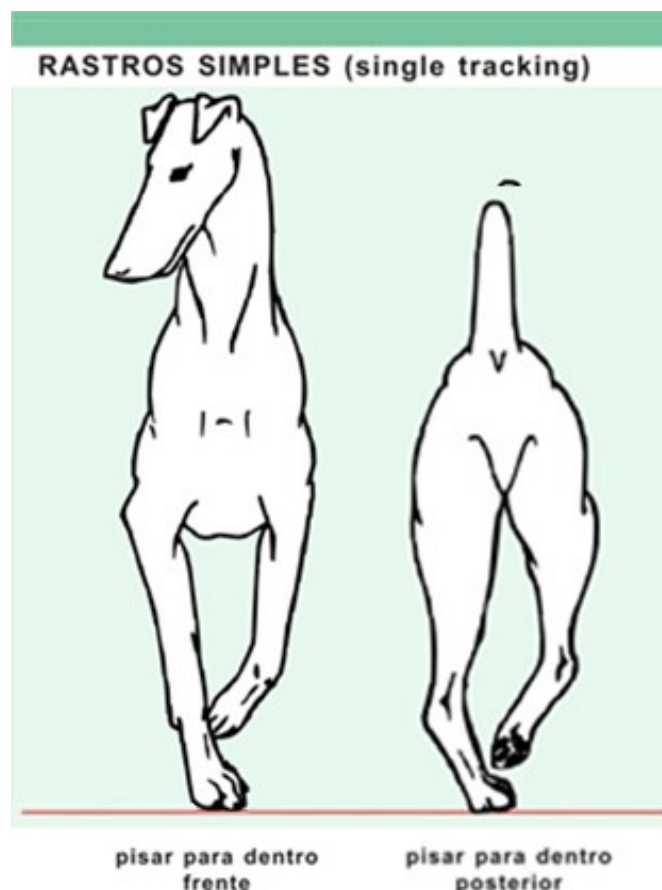


Figura 108: Rastro simples de um cão que volta os cotovelos para fora e pés para dentro quando em movimento (vistas cranial e caudal).



É evidente que essa diversidade de rastros deixados pelos quadrúpedes, quando se movimentam em trote, tem a ver, de um modo geral, com a sua estrutura. Assim, **cães trotadores por excelência** fazem, geralmente, uma **trilha única**, com suas pegadas sobre a linha de intersecção do plano do chão com seu plano de simetria longitudinal (Ex.: Dobermann, Husky Siberiano, Pastor Alemão, Pinscher Miniatura); **porém outros, embora também trotadores, fazem uma trilha dupla, sendo que, nesse caso, a largura de seu tronco não deixa que seus membros se aproximem em demasia** (Ex.: Cães do tipo Bull, Molossos e cães de “frente larga” em geral).

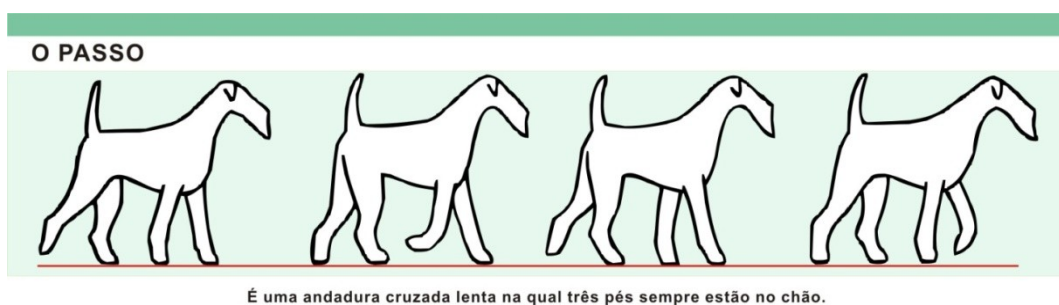
2.3. FORMAS DE MOVIMENTAÇÃO MAIS COMUNS

As formas de movimentação mais comuns são o passo, trote e galope. Há outros tipos de movimentação que o cão executa em determinadas situações, como, por exemplo, quando está cansado ou machucado, tracionando cargas ou, ainda, quando se movimenta contido pelo seu condutor ou apresentador (“handler” em inglês), sendo que, geralmente, tais situações proporcionam um movimento considerado incorreto para o cão.

2.3.1. Passo

É uma movimentação de quatro tempos e quatro “pisadas” ou “batidas”. Primeiro o cão propulsiona com o membro pélvico, por exemplo, direito, para, assim, promover o alcance com a perna torácica direita (portanto, do mesmo lado); em seguida, torna a propulsionar com a perna pélvica, porém, agora do lado contralateral (esquerdo) produzindo, dessa forma, o alcance almejado com o membro torácico esquerdo. O movimento em passo é, portanto, realizado por uma perna de cada vez e de forma ipsilateral, ou seja, primeiro um lado e, em seguida, o outro (figura 109). Após o término de todo o movimento inicia-se um novo ciclo que é, no caso exemplificado, impulsionado por uma nova propulsão do membro pélvico direito para, assim, reiniciar todo o movimento.

Figura 109: Movimento em passo do cão.

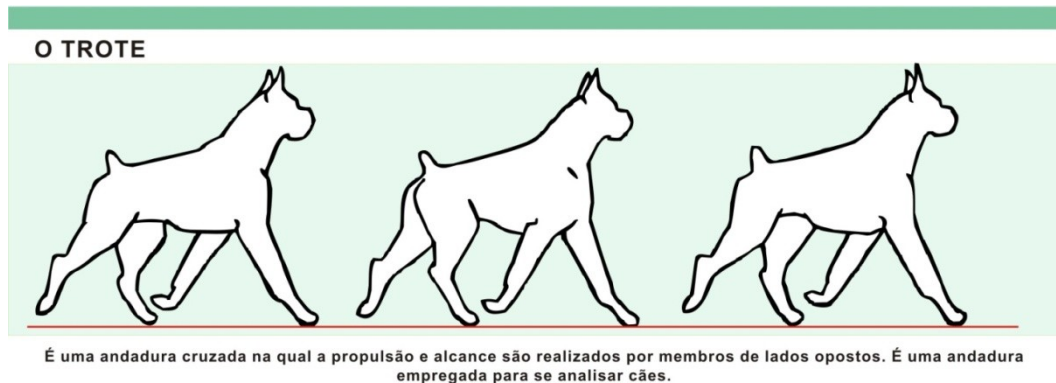


É uma andadura cruzada lenta na qual três pés sempre estão no chão.

2.3.2. Trote

Trata-se de uma movimentação de quatro “batidas” e dois tempos e também denominada como “bípede diagonal”. Nesse tipo de movimento, após a propulsão inicial, por exemplo, com o membro pélvico direito, imediatamente após, por um movimento de alcance com o torácico contralateral (no caso, o membro esquerdo) para que o cão não perca o equilíbrio dinâmico e caia; após, um membro pélvico e um torácico diagonalmente opostos tocam o solo simultaneamente, ou seja, batem ou pisam no chão ao mesmo tempo (figura 110).

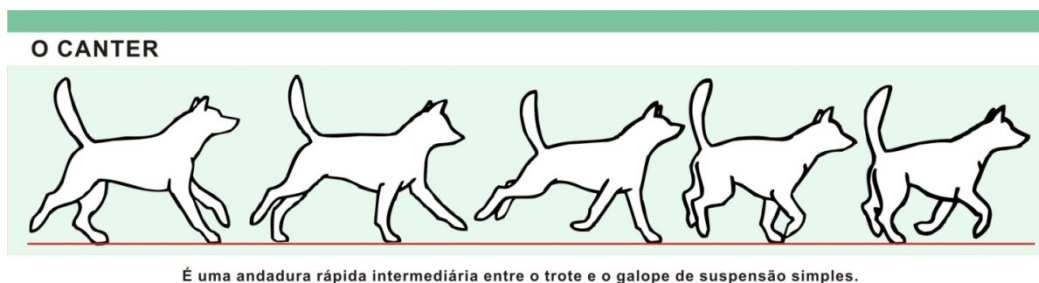
Figura 110: Movimento em trote do cão.



2.3.3. “Cânter” ou Galope Travado

É uma movimentação de passadas longas e que **se desenvolve em três tempos**: dois membros se movem isoladamente; já os outros dois, diagonalmente opostos, movimentam-se simultaneamente em par (figura 111). Assim, quando o cão conduz o movimento, por exemplo, com o membro pélvico esquerdo, o torácico direito se move juntamente com ele; já os demais membros movimentam-se separadamente, em tempos diferentes. É um movimento transitório entre o passo e o galope, sendo, de maneira geral, mais lento e menos cansativo que o galope.

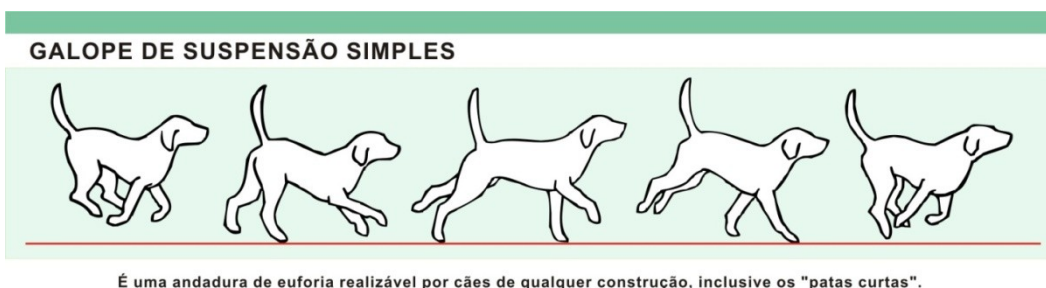
Figura 111: Movimento em galope travado do cão.



2.3.4. Galope de Suspensão Simples

Refere-se a uma movimentação de euforia (figura 112).

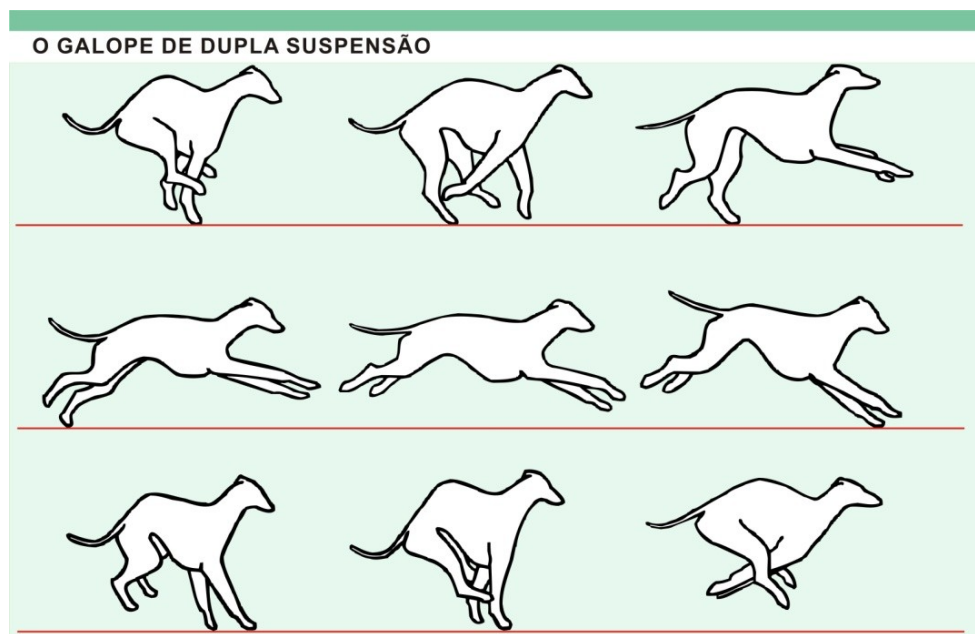
Figura 112: Movimento em galope de suspensão simples do cão.



2.3.5. Galope, Galope Pleno ou Galope de Dupla Suspensão

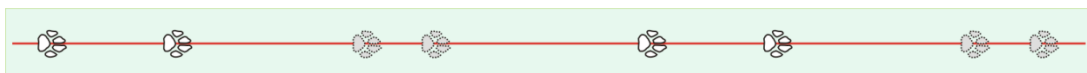
É a movimentação mais rápida e que requer, de maneira geral, uma estrutura corporal adequada e compatível à sua realização, sendo característica dos Lebréis, muito embora outros cães também a executem, porém, geralmente sem o mesmo rendimento (Ex.: Cães primitivos em geral). **Tem um ritmo de quatro batidas no solo e um período extra de propulsão do corpo no ar, com as quatro patas sem tocar o solo.** A perfeição do galope depende da potência para estender os ombros e membros torácicos o mais longe possível ao mesmo tempo em que os pélvicos são levados rapidamente à frente para, ao tocarem o solo, produzirem uma potente propulsão (figura 113 e 114)

Figura 113: Movimento em galope de dupla suspensão do cão.



O galope de dupla suspensão é a mais veloz das andaduras e requer uma construção especial (Galgos).

Figura 114: Rastros de um movimento em galope de dupla suspensão do cão.



Fonte: ELLIOTT, R. P. *Dog Steps - A New Look*, 2001.

2.3.6. Outros Tipos de Movimentação

2.3.6.1. “Amble” ou Passo Ligeiro

Corresponde a uma movimentação intermediária entre o passo e o trote e na qual ocorre uma acomodação do movimento numa velocidade maior que no passo e menor que no trote. Embora movimente os membros de um mesmo lado para, somente após, movimentar os do outro lado, ele o faz retirando o pélvico do chão num instante de tempo anterior ao da retirada do torácico ipsilateral. **Geralmente constitui falta.**

2.3.6.2. Marcha ou Passo de “Camelo”

O cão movimenta duas patas de um mesmo lado simultaneamente, como se fosse um par, para, em seguida, realizar o mesmo movimento do lado contralateral (figuras 115 e 116). Esse tipo de movimento normalmente acarreta um inútil dispêndio de energia pelo deslocamento lateral do centro de gravidade do cão, sendo, de maneira geral, um movimento de acomodação do animal quando cansado. **Geralmente constitui falta, porém, pode ocorrer no Old English Sheepdog e é típica do Fila Brasileiro.**

Figura 115: Movimento em passo de “camelo” do cão.

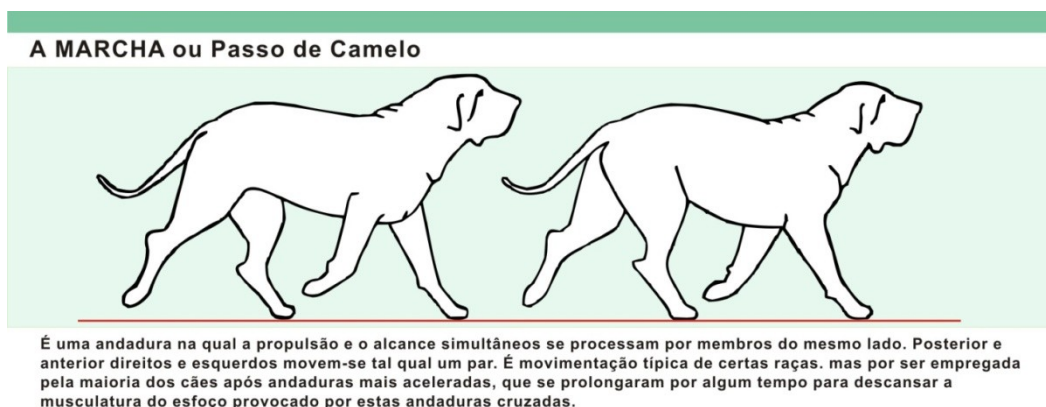
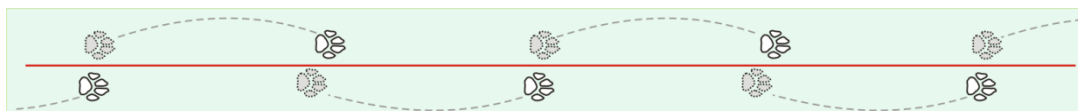


Figura 116: Rastros de um movimento em passo de “camelo” do cão.



Fonte: ELLIOTT, R. P. *Dog Steps - A New Look*, 2001.

2.3.6.3. Trote Flutuante ou Trote Ligeiro

Como no trote, os cães que o realizam tocam as patas diagonalmente opostas simultaneamente no solo (figuras 117 e 118). Nesse tipo de movimento, a propulsão dos pélvicos é tão grande que, para compensar, o cão fica um instante de tempo totalmente no ar, “flutuando”; as pegadas dos pélvicos caem adiante das pegadas dos torácicos, formando uma trilha única (“single tracking”). É comum a sua ocorrência em raças com excelente propulsão, como, por exemplo, no Pastor Alemão.

2.3.6.4. Trote Tipo “Hackney”

Ocorre uma elevação excessiva dos membros torácicos, que são colocados acima da linha do cotovelo e que podem, dessa forma, ocasionar uma flexão (“quebra”) da munheca (figura 119); os pélvicos também executam, em geral, uma movimentação alta. Para a sua realização ocorre, por não seguir a lei natural de se movimentar com o mínimo esforço, um maior dispêndio de energia e geralmente **constitui falta**. Recebe essa denominação devido à semelhança do movimento do cavalo da raça **Hackney**.

Figura 117: Movimento em trote flutuante do cão.

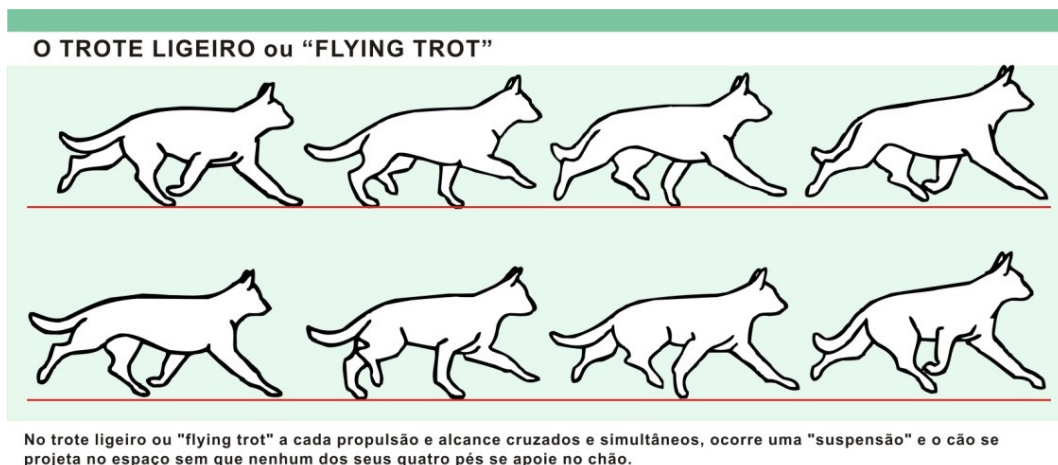
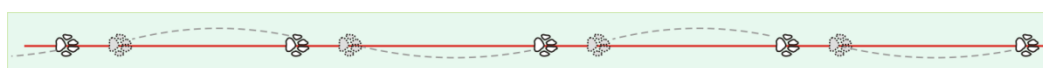
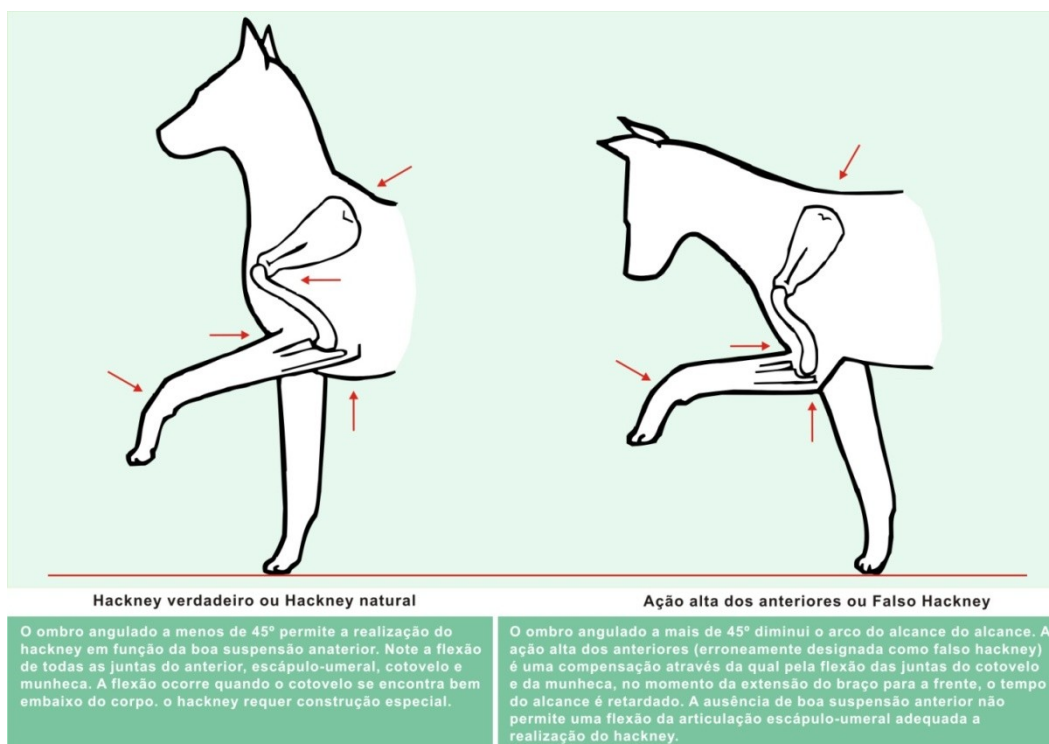


Figura 118: Rastros de um movimento em trote flutuante do cão.



Fonte: ELLIOTT, R. P. *Dog Steps - A New Look*, 2001.

Figura 119: Movimento em trote tipo "hackney" do cão.



2.4. COMO AVALIAR UMA CORRETA MOVIMENTAÇÃO

2.4.1. Com o Cão Parado

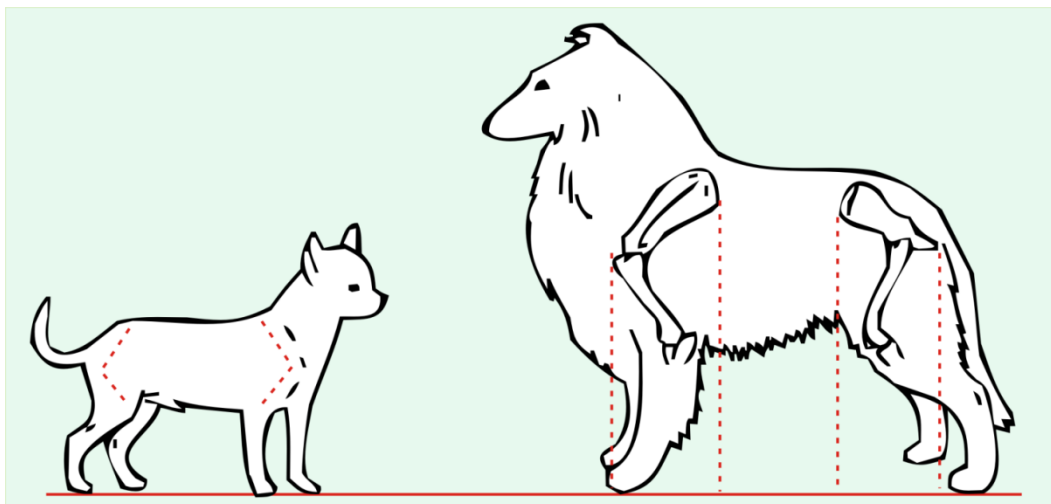
Os principais pontos a serem observados para prever uma correta movimentação, mesmo examinando o cão parado, são:

- a) *Posição da cernelha*
- b) *Posição dos membros torácicos*
- c) *Posição dos membros pélvicos*
- d) *Conformação do peito e antepeito*
- e) *Conformação da linha superior*

As conformações e posicionamentos corretos desses itens compõem o que se denomina de uma **boa estrutura corporal** (figuras 120, 121 e 122) e, em consequência, proporcionam um **bom balanceamento** e uma **movimentação correta**, que, de maneira geral, é característica para cada **tipo esquelético de acordo com a função que desempenha**.

Pode-se, ainda, determinar o que se denomina **Teste Prático do Triângulo** (como previamente descrito), mesmo com o cão parado, para que se tenha uma boa indicação do alcance dos torácicos e, conseqüentemente, da fluidez da sua movimentação.

Figura 120: Cão parado com angulações e linha superior corretas para o tipo esquelético (vista lateral).



Fonte: ELLIOTT, R. P. *Dog Steps - A New Look*, 2001.

Figura 121: Posicionamentos e angulações genericamente corretas dos membros torácicos e pélvicos do cão.

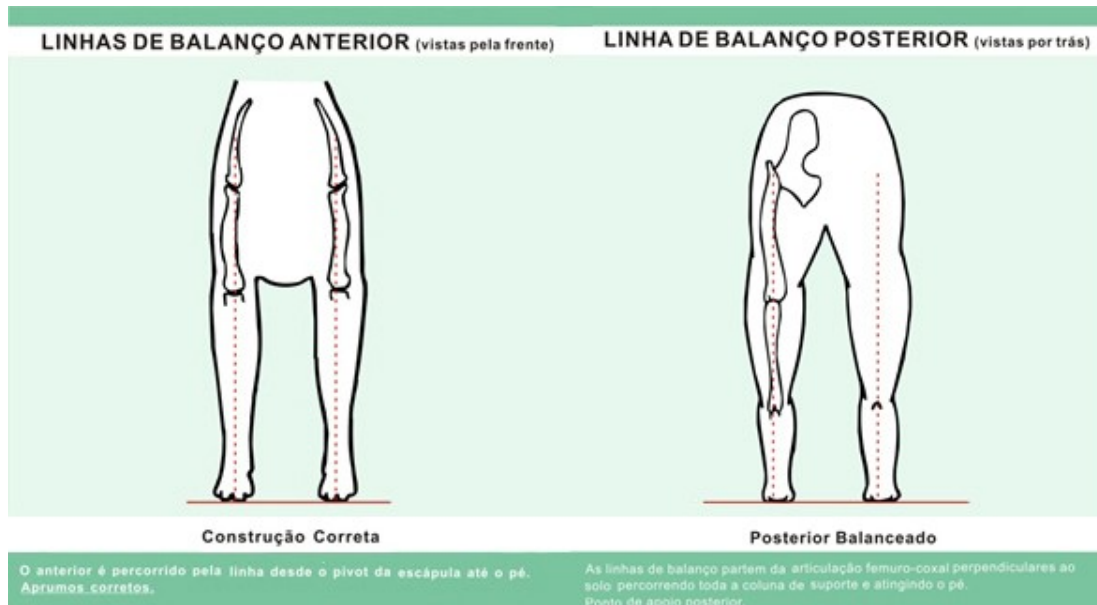
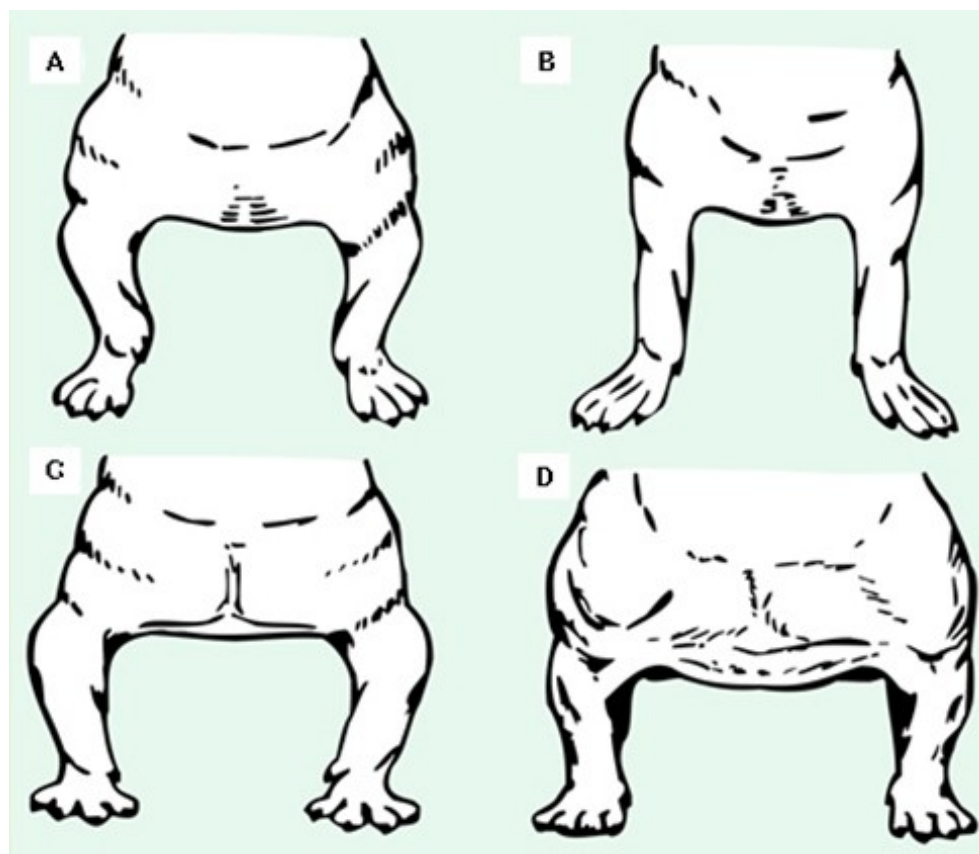


Figura 122: Posicionamentos incorretos (A - metacarpos virados para fora; B - metacarpos cedidos; C - cotovelos voltados para fora e dedos abertos) e correto (D) do membro torácico do cão (vista frontal).



Fonte: HANES, B. C. *The New Complete Bulldog*, 1976.



2.4.2. Com o Cão em Movimento

Na avaliação da movimentação de cães exige-se, de maneira geral, que o animal se movimente trotando (ao trote), porém, pode haver a necessidade de que se execute, além desse, algum outro tipo de movimento, como, por exemplo, o caminhar ao passo, que pode servir tanto para avaliar se determinado exemplar apresenta o movimento típico exigido naquela raça (Ex.: passo de “camelo” no Fila Brasileiro) quanto pode contribuir na identificação de uma leve claudicação (mancar) que possa não ser facilmente detectada no trote. No geral, para que se tenha uma visão geral do balanço e movimento do cão, é importante que ele seja avaliado tanto indo (visto por trás) e vindo (visto pela frente), quanto lateralmente.

2.4.2.1. Movimentação de Ída (Vista por Trás) e Volta (Vista pela Frente)

Observando-se o cão em movimento de ida e volta, o ponto chave é o ***plano formado pela pata torácica que toca o solo no momento do toque da pata pélvica contralateral*** (do outro lado), sendo tal característica de movimento válida para todos os cães que fazem trilha simples ou trilha dupla.

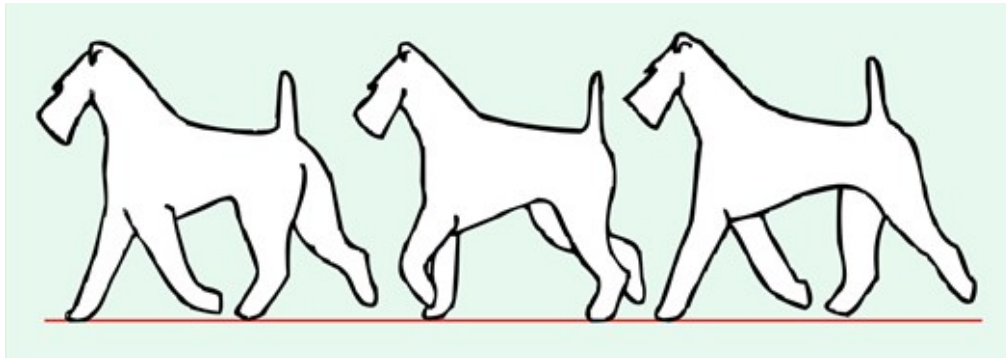
Esse tipo de movimentação serve, ainda, para identificar determinadas faltas, tais como: “caranguejar” (movimento decorrente de propulsão maior que o alcance e no qual a frente do cão não fica no mesmo plano da sua parte de trás, parecendo, dessa forma, que se está movimentando lateralmente); remar (quando visto de frente, o cão faz, com o membro torácico, um movimento circular lateral ao eixo central do seu tronco); cotovelo para fora (o cotovelo é expulso lateralmente, afastando-se do tórax); pé para dentro (o pé se coloca muito medialmente na execução do movimento); jarrete de vaca (os jarretes se posicionam mais próximos do que deveriam, geralmente “expulsando” o pé pélvico para fora); jarrete para fora (o jarrete está muito voltado para a lateral durante a movimentação e, de forma compensatória, o pé pélvico coloca-se muito medialmente); joelho para fora (o joelho é deslocado para a lateral durante o movimento); e “escovar” os jarretes (os jarretes quase se tocam entre si).

2.4.2.2. Movimentação Lateral (Vista de Lado)

Já na movimentação lateral, avaliada ***quando o cão anda em círculo ou, no movimento em “triângulo”, quando é observado lateralmente*** (figura 123), objetiva-se examinar: o seu alcance, ação de “pilão” (propulsão do movimento), ação de “flap” (direção do movimento), ocorrência de sobrepasso (figura 124), ação tipo “hackney”, munheca cedida, carpeamento ou sela da linha superior por desequilíbrio entre angulações de membros torácicos e pélvicos (figuras 124 e 125).

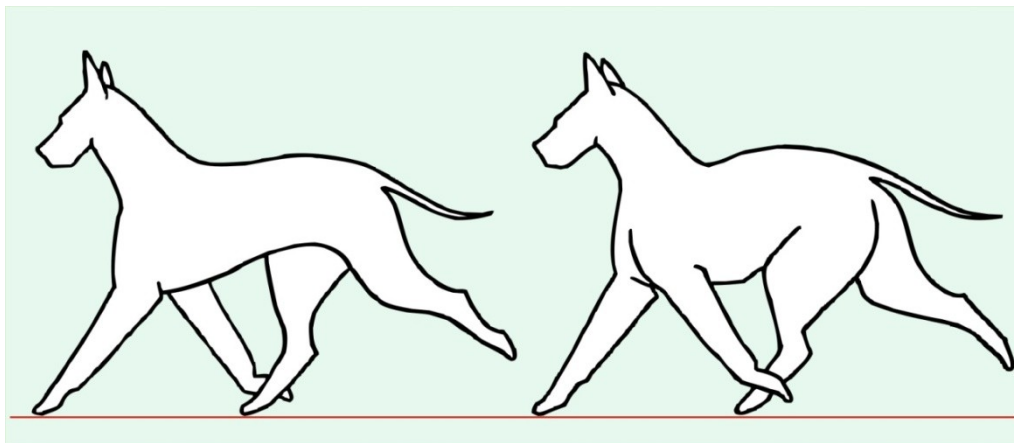
Para que não haja interferência do apresentador, prejudicando o cão ou tentando esconder faltas, as movimentações tanto de ida e volta quanto lateralmente devem ser realizadas com a guia frouxa, ou seja, sem tração da região cervical do animal para cima (figura 126).

Figura 123: Movimentação correta (vista lateral) de um cão para o seu tipo esquelético.



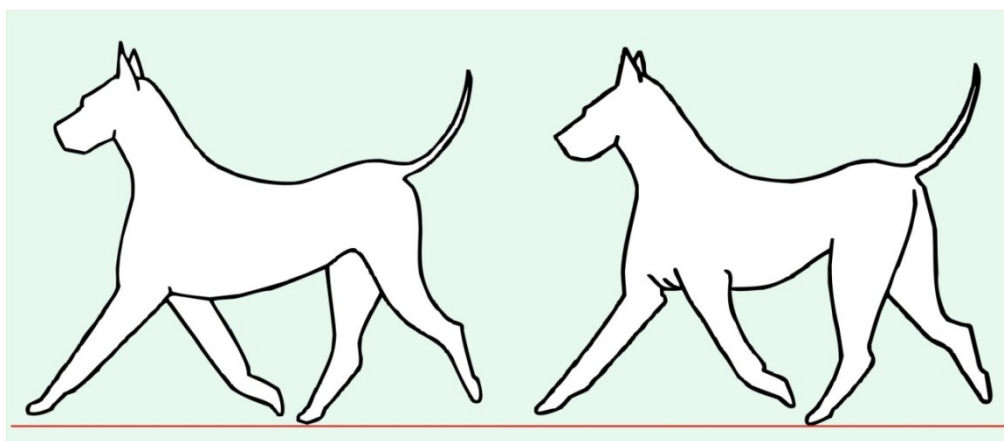
Fonte: ELLIOTT, R. P. *Dog Steps - A New Look*, 2001.

Figura 124: Movimentação desbalanceada de um cão (vista lateral) - sobrepasso, linha superior carpeada, propulsão maior que o alcance.



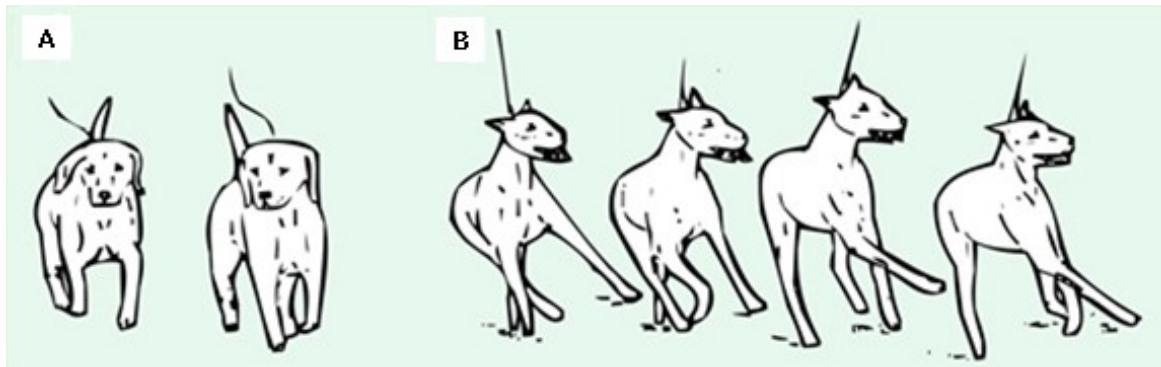
Movimentação desbalanceada - excesso de propulsão - interferência dos anteriores nos posteriores (sobrepasso ou "over reaching") - linha superior carpeada - arco da propulsão maior que o do alcance.

Figura 125: Movimentação desbalanceada de um cão (vista lateral) - linha superior selada, alcance maior que a propulsão.



Movimentação desbalanceada - propulsão insuficiente - posteriores pisam antes da pegada dos anteriores - linha superior selada - arco da alcance maior que o de propulsão.

Figura 126: Movimentação do cão (vista de frente) - (a) movimento correto; (b) movimento incorreto em função da interferência da guia tracionada pelo seu condutor.



Fonte: ELLIOTT, R. P. Dog Steps - A New Look, 2001.

3. BALANÇO

Balanço ou **balanceamento** é empregado no sentido de **equilíbrio**, ou seja, vencer as forças naturais e manter-se em uma **posição estável** e com o mínimo de esforço possível. O cão é um quadrúpede e, portanto, possui quatro pontos de contato com o chão ou **quatro pontos de apoio**, entre os quais deve estar distribuído o seu peso. A manutenção do seu **equilíbrio estático e dinâmico** é, de uma maneira geral, propiciado pelo seu **centro de gravidade**.

3.1. CENTRO DE GRAVIDADE DO CÃO

O corpo do cão pode ser aferido de acordo com o seu volume e o seu peso, sendo, esse último, calculado levando-se em consideração a ação da gravidade sobre seu corpo. Assim é que, por exemplo, um cão na Lua, com o mesmo volume que na Terra, teria um peso muito menor naquela, pois, a ação da força da gravidade na Lua é muito menor em comparação com a sua ação na Terra. Portanto, caso fosse concentrada toda a massa do cão num único ponto do seu corpo de tal forma que a ação da força da gravidade pudesse atuar apenas aí, provavelmente ele giraria o seu corpo em torno desse ponto, podendo, inclusive, ficar de cabeça para baixo ou em qualquer posição, tal como se sua massa estivesse concentrada num único ponto no interior do seu corpo. **Esse ponto é o seu centro de gravidade.**

Já na Terra, ao parar no solo com os quatro membros, a força da gravidade atuando sobre sua massa (ou seja, sobre seu peso) ficaria distribuída em suas quatro patas pelo princípio físico da ação e reação. Assim, esses quatro pontos de apoio formam o desenho de um quadrilátero no solo e, caso uma perpendicular ao solo, baixada do centro de gravidade, tocar no solo dentro desse quadrilátero, o cão permanecerá em equilíbrio estável; por outro lado, caso toque o solo fora desse quadrilátero, ele certamente cairá. **Um cão bem construído ficará, portanto, parado, sem esforço, com os seus quatro pés colocados nos pontos de apoio.**



Nesse, sentido, caso o cão deseje se mover para frente, ele terá que baixar a cabeça e, com isso, deslocará o seu centro de gravidade para frente; já para aumentar a velocidade desse movimento para frente, ele produzirá uma força muscular de propulsão com a pata traseira; por outro lado, para manter-se em movimento e não cair, ele levará um membro torácico à frente, o mais longe possível para, assim, ter bom alcance e evitar que a perpendicular que passa pelo seu centro de gravidade caia fora do quadrilátero de equilíbrio formado pelos pés no chão. É dessa forma que, de maneira geral, o cão executa o seu movimento de locomoção. O termo movimentação é, em cinofilia, normalmente utilizado como sinônimo de locomoção à frente, porém, tecnicamente, pode englobar outras formas de movimento, como, por exemplo, o ato de se coçar, menear-se (sacudir-se) e cair, entre outros.

A cabeça e a cauda (quando essa existe) também desempenham um importante papel na movimentação do cão. Com relação à primeira, além de deslocar o centro de gravidade para frente para dar início à movimentação (conforme descrito anteriormente), ela pode, ainda, elevar-se para, dessa forma, deslocar o centro de gravidade para trás e, assim, parar o movimento; já a cauda pode, por exemplo, auxiliar o cão a se levantar (ainda com o animal deitado, a cauda inicia o movimento dando uma “chicotada” ou um “impulso” inicial no chão, para, dessa forma, transferir o seu centro de gravidade para outra posição que permita que o cão mantenha-se estável em pé) ou, ainda, parar o movimento do cão (de forma que, elevando-se, tal como o *flap* de um avião, intercede “freando” o movimento).

Uma grande oscilação lateral do centro de gravidade dos cães implica em dispêndio desnecessário de energia. Para que isso seja minimizado, o cão aproxima suas patas de uma linha que é a intersecção do plano que divide o cão em duas metades longitudinais e simétricas (desde a ponta do focinho até a ponta da cauda), sendo, o solo, o plano de simetria longitudinal do cão e que faz intersecção com o piso ou plano de apoio horizontal (É, portanto, a trilha que o cão segue). ***O cão, em seu deslocamento para diminuir a oscilação lateral de seu centro de gravidade e, por conseguinte, poupar energia, aproxima os membros torácicos e pélvicos dessa linha (trilha).***

3.2. DESBALANCEAMENTOS OU DESEQUILÍBRIOS

Os ***desbalanceamentos ou desequilíbrios dinâmicos*** do cão podem ocorrer, de uma maneira geral, pela variação:

- *de tamanho, medidas e distância da cabeça;*
- *dos diâmetros da caixa torácica;*
- *dos ângulos e posição do ombro;*
- *dos diâmetros, angulações e inclinação da garupa;*
- *no comprimento e nos ângulos dos membros;*
- *da cauda (local de inserção, forma, comprimento e porte)*



Ainda, os **problemas médicos de ombro e joelho** podem, também, interferir no **balanço ou equilíbrio dinâmico do cão** como um todo. Quanto a esses, é interessante observar que, por vezes, o cão pode, quando em movimento, apresentar alguma alteração na movimentação em função de um problema clínico, mas que pode não ser manifestada com o animal parado. *Ex.*: claudicar (mancar) com o(s) membro(s) torácico(s) por uma alteração no(s) mesmo(s) e que, pelo desconforto local, culmine na manifestação clínica de dor e consequente claudicação (*Ex.*: displasia do cotovelo); saltitar com seu(s) membro(s) pélvico(s) quando em movimento, muito embora, quando parado, o(s) mesmo(s) apresentem boas angulações, o que pode, por exemplo, ser causado por problemas de patela (*Ex.*: Luxação de patela) e/ou fabela.



4ª PARTE: MISCELÂNEA



1. CLASSIFICAÇÃO DOS CÃES

1.1. QUANTO À FUNÇÃO

1.1.1. Classificação em Grupos da FCI e Considerações

Foi a partir de 1965 que a Federação Cinológica Internacional (FCI), através do seu Comitê Científico, **estabeleceu uma divisão em grupos baseada, primordialmente, na índole ou função da raça**, ou seja, aquelas utilizadas para fins semelhantes passaram a fazer parte de um mesmo grupo. As raças de cães oficialmente aceitas pela FCI são divididas em 10 grupos, conforme segue:

- *Grupo 1:* Cães Pastores e Boiadeiros, exceto os Suíços;
- *Grupo 2:* Cães do Tipo Pinscher e Schnauzer, Molossos e Boiadeiros Suíços;
- *Grupo 3:* Terriers;
- *Grupo 4:* Dachshunds (Teckels);
- *Grupo 5:* Cães do Tipo Spitz e do Tipo Primitivo;
- *Grupo 6:* Cães do Tipo Sabujo e Rastreadores;
- *Grupo 7:* Cães de Aponte;
- *Grupo 8:* Cães Levantadores, Recolhedores e de Água;
- *Grupo 9:* Cães de Companhia;
- *Grupo 10:* Lebréis.

Ainda assim, apenas a índole não seria suficiente para classificar adequadamente as quase 350 raças já reconhecidas pela FCI, motivo pelo qual foram criados, dentro desses grupos, os subgrupos (ou também denominados de **secções**), dentro dos quais se reuniram raças com semelhanças no tamanho (ou porte), tipo estrutural, funcionalidade atual e função para a qual a raça fora inicialmente criada, ou seja, uma ampla gama de características em comum com o intuito de categorizar as diferentes raças, em se considerando tais pontos, da forma mais homogênea possível. Dessa forma, ao se identificar o grupo e o subgrupo aos quais pertencem determinada raça, pode-se ter uma noção aproximada dos seus principais atributos, tais como a função da raça, fenótipo, temperamento, dentre outros, uma vez que são qualificações comuns às raças pertencentes ao(s) mesmo(s).

Relativamente à criação e seleção de cães de raça pura, todas as raças oficialmente reconhecidas pela FCI (e, por conseguinte, por ser afiliada a essa, também admitidas pela CBKC) apresentam o que se denomina de **padrão racial** que, de uma maneira geral, funciona como uma referência para a criação organizada à medida que descreve de forma detalhada as características consideradas ideais para cada uma delas.

Quanto aos **padrões raciais** adotados pela FCI, cabe ao país de origem de cada raça, em colaboração com as Comissões de Padrões e Científica da FCI, a responsabilidade tanto pela sua elaboração quanto por eventuais modificações realizadas nos mesmos ao longo do tempo. Assim, no caso, por exemplo, das raças **Fila Brasileiro** e **Terrier Brasileiro**, em sendo o Brasil o país de origem de ambas, é facultada à CBKC tal responsabilidade.

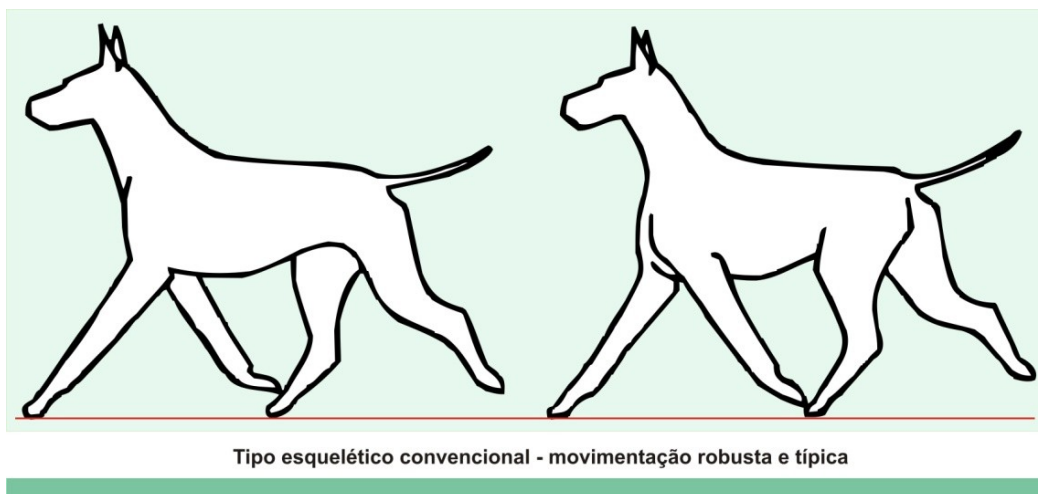
1.2. QUANTO AO TIPO ESQUELÉTICO

Embora seja considerada, genericamente, outra forma de classificação, está compreendida na classificação anteriormente apresentada (Grupos da FCI), sendo que os **tipos esqueléticos** considerados são:

1.2.1. Tipo Esquelético Convencional

Apresenta como principais características: costelas com bom arqueamento; ombros bem angulados; garupa com inclinação de cerca de 30°; pescoço portado a aproximadamente 45°; movimentam-se fazendo trilhas com rastros simples (figura 127). **A maior parte das raças caninas oficialmente reconhecidas apresenta esse tipo esquelético.** Ex.: Australian Cattle Dog, Beagle, Dobermann, Dogue Alemão, Cães Apontadores, D'Água e Levantadores em geral.

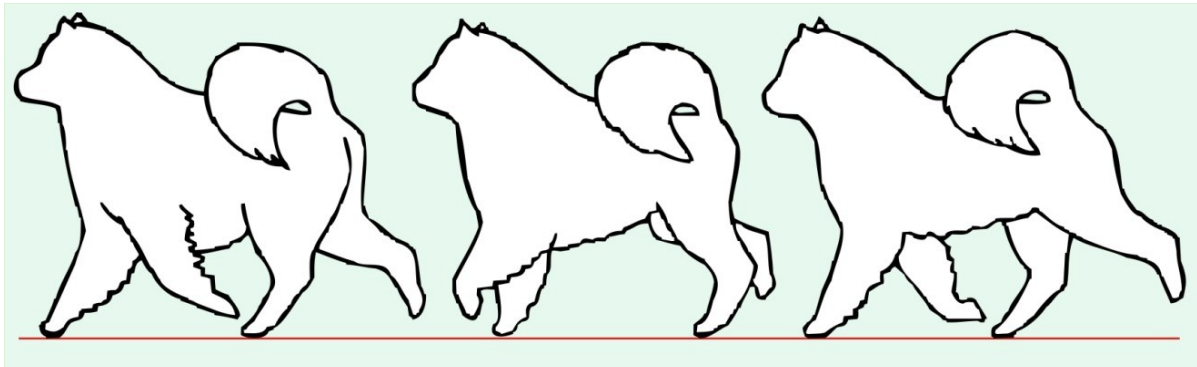
Figura 127: Movimentação de um cão com tipo esquelético convencional (vista lateral).



1.2.2. Tipo Esquelético dos Cães Árticos

As principais características desse tipo esquelético são: cabeça lupóide do tipo “spitz” (vulpínoide); orelhas eretas; pelagem dupla e muito densa; cães, em geral, com boa quadratura (tronco relativamente quadrado ou ligeiramente retangular); caixas torácicas com arqueamento pronunciado; garupa larga e curta; portam a cabeça, quando em movimento, a aproximadamente 30° acima da linha superior (figura 128). Corresponde aos **Cães Árticos em geral** (Grupo 5 da FCI, exceto os primitivos). Ex.: Akita, Chow Chow, Elkhound Norueguês Cinza, Husky Siberiano, Malamute do Alaska, Samoieda, Spitz Alemão e Japonês.

Figura 128: Movimentação do tipo esquelético dos cães árticos (vista lateral).

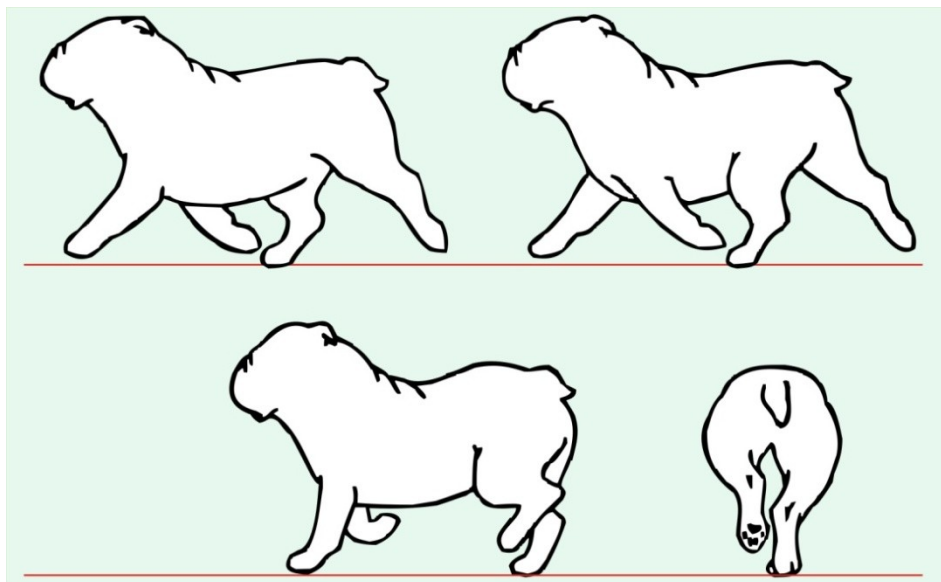


Tipo esquelético dos cães árticos - movimentação robusta e típica

1.2.3. Tipo Esquelético dos “Frentes Largas”

Suas principais características são: tórax amplo; quando em movimento, portam a cabeça com ângulo menor do que 30° em relação à linha superior (figura 129); movimentam-se, em geral, formando rastros duplos; em sendo os membros pélvicos mais leves e mais estreitos que a garupa, podem fazer movimento em “roll” (“rebolado”). Compreende os **cães do “tipo Bull”** e os **Molossos** em geral. Ex.: American Staffordshire Terrier, Buldogue Francês, Bulldog, Bull Terrier, Fila Brasileiro, Pug.

Figura 129: Movimentação do tipo esquelético dos cães de “frente larga” (vistas lateral e caudal).

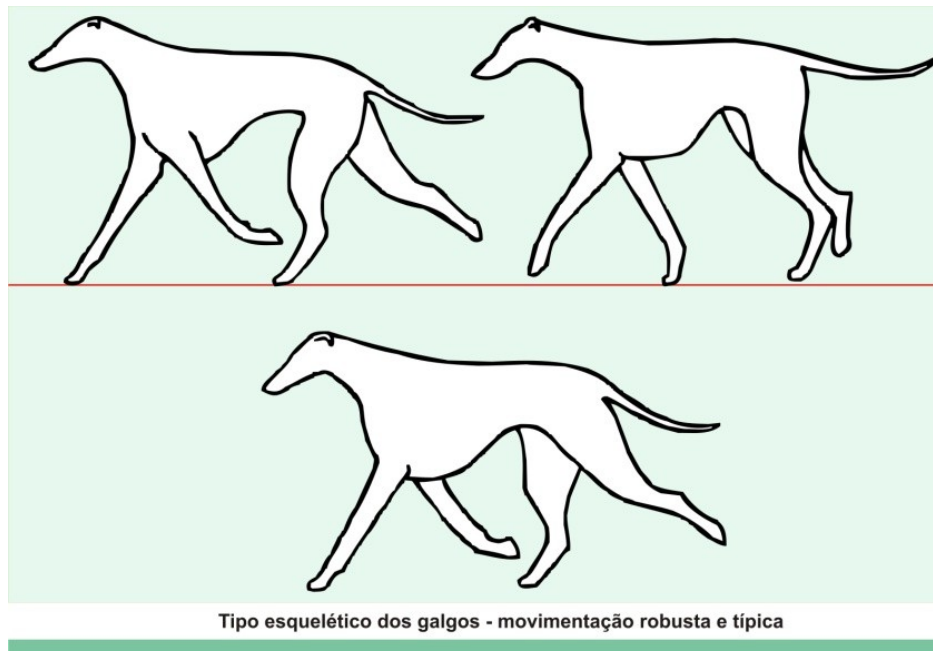


Tipo esquelético dos cães de frente larga - movimentação robusta e típica

1.2.4. Tipo Esquelético dos Lebréis

Apresentam como principais características: tórax mais profundo que largo; cabeças mesaticéfalas ou dolicocefálicas; quando em movimento, portam a cabeça mais próxima da linha superior (figura 130). Corresponde, em geral, a todos os **Lebréis** (Grupo 10 da FCI) e alguns **cães do “tipo Primitivo”** (Grupo 5 da FCI). Ex.: Cirneco de Étna, Greyhound, Pequeno Lebrél Italiano, Podengo Ibicenco, Whippet.

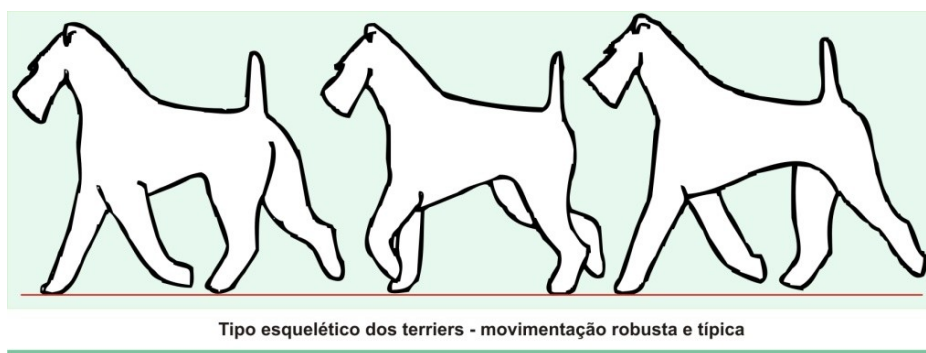
Figura 130: Movimentação do tipo esquelético dos lebréis (vista lateral).



1.2.5. Tipo Esquelético dos Terriers

As suas principais características são: orelhas em botão ou eretas; ombros colocados para trás; escápula angulada a menos de 45° em relação à horizontal; jarretes muito curtos; quando em movimento, portam a cabeça alta (figura 131). Compreende os cães **Terriers de médio e grande porte** (Grupo 3 da FCI, secções dos Terriers de talhe grande e médio). Ex.: Airedale Terrier, Bedlington Terrier, Kerry Blue Terrier,

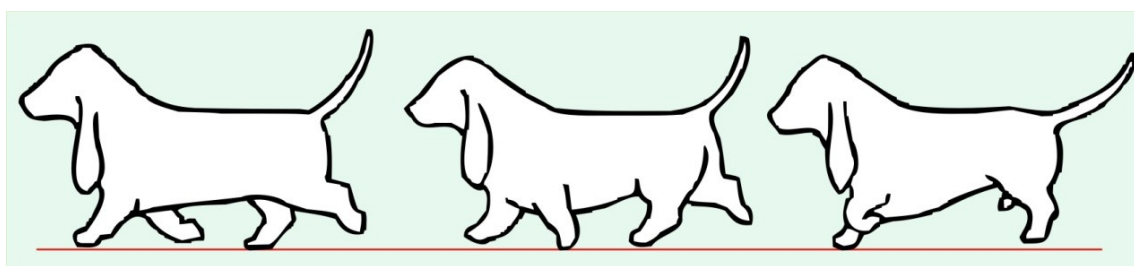
Figura 131: Movimentação do tipo esquelético dos Terriers (vista lateral).



1.2.6. Tipo Esquelético dos Cães de “Patas Curtas”

Apresentam como principais características: patas curtas em relação ao comprimento do tronco (corpo alongado); o cotovelo fica geralmente acima do nível inferior do esterno; os ossos rádio e ulna se encurvam para dentro e para baixo da caixa torácica, de forma que os pés fiquem sob o peito; em virtude da necessidade de cavar, desviam os pés ligeiramente para fora; a movimentação pode formar rastros com quatro “pegadas” distintas; quando em movimento, a cabeça fica portada a aproximadamente 45° em relação à linha superior (figura 132). Compreende os **Terriers de pequeno porte** (Grupo 3 da FCI, secção Terriers de pequeno porte), os **Dachshunds (Teckels)** em geral (Grupo 4 da FCI) e os **cães do tipo “hound” de patas curtas que caçam pelo faro, seguindo rastros** (parte do Grupo 6 da FCI). Ex.: Basset Hound, Dachshunds, Jack Russel Terrier, Norfolk e Norwich Terrier.

Figura 132: Movimentação do tipo esquelético dos cães de “patas curtas” (vista lateral).



Tipo esquelético dos cães de patas curtas - movimentação robusta e típica

2. TEMPERAMENTO

O temperamento é de extrema importância na seleção de cães de raça, sendo que, de um modo geral, os tipos de temperamento considerados ideais na criação de cães são: firme, equilibrado, tranquilo, seguro e confiável, tanto com motivação muito alta quanto de média para alta, dependendo da raça.

O fator temperamento é tão importante na criação organizada que, no geral, **os padrões raciais apregoam que cães que apresentam qualquer problema de temperamento devem ser desqualificados ou, ainda, que cães agressivos ou extremamente tímidos (medrosos) sejam seriamente penalizados.**

Assim, cães com temperamento firme, porém, que perdem o controle ou, ainda, quaisquer outros tipos de temperamentos que não os contemplados nos padrões racionais, devem ser aliçados da criação. Todas as provas de trabalho da FCI para cães de guarda e proteção desqualificam cães medrosos, sendo que a idade mínima para que o cão participe das mesmas é de 24 meses (faixa etária estimada para que ocorra a completa formação do temperamento do cão).



3. AVALIAÇÃO DO ESTADO GERAL

O **estado geral** do cão é subjetivamente constatado tanto pelas suas condições de saúde (condição corporal, grau de atividade, entre outros) quanto de sanidade (higiene, salubridade) no momento da avaliação, o que quer dizer que um animal pode apresentar um estado meramente transitório (obesidade ou caquexia, por exemplo), porém, que afete a sua condição geral à medida que o impeça de desenvolver a(s) função(ões) à(s) qual(is) estaria apto a exercer ou que não seja(m) compatível (is) à(s) da sua raça, e, portanto, passíveis de penalização naquela oportunidade.

As condições de pelagem estão incluídas nesse item, uma vez que ela faz parte não só da constituição do fenótipo como um todo (como, por exemplo, nos cães de companhia com pelagem exuberante ou naquelas raças que devem apresentar tosas específicas), mas, também, desempenha, de modo geral, um papel fundamental na função da raça (Terriers com pelagem dura e, conseqüentemente, facilmente arrancável, servindo, dessa forma, de proteção contra agressões; cães de caça em tocas que devem ter pelagem mais longa acima dos olhos, como sobrancelhas, para evitar que a terra caia no interior dos mesmos; ou, ainda, barba e bigode para proteger o focinho de uma eventual mordida de suas presas; pelagens duplas e muito fechadas que têm como papel proteger o corpo do frio intenso, da água ou da umidade, e assim por diante). Dessa forma, a pelagem inadequada é sempre falta, e será tanto mais grave quanto maior for a interferência com a saúde do cão ou que comprometa a sua integridade física.

Além disso, o preparo da pelagem não possui apenas conotações estéticas ou de beleza e também interfere no desempenho da função. Assim é que, por exemplo, Terriers com pelagens macias são vulneráveis ao ataque das suas presas; Poodles com pelagens curtas tornam-se inaptos às águas geladas dos lagos; cães que devem enfrentar intempéries e com pelagens ralas, tornam-se absolutamente propensos às doenças; e cães de companhia com pelagem longa podem adquirir uma aparência absolutamente imprópria para a sua finalidade. Já nos cães de trabalho, marcas ou cicatrizes provenientes do desempenho da sua função não devem ser penalizadas.

4. DESQUALIFICAÇÕES E DESCLASSIFICAÇÕES

Existem condições que afastam o cão completamente das exposições de beleza e que os impedem de serem julgados. Algumas, consideradas um tanto quanto genéricas, impossibilitam o exercício do trabalho a que se destina ou à reprodução; outras, consideradas mais específicas, têm conotações com as qualidades indesejáveis que podem afastar a raça das funções ou trazer à tona características já expurgadas, sendo, portanto, consideradas degenerações.

4.1. DESQUALIFICAÇÕES OU FALTAS DESQUALIFICANTES

Existem determinadas características físicas que são consideradas incompatíveis com a manutenção de boas condições de saúde e com o bem estar dos cães e que constituem as denominadas **desqualificações**. São, portanto, condições definitivas e que tornam o cão inapto para reprodução. Podem ser:



4.1.1. Desqualificações Gerais

Estão apregoadas em todos os padrões raciais e, portanto, devem ser consideradas para todos os cães de raça. As principais faltas desqualificantes:

4.1.1.1. Cegueira

Corresponde à incapacidade de enxergar, podendo ser de origem hereditária (congenita) ou adquirida e manifestar-se em qualquer idade, dependendo da causa e da evolução. Pode estar ligada a fatores de pigmentação e, por essa razão, olhos muito claros constituem **falta** na maioria das raças, uma vez que cães albinos podem ser cegos. As lesões do nervo ótico e da retina estão entre as enfermidades geneticamente transmissíveis e que podem ocasionar cegueira.

4.1.1.2. Surdez

É a incapacidade de ouvir e, portanto, dificulta a execução de qualquer tipo de trabalho pelo cão (torna-o, por exemplo, vulnerável às agressões da presa ou do agressor), bem como interfere no seu convívio diário. É, de uma maneira geral, muito difícil de ser avaliada em uma exposição de beleza.

4.1.1.3. Anomalia Física

Constitui uma anomalia natural (congenita) ou artificial (mutilação adquirida) que pode ser, por exemplo, de um membro, sendo que, em geral, não se tem meios de se estabelecer a sua origem, a não ser que se saiba o que a ocasionou. É mister que se considere que a falta de um dedo, por exemplo, não constitui um aleijão; entretanto, a falta de um membro sim, tendo em vista que inutiliza o cão para a realização do trabalho.

4.1.1.4. Criptorquidia (Mono ou Bilateral)

Corresponde à ausência, no macho, de um (monorquidia) ou ambos os testículos na bolsa escrotal. É de caráter hereditário e, portanto, o cão deve ser considerado como inapto para a reprodução. Ainda quanto aos testículos, está explícito nos padrões raciais que **os testículos devem ser de tamanhos aproximadamente iguais**, assim, em havendo testículos de tamanhos diferentes (por uma atrofia e/ou hipertrofia testicular), como não é possível, somente à palpação, distinguir se o problema é hereditário ou adquirido, deve-se recorrer à avaliação de um Médico Veterinário para um parecer final (ou seja, não se pode, somente pelo tato, concluir que se trata de uma falta desqualificante).

4.1.2. Desqualificações Específicas

Os padrões das raças podem estabelecer **desqualificações específicas** que visam, de uma maneira geral, manter as características raciais dentro dos limites utilitários considerados aceitáveis para a mesma.



Quaisquer desvios dos pontos apontados nos padrões raciais devem ser levados em consideração e, caso não constem como faltas (leves, graves ou desqualificantes) nos itens correspondentes no padrão daquela raça, devem ser penalizados na exata proporção da sua gravidade pelo árbitro e considerados pelo criador na seleção do exemplar. *Ex.:* um cão adulto tímido e que, durante a movimentação, baixa demasiadamente a cauda e a esconde entre os membros pélvicos ao parar, certamente apresenta problema de temperamento; uma excessiva angulação de joelhos e jarretes pode favorecer o desenvolvimento de doenças precoces ou prejudicar a qualidade de vida na velhice; um focinho com pouca substância pode corresponder a um maxilar fraco e que pode fazer com que um cão que morda em tesoura possa vir a ser prognata inferior quando mais velho; as marcações de pelagem podem, em determinadas raças, ser fator de desempate entre cães com qualidades semelhantes, devendo-se, de uma maneira geral, preterir o de marcação incorreta em relação ao correto; o uso de artifícios para corrigir determinados problemas é uma falta grave e, em se constatando, pode ser, inclusive, passível de desqualificação; e assim por diante. ***Centrada na qualidade de vida do cão, a FCI recomenda que não se incentivem exageros em detrimento à saúde funcional e bem-estar do cão.***

4.2. DESCLASSIFICAÇÕES OU FALTAS DESCLASSIFICANTES

Constituem condições transitórias que afastam o cão das exposições de estrutura e beleza. Podem ser:

4.2.1. Desclassificações Gerais

São condições que afastam cães de qualquer raça das competições. De um modo geral, as ***desclassificações gerais*** ocorrem por:

4.2.1.1. Sinais de Doenças Infecciosas e/ou Parasitárias

É uma medida estabelecida em benefício dos outros cães, uma vez que a impossibilidade de manutenção de cães com manifestações clínicas de doenças infecciosas e/ou parasitárias no local do evento minimiza a possibilidade de transmissão da enfermidade para outros animais. Genericamente, os principais sinais clínicos compatíveis com tais enfermidades são: apatia, prostração, magreza e/ou caquexia; olhos congestos, com produção excessiva de lágrima e/ou com secreção seropurulenta; corrimento nasal, esternutação (espirro) e/ou tosse; êmese (vômito) e/ou diarreia; problemas de pele em geral, tais como alopecia (queda de pelos), descamação, crostas, úlceras, erupções, pústulas e prurido (coceira), entre outros; papilomatose oral (verrugas na boca) e/ou corporal. **O cão portador de qualquer desses sintomas deve ser desclassificado.**

4.2.1.2. Fêmeas em Adiantado Estado de Gestação ou em Aleitamento

Trata-se de uma medida estabelecida em benefício principalmente da prole (ninhada), portanto, qualquer cadela nessas circunstâncias deve ser afastada da competição.



4.2.2. Desclassificações Específicas

Estão estabelecidas pelos padrões racionais em caráter particular, sendo, no entanto, condições momentâneas e, portanto, possíveis de serem corrigidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENGTSON, B.; WINTZELL, Á.; SWEDRUP, I. **Cães - Enciclopedia Universal**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, Brasil, 1982. 303p.

BROWN, T.R.; GILBERT JR., E. **K-9: Structure & Terminology**. Nova Jersey: Howell Book House, EUA, 1995. 233p.

COLVILLE, T. P.; BASSERT, J. M. **Anatomia e Fisiologia para Medicina Veterinária**. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, Brasil, 2010. 543p.

DYCE, K.M.; SACK, W.O.; WENSING, C.J.G. **Tratado de Anatomia Veterinária**. 3.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, Brasil, 2004. 668p.

ELLIOTT, R.P. **Dog Steps - A New Look**. Arizona: Doral Publishing, EUA, 2001. 68p.

GLOVER, H. **A Standard Guide to Pure-Breed Dogs**. 1.ed. Londres: Macmillan, Inglaterra, 1977. 422p.

HANES, B. C. **The New Complete Bulldog**. 3.ed. Califórnia: Howell Book House Inc., EUA, 1976. 288p.

HART, E.H. **Encyclopedia of Dog Breeds**. 2.ed. T.F.H. Hardcover: TFH Publications Inc., EUA, 1975. 782p.

HOLLENBECK, L. **The Dynamics of Canine Gait**. 2.ed. Flórida: Denlinger's Publishers Ltda, EUA, 1981. 218p.

LAMPSN, S. **The Book of Dogs**. 1.ed Devon: David & Charles, Newton Abbot, Inglaterra, 1974. 224p.

FISCHER, M.S.; LILJE, K.E. **Hunde in Bewegung**. 1.ed. Stuttgart: VDH Service GmbH und Franckh-Kosmos Verlags-GmbH & Co. KG, Alemanha, 2011. 208p.

REECE, W.O. **Anatomia funcional e fisiologia dos animais domésticos**. 3.ed. São Paulo: Roca, Brasil, 2008. 468p.

SISSON, S.; GROSSMAN, J.D.; GETTY, R. **Anatomia dos Animais Domésticos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, Brasil, 1986. 2075p.

TAUSZ, B. **Dicionário de Cinologia**. 1.ed. São Paulo: Livraria Nobel S.A., Brasil, 1997. 369p.

WAGNER, A.; SIDEWATER, A. **Dog Standards Illustrated**. 2.ed. Califórnia: Howell Book House Inc., EUA, 1977.



Qualquer reprodução, total ou parcial, dos textos e ilustrações deste Manual de Estrutura e Dinâmica do Cão somente pode ser feita por autorização formal da CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CINO FILIA (CBKC).

Editado pela Confederação Brasileira de Cinofilia